

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
COMUNICAÇÃO SOCIAL - HAB. PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

**CULTURA E IDENTIDADE REGIONAL: ANÁLISE DA
PEDAGOGIZAÇÃO DA PROPAGANDA POLÍTICA NA
REVISTA “RAINHA DOS APÓSTOLOS”**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Diosen Marin

Santa Maria, RS, Brasil

Julho 2014

CULTURA E IDENTIDADE REGIONAL: ANÁLISE DA PEDAGOGIZAÇÃO DA PROPAGANDA POLÍTICA NA REVISTA “RAINHA DOS APÓSTOLOS”

Diosen Marin

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Comunicação Social –
Habilitação em Publicidade e Propaganda, da Universidade Federal de Santa
Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel
em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda.**

Orientador: Prof. Dr. Flavi Ferreira Lisbôa Filho

Co-Orientador: Alisson Machado

Santa Maria, RS, Brasil

2014

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova o Trabalho de Conclusão de Graduação

**CULTURA E IDENTIDADE REGIONAL: ANÁLISE DA
PEDAGOGIZAÇÃO DA PROPAGANDA POLÍTICA NA REVISTA
“RAINHA DOS APÓSTOLOS”**

elaborada por
Diosen Marin

como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda

COMISSÃO EXAMINADORA:

Flavi Ferreira Lisbôa Filho, Dr.
(Presidente/Orientador)

Tauana Mariana Weinberg Jeffman, Ms. (UFSM)

Rossana Zott Enninger, Ms. (UFSM/POSCOM)

Santa Maria, 01 de julho de 2014.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho é requisito para a obtenção do título de “publicitária”, sonho que embala a minha vida desde a primeira vez que ouvi falar nessa profissão. Entretanto, outros sonhos vieram, a graduação em História e o mestrado, e com paciência ele foi deixado para outro momento. Tantas vezes ensaiei escrever esses agradecimentos, outras tantas almejei o fim desta etapa, nesse momento restam as lembranças dos bons e maus momentos, das alegrias e tristezas, das muitas dúvidas e das poucas certezas, e de todas elas a que mais se sobressai é a saudade. Por isso, uso este espaço para agradecer o incentivo e o apoio dos meus pais, Remi e Elizabeth, irmãs, Dieina e Dielen.

Também gostaria de agradecer ao meu namorado, Vanduir, que acompanhou essa caminhada desde o início e que me ajudou quando a batalha parecia perdida, por isso, obrigado pelo seu carinho, paciência e compreensão ao longo desses quatro anos e meio.

Agradeço ao professor Flavi, meu orientador, que com muita competência, dedicação e uma boa dose de compreensão conduziu este trabalho. Professor foi um imenso prazer ser sua “orientanda de TCC”.

Também agradeço ao maravilhoso co-orientador que o professor Flavi me deu, Alisson. Obrigada pelo seu entusiasmo com o tema, por sua atenção as minhas ideias megalomaniacas, que você gentilmente ouvia sem se desesperar, pelas leituras indicadas e, principalmente, por sua dedicação.

A Rossana e Tauana por aceitarem o convite para constituir a banca examinadora e por contribuírem na constituição deste trabalho.

A Cleuzi, que gentilmente me recebeu no Arquivo Provincial Palotino, onde realizei a pesquisa sobre a revista “Rainha dos Apóstolos” que utilizei na elaboração do trabalho.

Agradeço também ao professor Cláudio Rabelo, coordenador de curso, pelo auxílio nos últimos semestres da faculdade, sem o seu empenho e mediação com o DERCA, provavelmente, ainda seria uma “improvável formanda”.

Aos colegas de curso Bruna, Tatá, Amanda, Hiorran, Tarla, Flávia, e aos demais colegas de outros semestres e habilitações, obrigada pelos bons momentos vividos.

A todos os amigos e familiares que compreenderam as minhas ausências nos últimos quatro anos, obrigado por entenderem que a missão era árdua, mas não impossível.

Meu muito obrigado a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, e não estão nominalmente citados.

RESUMO

Trabalho de Conclusão de Curso
Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda
Universidade Federal de Santa Maria

CULTURA E IDENTIDADE REGIONAL: ANÁLISE DA PEDAGOGIZAÇÃO DA PROPAGANDA POLÍTICA NA REVISTA “RAINHA DOS APÓSTOLOS”

AUTORA: DIOSEN MARIN

ORIENTADOR: DR. FLAVI FERREIRA LISBÔA FILHO

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 01 de julho de 2014.

Este trabalho tem como objetivo analisar a pedagogização da propaganda política, presente na revista católica “Rainha dos Apóstolos”, durante o período histórico brasileiro entendido como Estado Novo, ou seja, de 1937 a 1945, sob o prisma dos Estudos Culturais. Nesse sentido, foram analisadas crônicas, notas e artigos que tratassem sobre o governo - Estado Novo - e seu governante, Getúlio Vargas. Para a realização das análises os conceitos de cultura e identidade regional foram fundamentais, pois por mais que estejamos tratando de uma revista católica temos de considerar que ela é publicada no Rio Grande do Sul, logo elementos de cultura e identidade regional perpassam a sua escrita. Com isso, no decorrer do texto procuramos verificar, através de um processo metodológico próprio e amparado principalmente nos pressupostos teórico-metodológicos dos Estudos Culturais, como o governo e seu governante foram apresentados nesta revista católica, num período em que essas instituições se legitimavam mutuamente.

Palavras-chave: Cultura; Identidade; História da Mídia; Revista Católica; Estudos Culturais

ABSTRACT

Undergraduate Final Work
Course of Social Communication - Advertising and Publicity
Universidade Federal de Santa Maria

CULTURE AND REGIONAL IDENTITY: ANALYSIS OF PEDAGOGIZING POLITICAL PROPAGANDA IN THE MAGAZINE “RAINHA DOS APÓSTOLOS”

AUTHOR: DIOSEN MARIN

ADVISER: DR. FLAVI FERREIRA LISBÔA FILHO

Defense Place and Date: Santa Maria, 1st July, 2014.

This work aims to analyze the pedagogizing political propaganda, present in the catholic magazine, “Rainha dos Apóstolos”, during the brazilian historical period understood as Estado Novo, in other words, of 1937 the 1945, through the prism of Cultural Studies. In this sense, were analyzed chronicles, notes and articles that addressed on the government - Estado Novo - and its ruler, Getúlio Vargas. For perform the analyzes the concepts of culture and identity regional were fundamental, because however much we are dealing with a catholic magazine we have to consider who it is published in Rio Grande do Sul, then those elements cut across your writing. With that, throughout the text sought to verify, through a own methodological process and mainly supported by theoretical and methodological assumptions of Cultural Studies, as the government and their ruler were presented on catholic magazine, a period in which these institutions are mutually legitimized.

Key words: Culture; Identity; History of Media; Catholic Magazine; Cultural Studies

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1-Cartões postais exaltando as realizações do governo Vargas	22
ILUSTRAÇÃO 2- Cartilha “Getúlio Vargas para as crianças”	75

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Nacionalismo/Patriotismo	59
TABELA 2 – Comunismo	62
TABELA 3 –Relação governo/Igreja Católica	67
TABELA 4 – Boa Imprensa Católica	72
TABELA 5 –Educação Católica	76

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – Planilha <i>Corpus</i> da Pesquisa	94
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1.GETÚLIO VARGAS E A PROPAGANDA POLÍTICA A PARTIR DA ABORDAGEM DOS ESTUDOS CULTURAIS	16
1.1 Estado Novo (1937-1945): contexto político.....	16
1.2 O DIP e as ações comunicacionais publicitárias no Governo Vargas	20
1.3 Os Estudos Culturais: das discussões sobre o conceito de cultura a suas contribuições teórico-metodológicas.....	27
2.IDENTIDADES, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO NA REVISTA CATÓLICA “RAINHA DOS APÓSTOLOS”	40
2.1 Identidades, memória e esquecimento: a relação entre o governo e a Igreja Católica durante o Estado Novo	40
2.2 A mídia impressa católica.....	48
2.2.1 A defesa da Boa Imprensa Católica na revista “Rainha dos Apóstolos”	50
2.3 Estruturas de Sentimento: perspectiva metodológica para a análise da pedagogização da propaganda política na revista “Rainha dos Apóstolos”	52
3. A PEDAGOGIZAÇÃO DA PROPAGANDA POLÍTICA	57
3.1 Análise Contextual	57
3.1.1 Nacionalismo, Patriotismo	58
3.1.2 Comunismo.....	62
3.1.3 Relação governo/Igreja Católica	65
3.1.4 Boa Imprensa Católica	71
3.1.5 Educação Católica	74
3.2 Análise Teórica.....	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS	86
APÊNDICES.....	94

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta como objeto de estudo a pedagogização¹ da propaganda política, presente em uma revista católica, no caso a revista “Rainha dos Apóstolos”, durante o Estado Novo², ou seja, de 1937 a 1945, a partir dos Estudos Culturais. Nesse sentido, serão analisadas crônicas, matérias, notas e até mesmo artigos que tematizem o governo e/ou tenham considerações à figura de Getúlio Vargas e, para a realização das análises, em termos conceituais, os conceitos de cultura e identidade regional são fundamentais, pois por mais que estejamos tratando de uma revista católica temos de considerar que ela é publicada no Rio Grande do Sul, então elementos de cultura e identidade regional perpassam a sua escrita. Ainda, em relação ao modo de seleção e operação para com o corpus documental, ele será melhor explicado em nossa metodologia.

Com isso, iniciamos a discussão a partir de algumas definições teóricas. Para tanto, trazemos Fischer (2007), Kawano e Trindade (2007) e Piedras e Jacks (2006) e, a partir deles, pretendemos apontar algumas teorias utilizadas na pesquisa sobre a temática da publicidade e da propaganda. Assim, começamos com alguns questionamentos de Piedras e Jacks (2006), sendo que o artigo em questão foi elaborado a partir da dissertação de mestrado de Elisa Piedras, sob a orientação de Nilda Jacks, intitulado “A articulação da publicidade com o mundo social: a constituição do fluxo publicitário nas práticas de produção e recepção”.

Primeiramente, podemos considerar que o interesse das autoras abarca utilizar as perspectivas teórico-metodológicas presentes nos estudos culturais, com o intuito de demonstrar que a publicidade deve ser entendida como um processo comunicativo e, não apenas, um mero instrumento mercadológico. Mas, resumidamente, podemos considerar que

¹ Quando tratamos da pedagogização pretendemos verificar o caráter pedagógico e formador da revista católica “Rainha dos Apóstolos”, principalmente quando encontramos referência ao Estado Novo, o governo, e a Getúlio Vargas, seu governante, na publicação. A partir da análise da revista percebemos a tentativa de selecionar e tornar inteligível, a propaganda política transmitida ao leitor, além da incorporação de imperativos morais, como o “nacionalismo católico”, a Boa Imprensa Católica, entre outros, que, após inculcados pelos indivíduos, acabam por orientar suas atitudes e comportamentos. Com isso, percebemos que as publicações possuem elementos pedagógicos à medida que buscam substituir a formação baseada na “comunicação de experiências” pela educação moral. E é por esse e outros fatores que sugerimos que esse fenômeno pode ser interpretado como um processo de pedagogização. O entendimento de pedagogização presente neste trabalho encontra-se embasada nas concepções de Libâneo (2001), que por sua vez recorreu a teóricos como Beillerot (1995) e Colom Cañellas (1994), ainda cabe mencionarmos que esses teóricos são todos do campo da educação.

² Estado Novo consistiu num regime político instituído a partir da Constituição Brasileira de 1937, mais conhecida como a Constituição Polaca por sua semelhança com a Constituição autoritária da Polônia, que foi outorgada no dia 10 de novembro de 1937, esse regime político brasileiro foi liderado por Getúlio Vargas, entãoopresidente, e persistiu até 29 de outubro de 1945.

o interesse das autoras, ao construírem o artigo, era atentar para a necessidade de análises sobre a complexidade da publicidade em sua dimensão social.

Dessa maneira podemos considerar que as autoras, aos proporem essa reflexão teórica a partir dos estudos culturais, pretendiam avaliar um movimento de constituição mútua entre a produção e a recepção, pois, para elas, a publicidade articula produtos e universos simbólicos com as práticas cotidianas ou, segundo Piedras e Jacks (2006), “mundo social”. A partir dessa proposição, de articular a publicidade ao “mundo social”, podemos pontuar que a relação da publicidade, para apresentar seus produtos e universos simbólicos, ocorre por meio da linguagem persuasiva. Segundo Martina Eva Fischer (2007), a persuasão é inerente à atividade comunicativa humana, sendo uma linguagem específica em determinados espaços ou brechas das normas de convívio. Nesse sentido, tanto Piedras e Jacks (2006) quanto Fischer (2007) concordam que a publicidade é caracterizada pela persuasão.

A partir dessa aproximação, temos à análise do texto de Martina Eva Fischer (2007) e, na medida do possível, estabeleceremos vínculos com o artigo de Kawano e Trindade (2007). Pois, esse texto, consiste em uma síntese de algumas reflexões teóricas, não sendo possível uma longa apreciação, enquanto que o primeiro apresenta abordagens de cunho individual, o que enriquece a resenha.

Sobre o artigo de Fischer (2007), é pertinente pontuarmos que se trata de um estudo sobre os usos da persuasão e de suas abordagens teóricas. Primeiro, a autora trabalha com as noções e elementos gerais ligados ao conceito de persuasão, e com isso, ela demonstra que, no sentido clássico, a persuasão está relacionada à noção de dominação. Após essa sucinta conceituação, podemos considerar que as reflexões teóricas construídas ao longo do século XX a respeito dos processos comunicacionais, dialogam com o âmbito da publicidade e da propaganda.

Após essas breves definições teóricas, julgamos que é relevante apresentarmos outros autores que irão contribuir na construção teórica do trabalho que pretendemos desenvolver, sendo que eles estão inseridos nos Estudos Culturais. Sobre eles, cabe mencionar que neste momento os apresentaremos sem discorrer sobre as suas produções, são eles: Araújo (2004), Cevalco (2001), Costa, Silveira e Sommer (2003), Escosteguy (2007, 2009, 2010), Ferreira, Coiro (2011), Johnson (2000), Strassburger, Coiro Moraes (2013) e Williams (1969, 1979, 1992, 2003).

A partir de uma breve revisão bibliográfica observamos que a maioria das pesquisas parte de estudos sobre o nacional e o regional/local e se utilizam de autores como Hall (2000), Ruben Oliven (1992), Nilda Jacks (1998, 1999), entre outros, para tratarem do conceito de

cultura regional. Enquanto que para tratarmos do conceito de identidades os autores mais citados são Martín-Barbero (1987, 1987b, 1990), Canclini (1990) e Hall (1999). Enfim, são esses os principais autores, identificados através da revisão bibliográfica, quando nos referimos aos conceitos de cultura e identidade regional.

Com isso, tendo como norteador o campo de estudo dos Estudos Culturais, podemos afirmar que o objetivo desse trabalho é analisar na revista “Rainha dos Apóstolos” como é aplicada a pedagogização da propaganda política para apresentar o governo, Estado Novo, e seu governante, Getúlio Vargas. Porém, essa é a vertente mais geral do trabalho que nos propomos a desenvolver, pois, também pretendemos, compreender como o governo, através da revista “Rainha dos Apóstolos”, aproxima-se de seus eleitores e, como se utiliza desse meio de comunicação para promover a pedagogização da propaganda política. Buscamos verificar como ocorre a relação estabelecida entre a política, representada pelo governante Getúlio Vargas e a Igreja Católica, representada pela revista. Além disso, com este trabalho pretendemos contribuir na construção e aprofundamento do conhecimento em comunicação, especialmente no que se refere ao campo dos Estudos Culturais.

Deste modo, embasados em algumas leituras e pré-observações realizadas na revista “Rainha dos Apóstolos”, pretendemos verificar através das crônicas, artigos e notas como a revista, “Rainha dos Apóstolos”, apresenta o governo e o seu governante, Getúlio Vargas. A partir disso, podemos questionar: Como é apresentada a cultura e a identidade regional gaúcha? Esses elementos são aplicados para promover a pedagogização da população através da propaganda política na revista “Rainha dos Apóstolos”?

Desde o primeiro contato com o tema tivemos muita dificuldade em encontrar trabalhos que tratassem sobre a pedagogização da propaganda política, entretanto para suprimir esse problema, procuramos cercar o nosso objeto de pesquisa com trabalhos que tratavam de objetos semelhantes, mas não idênticos, como a dissertação da Jeffman (2012), Teixeira (2013), Isaía (1998), Dalmolin (2007), Oliven (2006), entre outros.

A escolha do tema se deve à trajetória pessoal da proponente, pois, desde o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realizado em 2011, no curso de História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), temos utilizado como corpus documental a revista “Rainha dos Apóstolos”, sendo que ela permaneceu na dissertação de mestrado, realizada no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), desta instituição. Nesse sentido, a pesquisa que pretendemos desenvolver para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda dialoga com a dissertação realizada no PPGH e, assim,

complementa lacunas que o trabalho na área da História não permitiu desenvolver, ou seja, potencializando, dessa forma, o trabalho da dissertação realizada.

Com isso, é pertinente que destaquemos que apesar trajetória pessoal descrita e do caminho acadêmico percorrido pela autora do trabalho na área de História este trabalho não se trata de uma pesquisa de História. Pois, esta pesquisa é antes de qualquer coisa um estudo do campo da Comunicação, entretanto a história política, através de Getúlio Vargas e do Estado Novo, e a história política da Igreja Católica, por meio da presença de elementos políticos na revista católica “Rainha dos Apóstolos”, compõe o cenário do nosso objeto de pesquisa. Nesse sentido, o relevante para o nosso estudo é a compreensão da pedagogização da propaganda política na revista “Rainha dos Apóstolos” durante o Estado Novo, e assim verificar como são apresentados o governo, Estado Novo, e seu governante, o então presidente Getúlio Vargas.

Dessa maneira, no trabalho, procuraremos responder que importância tem o fenômeno que estamos investigando que justifica nosso esforço para compreendê-lo. Assim, impulsionados por alguns questionamentos sobre a dimensão que alguns grupos religiosos adquirem na mídia, julgamos relevante nos remetermos ao passado, a fim de identificar como a Igreja Católica inicia a sua inserção nos meios de comunicação. Assim, entendendo a revista como um importante meio difusor ideológico, capaz de propor representações sobre Vargas, imbricadas no discurso religioso, que visou o estabelecimento dessas políticas e a manutenção das relações sociais, sendo esta a perspectiva da revista católica “Rainha dos Apóstolos”, enquanto um meio que nos apresenta a aproximação entre o governo e a Igreja Católica, que creditamos a essa investigação a relevância quanto ao desenvolvimento dos estudos no campo da comunicação.

Nesse sentido, podemos destacar o pensamento de Venício A. Lima (2004, p. 110), que demonstra a presença significativa de evangélicos e católicos nos meios de comunicação, os quais controlam editoras, emissoras e programas de rádio, bem como emissoras de televisão. Dessa maneira, ao retomarmos ao passado, a partir da expansão dos meios de comunicação dirigidos por grupos religiosos no Brasil, através do desenvolvimento da política da Boa Imprensa Católica, o fazemos para entender a presença marcante de grupos religiosos, principalmente de católicos, na comunicação midiática do Brasil.

A partir da apresentação do objeto de pesquisa cabe mencionarmos que para a realização desse trabalho nos valem do suporte teórico-metodológico dos Estudos Culturais, em especial do conceito de estrutura de sentimento de Raymond Williams, combinados com a análise de conteúdo, de acordo com a proposição de Bardin (2004), por entendermos ser adequada à

aplicação da fonte que pretendemos utilizar na pesquisa. Entretanto, não explicaremos na introdução como utilizaremos a análise de conteúdo no trabalho, pois o faremos numa subseção específica do segundo capítulo. Ainda, no que se refere à metodologia utilizada neste trabalho, cabe afirmarmos que este estudo desenvolveu um processo metodológico próprio. Contudo, o cercamento do objeto parte de uma pesquisa exploratória que realiza o movimento de aproximação com a temática proposta para esta pesquisa. Assim, o trabalho é constituído pelas seguintes etapas:

- a) realização da revisão teórica dos principais conceitos;
- b) definições/aproximações acerca do objeto, no caso a pedagogização da propaganda política na revista “Rainha dos Apóstolos”, entre os anos de 1937 e 1945;
- c) mapeamento/levantamento do material referente à temática exposta na revista “Rainha dos Apóstolos”;
- d) e, análise do material coletado, que realizada a partir das perspectivas filiadas aos estudos culturais, no que se refere à aplicação do conceito desenvolvido por Raymond Williams de *estruturas de sentimento*, contemplando as noções de *dominante*, *emergente* e *residual* para a análise.

Mas, para isso, é preciso apresentarmos algumas informações quanto ao corpus documental que compõe a pesquisa. Ele compreende a revista católica “Rainha dos Apóstolos”, entre novembro de 1937 e outubro de 1945, ou seja, 96 exemplares, que depois da análise e categorização foram reduzidas para 58 documentos, entre crônicas, notas e artigos. Ao final, selecionamos 10 documentos, os dois que julgamos mais significativos de cada categoria, para a aplicação do conceito desenvolvido por Raymond Williams de estruturas de sentimento.

Após apresentarmos os objetivos, a problematização, a justificativa e a metodologia, cabe explicarmos como o texto foi construído. Primeiramente, ele foi dividido em três capítulos, sendo que no primeiro apresentamos o contexto político do Estado Novo (1937-1945), bem como tratamos das propagandas políticas editadas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) no período, além de apresentarmos o aporte teórico para este trabalho, os Estudos Culturais.

No segundo capítulo analisamos os conceitos de identidades, memória e esquecimento, por entendermos que eles são fundamentais para a compreensão do nosso objeto de estudo, bem como são conceitos que contribuem para o entendimento da publicação “Rainha dos Apóstolos”, que pretendemos analisar. Além disso, trataremos sobre os aspectos históricos da fonte de pesquisa deste trabalho, a revista “Rainha dos Apóstolos”, e sobre o discurso da “Boa Imprensa Católica”. Ainda, apresentaremos o percurso metodológico que

pretendemos utilizar na análise documental, bem como trataremos sobre o conceito de estruturas de sentimento, elaborado por Raymond Williams, que será empregado na análise do *corpus* de pesquisa, no terceiro capítulo.

Por fim, no terceiro capítulo trataremos da análise do material coletado na revista. Na análise contextual procuramos contemplar cada uma das categorias, a fim de aproveitar ao máximo o material coletado. Enquanto que, na análise teórica, procuramos empregar o conceito de estruturas de sentimento, a fim de verificar como elas estão presentes no processo de pedagogização da propaganda política na revista “Rainha dos Apóstolos”, durante o Estado Novo (1937-1945). A partir dessas considerações observamos como este trabalho nos permitiu compreender o processo de pedagogização empregado pela revista católica “Rainha dos Apóstolos”, num período em que governo e Igreja se legitimavam mutuamente.

1 GETÚLIO VARGAS E A PROPAGANDA POLÍTICA A PARTIR DA ABORDAGEM DOS ESTUDOS CULTURAIS

Neste capítulo, apresentamos o contexto político do Estado Novo (1937-1945) e descrevemos o uso das propagandas políticas que foram editadas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) durante esse regime, demonstrando a influência das propagandas políticas utilizadas pelos regimes Nazistas e Fascistas no material editado pelo DIP no período. Além disso, tratamos do aporte teórico-metodológico escolhido para a realização deste trabalho, os Estudos Culturais, atentando para as diferentes concepções do conceito de cultura.

1.1 Estado Novo (1937-1945): contexto político

Esse subitem versa sobre a aproximação entre a Igreja Católica e o governo de Getúlio Vargas durante o Estado Novo (1937-1945). Para tanto, iniciamos nossas considerações mencionando a importância da Igreja Católica ao se tornar aliada ao regime governamental do período. Antes de nos atermos à relação de proximidade estabelecida entre a Igreja, o governo e seu governante, consideramos relevante apresentarmos algumas considerações, mesmo que pontuais, sobre esse regime político, que compreende o recorte temporal do trabalho. Dessa forma, procuramos, nas páginas a seguir, traçar um rápido panorama sobre esse período, sem a pretensão de ser uma revisão completa, mas com o intuito de ser um cuidado com o leitor, para que ele possa revisar o contexto histórico de que tratamos, antes de nos atermos, especificamente ao objeto de análise deste trabalho.

Com essa breve contextualização pretendemos demonstrar como se estabelece a relação entre o governo, durante o Estado Novo, e como ele se utiliza dos meios de comunicação na propaganda política. Assim, a sociedade durante o Estado Novo era atingida ora pela propaganda ora pela censura, sendo que cabia à propaganda a responsabilidade de sustentar a política autoritária. Ou seja, a propaganda político ideológica, juntamente com a censura definiu a política no Estado Novo.

Dessa maneira, no que se refere ao Estado Novo, podemos considerar que nesse período o poder político de Getúlio Vargas se fortaleceu. Sobre o Estado Novo podemos

afirmar que consistiu num regime político instituído a partir da Constituição Brasileira de 1937, que foi outorgada no dia 10 de novembro de 1937. Esse regime político foi liderado por Getúlio Vargas, então presidente, e persistiu até 29 de outubro de 1945. Nesse sentido, uma das razões que compreende o poder de formar ideologias ocorreu através das práticas educativas ou da disseminação das propagandas políticas governamentais. Assim, Vargas dá o golpe de Estado sob a justificativa de proteger o país de uma eminente ameaça comunista, ele organiza-o com o auxílio dos militares, além de assegurar-se de que os jornalistas estrangeiros estavam transmitindo notícias de que no Brasil tudo estava sob controle.

Mas, o golpe de 1937 não contou, apenas, com o apoio dos militares, os Integralistas também o apoiaram. O líder da Ação Integralista Brasileira (AIB), Plínio Salgado, acreditava que Getúlio Vargas iria entregar o Estado para o domínio Integralista, tanto que o golpe de 1937 é conhecido como golpe Integralista, porém a atitude esperada nunca se concretizou, o que resultou na manutenção de Vargas no poder por meio da implantação de um regime autoritário³, o Estado Novo.

Para Getúlio Vargas o discurso autoritário presente nas proposições dos integralistas era conveniente, a tal ponto que suas ações davam a entender que ele aceitava a posição ideológica da extrema direita conservadora. Porém, esse cenário se modifica logo depois do golpe, quando ao invés de conferir maiores poderes aos Integralistas, como eles acreditavam que aconteceria, ofereceu apenas a pasta da Educação ao líder do grupo, Plínio Salgado, que ao rejeitar a pasta oferecida por Vargas, corroborou para que se consolidasse o poder do governante. Enfim, a cordial e tênue relação, anterior ao golpe, estabelecida entre os Integralistas e Getúlio Vargas é rompida, quando dezenas de integralistas tomam de assalto o palácio do Catete. Esse fato ocorreu no dia 8 de maio de 1938 e teve como respostas a declaração da Ação Integralista Brasileira (AIB) como ilegal, além de promover o envio de Plínio Salgado para o exílio em Portugal.

Além do apoio dos Integralistas outro elemento que corroborou com o golpe de Estado em 1937 foi a ameaça comunista. Em 1935, temos no país a Intentona Comunista, que consistiu numa tentativa de depor Getúlio Vargas do poder. Essa operação foi organizada pelos grupos mais radicais da Aliança Nacional Libertadora (ANL). Após esse evento, Vargas intensificou a repressão aos movimentos que contestassem seu governo, que passaram a ser considerados crimes contra a nação.

³ Abreu (2008) aponta as diferentes maneiras de definir esse período político, pois segundo ele os intelectuais definiram o Estado Novo como uma democracia autoritária, em contrapartida, os historiadores compreendem esse regime como o responsável pelo nosso autoritarismo político.

Os dois anos seguintes, o Brasil permaneceu em grande parte do tempo em estado de sítio ou de guerra. O contexto para um novo golpe de Estado, assim como o de 1930, estava estabelecido e em setembro de 1937 torna-se público o plano comunista para a tomada do governo no Brasil. Esse plano ficou conhecido como Plano Cohen. A partir da alegação de que o país corria sérios riscos de ser tomado pelos comunistas, Vargas deu um golpe em novembro de 1937⁴.

Entre as práticas políticas adotadas pelo governo durante o Estado Novo, está o discurso nacionalista, que nesse período foi uma das bandeiras defendidas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Através das práticas nacionalistas, foram baixados inúmeros decretos, dentre eles destacamos o que proibia o uso de línguas estrangeiras em espaços públicos (escolas, Igreja, entre outros). Nesse sentido, é pertinente apresentarmos o caso específico do Rio Grande do Sul que, nesse período, contava com um grande número de imigrantes. Esses grupos viviam em colônias e tinham pouco conhecimento da língua portuguesa, pois no dia-a-dia utilizavam o dialeto dos locais de origem, que foi passado de geração em geração. Além disso, o governo, no intuito de fortalecer ainda mais o seu discurso nacionalista, pediu aos membros da Academia Brasileira de Letras que eles reformulassem as regras do português escrito no Brasil, simplificando a ortografia e ampliando a diferença entre o português do Brasil e o português de Portugal.

Porém, a política autoritária do governo não se restringia aos imigrantes e seus descendentes, ela também foi aplicada aos intelectuais do período que tinham publicações anti-governistas. Dentre os escritores presos durante o governo do Estado Novo podemos citar Graciliano Ramos e Monteiro Lobato. Entretanto, o regime autoritário ultrapassava esses espaços, pois se tem informação de que os funcionários do governo abriam as cartas com vapor, faziam cópias literais para seus arquivos e depois selavam os envelopes e tornavam a enviá-las para seu destino⁵.

Assim, devido à presença de um regime autoritário embasado em um discurso nacionalista, coube ao DIP tornar-se o órgão civil mais importante do Estado Novo. Pois, através dele, no caso por meio das propagandas políticas governamentais, foram justificadas a abordagem nacionalista do governo, bem como encontramos a defesa e a divulgação do governo paternalista e popular do período. No que se refere à figura pública do então

⁴ Ver em: NOGUEIRA, F.H.G.; CAPELLARI, M. A. **Ser protagonista**. São Paulo: Edições SM, 2010.

⁵ Ver em: LEVINE, R. **O Brasil e a Era Vargas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

presidente Getúlio Vargas, encontramos uma definição de como ele se apresentava a população a seguir:

Permanecia simbolicamente acessível a todos os cidadãos, mas parava por aí. Ele dominava a arte política da visita, vestia-se confortavelmente para não parecer pretensioso, estava sempre sorrindo e acenando, cultivava o trato fácil, ainda que pouco dissesse de substancial. O que importava não era o que dizia em público, mas como o dizia. Tornou-se uma presença tranquilizadora, familiar, nas vidas de quase todos os brasileiros, como jamais se vira no Brasil. Viajava grandes distâncias para fazer visitas oficiais – mais de 140 mil quilômetros em 1942 -, inaugurando projetos públicos, cortando fitas e falando do alto de palanques de madeira improvisados, nunca tão altos que o separassem do público (LEVINE, 2001, p.93).

Ainda, coube ao DIP criar uma imagem de Vargas, que passou a ser apresentado como “o Pai dos Pobres”, sendo que a propaganda divulgada pelo DIP assegurava que Vargas lutava apaixonadamente pelos pobres. Assim, a sua popularidade se expandia por meio do discurso de “Pai dos Pobres”, enquanto que a repressão política se estabelecia através da polícia que, nesse período, investia contra os sindicatos não governamentais. Porém, esse órgão não resume sua importância em criar uma imagem de Vargas para a população, pois desde 1938 ele dominava os meios de comunicação impressos. Nesse período, muitos dos artigos em jornais e revistas eram matérias que o DIP distribuía. Assim, dentre as atribuições do DIP durante o Estado Novo temos a censura a toda a mídia pública, assim como o encargo de promover o sentimento nacionalista, mediante eventos públicos e também por meio do sistema escolar.

O autoritarismo imposto à imprensa escrita, jornais e revistas, não compreendia, apenas, aos artigos do DIP que eram publicados. Essas publicações eram disponibilizadas aos meios de comunicação que se adequassem aos ideais defendidos pelo governo. Aos impressos avessos ao governo ocorria com o não fornecimento de papel, que nesse período era controlado pelo Estado. Essa medida impedia a circulação de materiais com ideais contrários ao governo, não que eles não existissem, mas como eram alvos de severa e eficiente punição, não contavam ou dispunham com uma grande distribuição.

Além do controle da mídia impressa, julgamos que é necessário ressaltar que Vargas foi um político que soube muito bem utilizar o rádio, sendo que atingia a um grande contingente da população brasileira através dele. Dessa maneira, além do rádio e do controle dos meios de comunicação impressos, outro recurso midiático empregado pelo governo para publicizar suas realizações foi o cinema. Esse recurso foi utilizado da seguinte maneira, os discursos de Vargas em eventos públicos eram filmados, e posteriormente, exibidos por todo o país através dos cine-jornais ou por meio de curtas-metragens. Segundo Capelato (1999), a

organização da propaganda, através do DIP, e a repressão, à imprensa, aos sindicatos, enfim a todos que se opusessem ao governo, foram os dois pilares de sustentação do regime.

Porém, um dos fatores que motivaram o fim do Estado Novo pode ser explicado pelo sistema político aberto e popular. Essas características distanciaram o governo do comando militar, e em 29 de outubro de 1945, a partir do golpe militar chega ao fim uma aliança de quinze anos. Enfim, o mesmo golpe militar que leva Getúlio Vargas ao poder em 1930 o afasta em 1945. Entretanto, como propõe Capelato (1999), a história mostraria que o derrotado foi o Estado Novo e não seu presidente, que retorna ao poder em 1951, o que ela observa é que Vargas não abandonou a política nem mesmo nos anos em que não esteve no poder.

O Estado Novo se encerrou em 1945, mas a presença de Vargas na política foi bem mais longe. A era Vargas é sempre mencionada por admiradores e opositores como um momento especial da história brasileira, e Getúlio Vargas se impôs como um dos principais expoentes da política brasileira. Para criticar ou elogiar, o varguismo continua sendo uma referência essencial para a compreensão da história política brasileira. Não é por acaso que os historiadores tem revisitado, com tanto interesse, essa época, mas sobretudo o Estado Novo, que, apesar de exorcizado pelo seu aspecto claramente autoritário, foi o período em que ocorreram mudanças importantes como a Consolidação das Leis do Trabalho, considerada a maior herança do varguismo (CAPELATO, 1999, p. 139).

Após essas breves considerações sobre o período político estudado, julgamos relevante a apresentação das ações comunicacionais publicitárias desenvolvidas pelo DIP durante o governo Vargas, a fim de demonstrar as influências nazi-fascistas no governo e na elaboração das peças publicitárias editadas pelo DIP.

1.2 O DIP e as ações comunicacionais publicitárias no Governo Vargas

No subitem anterior apresentamos o contexto político do Estado Novo, neste descrevemos o uso das propagandas políticas que foram editadas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) durante o Estado Novo, sendo que algumas dessas peças publicitárias são apresentadas no decorrer do texto. Além disso, procuramos demonstrar a influência das propagandas políticas utilizadas pelos regimes Nazistas e Fascistas no material editado pelo DIP no período.

Observamos o caráter autoritário do governo Vargas, durante o Estado Novo, através das propagandas políticas editadas pelo DIP, sendo que a presença dessas peças publicitárias aliadas à censura definem o caráter autoritário do governo Vargas, principalmente, entre os anos de 1937 a 1945. Nesse sentido, cabe apontarmos um dos elementos de autoritarismo do governo, a repressão à imprensa. Essa característica pode ser representada pela proibição de caricaturas políticas sobre o governo de Getúlio Vargas, nessa conjuntura o cartunista Belmonte passou a criticar a política repressiva externa, no caso as práticas políticas Nazistas e Fascistas, através dessa artimanha, o cartunista criticou o autoritarismo vigente na política brasileira. Esse fato nos leva a verificar que a censura política presente no governo de Getúlio Vargas afetou todo o conteúdo produzido nos meios de comunicação, desde artigos a caricaturas.

Após essas considerações sobre o autoritarismo e a repressão à imprensa, cabe citarmos as influências políticas que marcaram o governo Vargas, no caso a experiência alemã e italiana, especialmente no que se refere à propaganda política. A propaganda do período possui múltiplas influências, assim observamos a relação da propaganda política do governo Vargas com a propaganda nazista, que teve como base os modernos métodos de comunicação de massa presentes na propaganda comercial norte-americana. Entre as características específicas que definem a propaganda política do período podemos citar:

Uso de insinuações indiretas, veladas e ameaçadoras; simplificação das idéias para atingir as massas incultas; apelo emocional; repetições; promessas de benefícios materiais ao povo (emprego, aumento de salários, barateamento dos gêneros de primeira necessidade); promessas de unificação e fortalecimento nacional (CAPELATO, 1999, p.167).

As paixões defendidas pela propaganda variam conforme a necessidade e o momento histórico, porém nos regimes totalitários, como o nazismo e o fascismo, alguns elementos de exaltação são comuns como o amor ao chefe, à pátria/nação, e eles serão apropriados pelo DIP para enaltecer o governo de Getúlio Vargas. Ainda, é necessário ressaltarmos que a propaganda política é estratégica para o exercício do poder em qualquer regime, mas naqueles de tendência totalitária ela adquire uma relevância maior, pois o governo possui um monopólio estabelecido sobre os meios de comunicação que lhes permite exercer neles diferentes meios de manipulação e censura.

No que se refere à propaganda nazi-fascista, podemos considerar que ela teve significativa importância para a construção do DIP, pois exigia uma unidade de todas as atividades e ideologias, onde a moral e a educação estavam subordinadas a ela. Essa

aproximação entre a propaganda nazi-fascista e o DIP torna-se mais próxima, quando afirmamos que coube ao DIP atuar em “defesa da cultura”. E no que se refere a esse elemento, em que o DIP se apresentava como defensor da cultura, podemos mencionar que esse órgão compreendia como cultural tudo que colaborasse para a formação dos elementos nacionais como a educação, os meios de comunicação, as atividades cívicas, enfim tudo que fosse passível de ser verificado e que colaborasse com a formação do nacional e o fortalecimento do autoritarismo.

A linguagem empregada, tanto nas propagandas nazi-fascistas quanto nos materiais publicitários editados pelo DIP, era simples e usava amplamente as imagens, além do recurso persuasivo aplicado às propagandas políticas. Esses recursos quando bem empregados foram capazes de empolgar a população e promover o apoio aos governantes. A seguir temos alguns cartões postais editados pelo DIP durante o Estado Novo, em que somos capazes de observar o recurso persuasivo, bem como o uso de linguagem simples, com imagens ancoradas por pequenos textos.



ILUSTRAÇÃO 1 - Cartões postais exaltando as realizações do governo Vargas, editado pelo DIP, 1937/1945. Rio de Janeiro (RJ). (CPDOC/ GV foto 091/10)

Nesse sentido, cabe apresentarmos as semelhanças entre o Ministério de Informação Popular e da Propaganda na Alemanha e o Departamento de Imprensa e Propaganda no

Brasil. Em 13 de março de 1933, o governo alemão no intuito de preparar melhor a população para a grande tarefa nacional, que mais tarde viria a configurar-se na Segunda Guerra Mundial, cria um novo Ministério, o Ministério da Informação Popular e da Propaganda, nesse primeiro momento, chefiado por Joseph Goebbels⁶. Ele possui algumas semelhanças com o DIP, que foi criado no Brasil, concomitantemente, ao processo de instauração do Estado Novo e que perdurou até o fim desse regime político. No Brasil, coube ao jornalista e intelectual Lourival Fontes dirigir o DIP desde a sua criação, em 1939, até o ano de 1942. Assim como o órgão de propaganda criado na Alemanha, o DIP também controlava os meios de comunicação e cultura, sendo o responsável pela produção e divulgação da propaganda política durante o Estado Novo. Algumas características de divulgação presente nas propagandas nazistas alemãs possuem semelhanças com as propagandas editadas pelo DIP, por exemplo, os temas e *slogans* criados para que fossem facilmente assimilados.

As águias, as bandeiras, a cruz gamada de fundo vermelho e branco, os cantos e hinos, os uniformes marrons, as paradas das SAs desfilando em colunas em ordem impecável ao som de fanfarras e à luz de tochas, os *SeigHeil* ou *HeilHitler* repetidos em coro pela multidão não só asseguravam a coesão das massas, impressionando os indecisos e aterrorizando os adversários, mas também suscitavam êxtase e devotamento (CAPELATO, 1999, p.169).

No Brasil, um dos *slogans* mais famosos editados pelo DIP compreende o que apresenta o presidente Getúlio Vargas como o “Pai dos Pobres”. Além disso, no Estado Novo temos a difusão de imagens de Vargas em locais públicos e privados, assim como aconteceu na Alemanha de Hitler e na Itália de Mussolini. Outra característica de propaganda política do governo, presente tanto no Brasil quanto na Alemanha e Itália compreende os cantos e hinos que exaltavam as realizações do governo, sendo que no Brasil essa prática foi amplamente difundida, pois um dos meios de grande repercussão no Estado Novo corresponde ao rádio, e é nesse ambiente que são executadas as músicas de exaltação ao governo de Getúlio Vargas⁷.

Através dos meios de comunicação apresentados foi possível demonstrar que existe uma correlação entre as práticas de propaganda política de regimes totalitários, como o nazismo e o fascismo, com as empregadas no Brasil. Essa relação, se estabelece quando observamos a afirmativa de que “o varguismo, assim como o fascismo italiano, preocupou-se

⁶ Paul Joseph Goebbels (1897 – 1945) foi um político alemão e Ministro da Propaganda Nazista de 1933 a 1945, sendo um dos principais seguidores de Adolf Hitler. Ele exercia o controle sobre os meios de comunicação, artes e informação na Alemanha.

⁷ Nesse sentido, podemos citar o samba de exaltação do governo de Getúlio Vargas, Retrato do Velho, de autoria de Haroldo Lobo e Marino Pinto, e que embalou a volta de Getúlio Vargas ao cenário político.

mais com o controle da imprensa que do rádio, embora considerasse este último de grande importância para a propaganda política” (CAPELATO, 1999, p.176).

O golpe de Estado que instituiu, em 1937, o Estado Novo ocorreu num período de encruzilhada política, pois Getúlio Vargas teria de deixar o poder em poucos meses e, para que isso não o acontecesse, se utilizou do eminente “perigo” comunista para justificar a sua permanência no poder e o golpe de Estado, que orquestrou com a cumplicidade dos militares, seus aliados desde a Revolução de 1930.

Nesse cenário, é orquestrado o golpe que cria o Estado Novo, sendo que nesse período, como já destacamos, o órgão civil mais importante era o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), fruto da ampliação da capacidade de intervenção do Estado no âmbito dos meios de comunicação e da cultura. Essa intervenção do Estado nos meios de comunicação se deu sob a justificativa de, para além de defender a cultura, manter também a unidade espiritual e criar/desenvolver a civilização brasileira.

O caráter de censura que foi construído a partir da implantação do DIP, durante o Estado Novo, pode ser verificado através da definição de que a imprensa desempenharia sua função atrelada ao Estado. Além disso, outro exemplo que apresenta censura sofrida pelos meios de comunicação durante o Estado Novo pode ser observado através do art. 1.222, que exterminava a liberdade de imprensa e permitia a censura a todos os veículos de comunicação. Através desse artigo ficava estabelecido que “Com o fim de garantir a paz, a ordem e a segurança pública, a censura prévia da imprensa, do teatro, do cinematógrafo, da radiodifusão, facultando a autoridade competente proibir a circulação, a difusão ou a representação” (CAPELATO, 1999, p. 171). Com isso, observamos que os meios de censura aplicados pelo DIP, além de serem eficientes também estavam regulamentados sob a forma de lei. Dessa maneira, a censura no Estado Novo era estimulada e regulada por órgãos governamentais, como o DIP.

Assim, como já tratamos, o DIP teve fundamental importância na construção do ideário presente e difundido durante o Estado Novo. Esse órgão foi encarregado de criar um modelo para as massas, por meio dele as mensagens políticas foram aperfeiçoadas para empolgar e envolver as multidões. Nesse sentido, o DIP foi criado para conquistar o apoio popular necessário à legitimação do novo poder, oriundo de um golpe de Estado, ou seja, esse órgão procurou utilizar os meios de comunicação para legitimar o Estado Novo e conquistar o apoio dos trabalhadores para a política varguista. A propaganda política no governo Vargas não pode ser pensada separadamente dos usos dos meios de comunicação, pois cabia a eles, e

por isso o cuidado do governo com os mesmos, exaltar a política do Estado Novo e enaltecer a imagem de Vargas, por meio de uma propaganda pessoal rica em adjetivos e exaltações.

A importância dos meios de comunicação já havia sido apontada por Assis Chateaubriand, como diz Capelato (1999) em seu texto, pois em 1935, ele critica o então presidente Getúlio Vargas pela incapacidade de utilizá-los, e exemplifica com a Alemanha nazista, pois, segundo ele, os usos empregados nesse país demonstram como essa técnica poderia vir a ser aplicada com eficiência inegável. Entretanto, é válido ressaltar que somente com o advento do Estado Novo, e com um segundo golpe de Estado, (o primeiro foi em 1930 com a Revolução de 30) é que o governo percebe a necessidade de investir na propaganda política do Estado.

O DIP foi um órgão que por meio da propaganda política legitimava a existência do Estado Novo, além disso, era responsável pela forte censura do período, essa última característica torna-se mais clara quando observamos que a partir de 1940, “420 jornais e 346 revistas não conseguiram registro no DIP. Os que insistiram em manter sua independência ou se atreveram a fazer críticas ao governo tiveram sua licença cassada” (CAPELATO, 1999, p. 173). Assim, observamos, através do grande número de jornais e revistas censurados pelo DIP, o quanto esse órgão governamental foi importante e eficiente durante o Estado Novo. Entretanto, cabe mencionarmos que o DIP não controlava a imprensa, exclusivamente, através da censura, mas também por pressões de ordem política e financeira, pois assim como na Itália fascista, havia uma série de assuntos e notícias que o DIP proibia de circularem.

Notícias que mostrassem ou sugerissem descontentamento ou oposição ao regime; temas ou notícias relativos a problemas econômicos (transporte, abastecimento, escassez e alta de preços dos produtos); divulgação de acidentes, catástrofes, naufrágios, queda de avião; incidentes como brigas, agressões, crimes, corrupção, suborno, processos, inquéritos, sindicâncias, etc (CAPELATO, 1999, p. 175).

Apesar da mídia impressa ser o meio de comunicação mais utilizado pelo DIP, não foi a única através da qual ele fazia circular a propaganda política do governo, nesse cenário o rádio tornou-se um instrumento de propaganda política durante o Estado Novo. A importância que esse meio de comunicação adquire pode ser expressa pelo aumento de emissoras de rádio durante o Estado Novo, pois, em 1937 havia 63 estações de rádio, sendo que esse número praticamente dobra durante esse período político, passando em 1945 para 111 emissoras de rádio.

Assim como a mídia impressa, o rádio também foi alvo da censura do DIP, esse meio de comunicação foi utilizado politicamente para a reprodução de discursos, mensagens e

notícias oficiais. O exemplo mais emblemático programa de rádio durante o Estado Novo, que está presente até hoje, corresponde a “Voz do Brasil”. Ele foi criado em 1931 com a denominação de “Hora do Brasil”, e foi reestruturado em 1939, após a criação do DIP. Essa mudança faz com que o programa se aproprie de três finalidades: informativa, cultural e cívica. Nesse sentido, o DIP, durante o Estado Novo, defendia que os programas de rádio deveriam ter algumas características.

Além de divulgar mensagens e atos oficiais, os diferentes programas deveriam decantar as belezas naturais do país, descrever as características pitorescas das regiões e cidades, irradiar cultura, enaltecer as conquistas do homem em todas as atividades, incentivar relações comerciais. Muito se insistia no fato de que o rádio devia ser voltado para o homem do interior, contribuindo para o seu desenvolvimento e integração na coletividade nacional. (CAPELATO, 1999, p. 176)

Apesar de embasado nos modelos de propaganda política nazi-fascistas, as políticas para o rádio no Estado Novo (1937-1945) tiveram outro direcionamento. Pois, diferentemente da Alemanha e Itália que utilizaram o rádio para atingir a massa da população, essa característica não foi sustentada por Getúlio Vargas durante o Estado Novo, assim a mídia impressa foi, predominantemente, o espaço escolhido para a propaganda política do período.

Nesse sentido, a propaganda política durante o Estado Novo constituiu-se em um dos pilares de sustentação do poder, mesmo que não tenha conseguido atingir o objetivo de formar a “opinião única”, a tão sonhada unidade nacional. Porém, não devemos exagerar quando tratamos da influência que as propagandas políticas exercem sobre o controle de consciência da massa da população. Dessa maneira, é importante ressaltar que a adesão da população a partir das propagandas políticas só é viável quando se percebe tendências já presentes na sociedade, no caso do Brasil, temos a luta pelos direitos trabalhistas que é percebida e apropriada por Getúlio Vargas. Com isso podemos observar que a eficácia da propaganda política depende da capacidade de captar e explorar os anseios e interesses predominantes num dado momento.

Apesar da propaganda política no Estado Novo ter sido influenciada pelas propagandas nazistas e fascistas, ela acaba por criar características próprias que se deve, principalmente, à influência de um governo paternalista em que o intuito é fazer com que a população torne-o legítimo, por meio de sua adesão a ele. É a partir dessa perspectiva que o DIP, como programa de construção ideológica do governo é criado, ou seja, para legitimar um governo que se institui a partir de um golpe de Estado, mas que precisa se legitimar perante a população. A partir dessas considerações sobre o contexto de formação e as características

políticas do Estado Novo e do DIP procuramos realizar uma breve apresentação sobre alguns elementos que cercam o nosso objeto de estudo, uma vez que entendemos ser muito difícil a compreensão de nosso problema de pesquisa sem o conhecimento de seu contexto histórico.

1.3 Os Estudos Culturais: das discussões sobre o conceito de cultura a suas contribuições teórico-metodológicas

Ao tratarmos dos Estudos Culturais (EC) temos de considerar que a cultura encontra-se no centro da discussão. Assim, a partir do entendimento de que a cultura está no centro dos debates dos Estudos Culturais, cabe apresentarmos a definição de cultura presente em Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 36):

Cultura transmuta-se de um conceito impregnado de distinção, hierarquia e elitismos segregacionistas para um outro eixo de significados em que se abre um amplo leque de sentidos cambiantes e versáteis. Cultura deixa, gradativamente, de ser domínio exclusivo da erudição, da tradição literária e artística, de padrões estéticos elitizados e passa a contemplar, também, o gosto das multidões.

Dessa maneira, observamos as mudanças ocorridas no polissêmico conceito de cultura⁸. Nesse sentido julgamos relevante incorporarmos teóricos que apresentem as mais diferentes abordagens do conceito de cultura, para que depois possamos nos ater especificamente aos EC.

Para tratarmos das diferentes abordagens do conceito de cultura começamos com o filósofo, crítico literário e adepto da teoria marxista, Terry Eagleton (2005). Ele demonstra, primeiramente, o caráter polissêmico da palavra cultura, assim como a dificuldade em definir esse termo. A partir disso, Eagleton (2005, p. 14) afirma que “a idéia de cultura, então, significa uma dupla recusa, do determinismo orgânico, por um lado, e da autonomia do espírito por outro”. Com isso, o autor rejeita tanto o naturalismo, quanto o idealismo a que, muitas vezes, reduzimos a concepção de cultura.

Ele demonstra que no século XIX, a cultura nos é apresentada como civilização, mas Eagleton (2005, p. 27) discorda dessa proposição ao definir cultura como “tudo que surge autenticamente das pessoas, não importa quem sejam elas”. Além disso, demonstra que a

⁸ Segundo Johnson (2000), no que se refere ao termo “cultura”, ele tem valor como um lembrete e não como uma categoria precisa. Além disso, afirma que não existe uma solução para a polissemia do termo, ao mesmo tempo em que apresenta, segundo ele, seus termos-chave, consciência e subjetividade.

cultura torna-se, verdadeiramente relevante, quando passa a ser uma força política, uma vez que, cultura está relacionada às implicações de uma organização social, ou seja, a cultura de uma determinada sociedade pode ter sido herdada de outro grupo, ou ser híbrida (possuir a influência de mais de uma cultura), assim como identificamos na citação:

A palavra “cultura”, que se supõe designar um tipo de sociedade, é de fato uma forma normativa de imaginar essa sociedade. Ela também pode ser uma forma de alguém imaginar suas próprias condições sociais usando como modelo as de outras pessoas, quer no passado, na selva, ou no futuro político. (EAGLETON, 2005, p. 41)

No decorrer do texto, Eagleton (2005) sugere que ao longo do século XX o *status* da cultura foi alterado, pois o seu caráter de transformador social começou a ser considerado, uma vez que estava mais presente em outros níveis da sociedade. Com isso, o que Eagleton (2005) pretende demonstrar é que a cultura massiva não inferiu, apenas, na alta cultura, até então reduzida à arte e literatura, mas também modificou a vida social. Assim, ele afirma que “a cultura não é unicamente aquilo de que vivemos. Ela também é, em grande medida, aquilo para que vivemos”(EAGLETON, 2005, 184).

Assim, passemos a Chartier, que demonstra a dificuldade de “identificar um nível cultural, que seria o do popular, a partir de um conjunto de objetos ou de práticas” (CHARTIER, 2002, p. 55). Além de demonstrar a dificuldade de definir uma cultura popular a partir de um conjunto de objetos e práticas, o autor demonstra que o consumo cultural pode superar a passividade que lhe é atribuída, nesse caso, o autor utiliza-se como exemplo de consumo cultural a simples leitura de um livro. Para tanto, é relevante a citação a seguir.

Ler, olhar ou escutar são, efetivamente, uma série de atitudes intelectuais que – longe de submeterem o consumidor à toda-poderosa mensagem ideológica e/ou estética que supostamente o deve modelar – permitem na verdade a reapropriação, o desvio, a desconfiança ou resistência(CHARTIER, 2002, p. 60).

Dessa maneira, aponta que o conceito de cultura é muito arriscado, uma vez que a cultura é investida num campo particular de práticas ou de produções. A partir disso, o autor apresenta a sua definição de cultura, “pensar de outro modo a cultura, e por consequência o próprio campo da história intelectual, exige concebê-la como um conjunto de significações que se enunciam nos discursos ou nos comportamentos aparentemente menos culturais”(CHARTIER, 2002, p. 66-67).

Após essas considerações por um viés mais antropológico, é relevante nos atermos a Peter Burke, historiador que também se dedica a discutir o conceito de cultura⁹. Assim, é relevante trazermos algumas discussões sobre a definição de cultura presente em seus textos. Em suas primeiras definições de cultura, ele demonstra que “a idéia de cultura implica a idéia de tradição, de certos tipos de conhecimentos e habilidades legados por uma geração para a seguinte” (BURKE, 2005, p. 39).

Além disso, Burke (2005) desenvolve a definição de cultura popular, primeiramente, demonstra que ela precisa ser pensada no plural, o que implica inserir urbano e rural, masculino e feminino, velho e jovem, e assim por diante.

O termo cultura costumava se referir às artes e às ciências. Depois, foi empregado para descrever seus equivalentes populares – música folclórica, medicina popular e assim por diante. Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar) (BURKE, 2005, p. 43).

Continuemos nossa discussão sobre o conceito de cultura, ao apresentarmos a definição do conceito de cultura presente nos escritos de Estevão C. de Rezende Martins. Em seu texto, o autor apresenta muitas considerações teóricas que contribuem para a formulação de algumas ideias sobre o processo de construção da identidade regional. Martins (2007), afirma que a partir da segunda metade do século XX o mundo ocidental realizou uma busca por suas identidades, sejam elas social, política, cultural e econômica, tanto em âmbito individual, quanto no coletivo. Para ele, “a cultura tornou-se uma incógnita na cena internacional contemporânea”(MARTINS, 2007, p. 29), essa abordagem do autor demonstra a dificuldade de definir teoricamente esse termo. Além disso, o autor define o que entende por cultura ao afirmar que “cultura é uma condição necessária, embora não suficiente, para permitir a identificação do caráter humano de determinados seres, individual e coletivamente” (MARTINS, 2007, p. 43).

Assim, depois de apresentarmos, mesmo que brevemente, diferentes definições do conceito de cultura, julgamos pertinente apresentar a nossa compreensão desse conceito, antes de continuarmos a análise sobre os Estudos Culturais. Em relação à cultura concordamos com os autores apresentados ao longo desta subseção, pois compreendemos a cultura como todas

⁹Ao apresentarmos diferentes perspectivas teóricas sobre o conceito de cultura, seja sob um viés marxista, ou através de um olhar mais antropológico ou, ainda, a partir de historiadores que se dediquem a discutir o conceito de cultura, é relevante mencionarmos que: “o cultural é o lugar de encontro de diversos campos teóricos e de setorializações muito particulares que correspondem às diferentes ciências humanas, sendo impossível tudo reduzir a um fator ou a um conceito ou modelo” (FALCON, 2002, p. 64).

as formas de expressão humana. Dessa maneira, o entendimento do conceito de cultura é pertinente, pois nosso objeto de estudo abrange diferentes elementos da cultura como, um meio de comunicação impresso, elementos da propaganda política, entre outros que serão apresentados ao longo do trabalho. Além disso, consideramos que essa discussão sobre os mais diferentes entendimentos do conceito de cultura é fundamental, pois os próprios teóricos dos EC consideram que a cultura está no centro das atenções de seus estudos. Após, apresentarmos diferentes concepções sobre o conceito de cultura, que demonstra a dinamicidade e a polissemia desse conceito, cabe retomarmos as discussões sobre os EC.

Primeiramente, trabalhamos com Raymond Williams (1979), que se encontra inserido nos EC. Ele demonstra que, diferentemente do que se pensa sobre os estudiosos marxistas, eles também são capazes de compreender a importância de estudar a cultura. Além disso, pontua que o próprio Marx reconheceu a necessidade de estudar os aspectos culturais da sociedade. Apesar de compactuar com as ideias defendidas pelo marxismo, Williams (1996, p. 291) demonstra que “parece haver, entre os marxistas, de modo geral, um uso inadequado do termo cultura”. A partir disso, afirma que, muitas vezes, os marxistas compreendem a cultura como produtos intelectuais e de imaginação de uma sociedade e, assim, utilizam-se de maneira falha do termo superestrutura¹⁰.

Ainda em Williams (1992), encontramos outras definições para o termo cultura. Dentre as suas contribuições podemos citar o alargamento desse campo de conhecimento, através do entendimento do termo cultura como “práticas significativas” e, com isso, inserem-se outras práticas que não eram definidas como culturais, ultrapassando uma visão tradicional em que a cultura restringia-se às artes e à literatura. Além disso, Williams (1992) propõe que as práticas culturais são ideológicas, e a partir disso, afirma que “dizer que toda prática cultural é necessidade ideológica não quer dizer nada mais (como em alguns outros usos correntes) senão que toda prática é significativa” (WILLIAMS, 1992, p. 28).

Entretanto, quando tratamos das definições do conceito de cultura cabe mencionarmos o verbete elaborado por Williams (2007) sobre o termo. Nele, o autor trata da evolução do termo/ressementização do termo, isso ao apresentar uma discussão etimológica no espaço territorial europeu, ao tratar dos usos do termo na Alemanha e França. Segundo Williams

¹⁰ Segundo o autor, existem na definição de cultura três categorias gerais. 1) Uma categoria “ideal”, nela a cultura é um estado ou processo de perfeição humana, em termos de certos valores absolutos ou universais; 2) a segunda, compreende uma categoria “documental”, em que a cultura é a massa de obras intelectuais e imaginativas que registram de diversas maneiras o pensamento e a experiência humana; 3) a terceira categoria compreende a definição “social” da cultura, em que se tem a descrição de um modo determinado de vida, que expressa certos significados e valores não só na arte e no aprendizado, mas também em instituições e no comportamento. Assim, resumidamente, os três tipos principais de definição da cultura são, segundo Williams, a “ideal”, a “documental” e a “social”. (WILLIAMS, 1996 p. 292).

(2007), a palavra cultura, na França, segundo o autor, passa a ser utilizada como um substantivo independente em meados do século XVIII, muito depois dos usos ocasionais que podem ser identificados na língua inglesa (Grã-Bretanha). Com isso, ele afirma que os sentidos mais difundidos de cultura são: música, literatura, pintura, escultura, teatro e cinema, mas aponta que algumas vezes temos o acréscimo da filosofia, do saber acadêmico, da história.

No texto da Ana Carolina Escosteguy, “Estudos Culturais: uma perspectiva histórica”. Nele, a autora afirma que os EC tem sua origem na Inglaterra no final dos anos 1950, em torno dos trabalhos de Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Palmer Thompson. Mas, para a articulação dos EC na Inglaterra da década de 1950, são necessárias, segundo a autora, duas características, ou seja, duas mudanças nas condições históricas, para que ocorresse a formação dos EC britânicos,

[...] o impacto da organização capitalista das formas culturais no campo das relações sócio-culturais e o colapso do império britânico. No primeiro espaço, observa-se a ruptura das culturas tradicionais de classe em consequência do alastramento dos meios de comunicação de massa; no segundo, percebe-se que a suposta integridade da nação britânica começa a implodir. Dessa forma, a ascensão dos estudos culturais britânicos coincide com uma crise de identidade nacional. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 30-31).

Dessa maneira, são necessárias mudanças nas condições históricas para que se formassem os EC, além disso, Escosteguy (2010) aponta que os EC devem ser entendidos tanto por seu caráter político, quanto por seu caráter teórico. Primeiro, do ponto de vista político, pois se trata de uma tentativa de constituição de um projeto político, e depois, do ponto de vista teórico, porque existe na formação dos EC a intenção de construir um novo campo de estudos. Nesse sentido, segundo Escosteguy (2010), os EC são formados na tensão entre demandas teóricas e políticas. Como podemos observar na citação a seguir.

Na realidade, os estudos culturais britânicos se constituem na *tensão* entre demandas teóricas e políticas. Embora sustentem um marco teórico específico (não obstante, heterogêneo), amparado principalmente no marxismo, a história deste campo de estudos está entrelaçada com a trajetória da New Left, de alguns movimentos sociais (Worker’s Educational Association, Campaign for Nuclear Disarmament, etc.) e de publicações – entre elas, a *New Left Review*– que surgiram em torno de respostas políticas à esquerda. Ressalta-se seu forte laço com o movimento de educação de adultos. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 35)

Ainda, a autora aponta que os EC não são conformados como uma disciplina, mas uma área em que diferentes disciplinas interagem, sendo que, no momento da formação dos EC,

esse campo de estudos recebeu influência da literatura inglesa, sociologia e história o que proporcionou uma conexão entre três níveis distintos. A autora afirma que uma das características dos EC é a multiplicidade de objetos de investigação, que, provavelmente, justifique-se pelo caráter político e teórico dos EC e pela influência de diferentes disciplinas em sua formação. Nesse sentido, também contribui as proposições presentes no texto de Johnson (2000, p. 19), pois segundo ele, “os Estudos Culturais podem ser definidos como uma tradição intelectual e política; ou em suas relações com as disciplinas acadêmicas; ou em termos de paradigmas teóricos; ou ainda, por seus objetos característicos de estudos”.

Esse entendimento, sobre a influência de inúmeras disciplinas na formação dos EC é complementado por Johnson (2000), quando ele propõe que os EC também influenciam inúmeras outras disciplinas acadêmicas. Pois, como ele demonstra, os EC têm seus próprios cursos em diversas universidades, com periódicos e encontros acadêmicos próprios. Além disso, esse campo de estudo exerce influência em inúmeras outras disciplinas acadêmicas sobre os Estudos Literários, a Sociologia, os Estudos de Mídia e Comunicação, a Linguística e a História.

Retomamos os fundadores dos EC britânicos, definição que Escosteguy (2010) utiliza ao se referir a Williams, Thompson e Hoggart. Primeiro, ela aponta que a pesquisa realizada por Hoggart, ao analisar materiais culturais desprezados, como a cultura popular e os meios de comunicação de massa, “inaugura o olhar de que no âmbito popular não existe apenas submissão mas, também, resistência, o que, bem mais tarde, será recuperado pelos estudos de audiência dos meios massivos”(ESCOSTEGUY, 2010, p. 28).

A autora apresenta Raymond Williams como um teórico importante para os EC, sendo que de seus estudos ela destaca o livro “Culture and Society”, traduzido no Brasil em 1969 com o nome de “Cultura e Sociedade, 1780-1950”. Após, apresenta as contribuições de Thompson para os EC, em que destaca a influência que esse teórico teve no desenvolvimento da história social britânica de dentro da tradição marxista.

Escosteguy (2010), afirma que existem desacordos entre os fundadores dos EC, Williams, Thompson e Hoggart, porém ao tratar da constituição dos EC é mais significativo destacar os pontos de vista compartilhados entre eles. Nesse sentido, é relevante a citação em que aproxima Williams e Thompson. “Para ambos, Williams e Thompson, cultura era uma rede vivida de práticas e relações que constituíam a vida cotidiana, dentro da qual o papel do indivíduo estava em primeiro plano” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 28). Após tratar sobre Williams, Thompson e Hoggart, a autora pontua que Stuart Hall, apesar de não ser citado

como membro do trio fundador dos EC britânicos, foi de grande importância na formação desse campo de estudo, sendo sua participação e relevância unanimemente reconhecida.

Diferentemente, de Escosteguy (2010), os autores Costa, Silveira e Sommer (2003), não atribuem, exclusivamente, a Williams, Thompson e Hoggart a relevância primordial na fundação dos EC. Assim, os autores ao se referirem aos importantes pensadores dessa teoria mencionam as contribuições dos teóricos sociais dos meados do século XX, como Louis Althusser e Antonio Gramsci, embora não deixe de ser tratada a relevância das análises culturais de Raymond Williams, Richard Hoggart, Edward P. Thompson e Stuart Hall, que estavam ligados às movimentações iniciais da Nova Esquerda Britânica. Assim, coube a eles ajudarem a forjar a primeira linhagem de análises culturais contemporâneas identificadas como “Cultural Studies”.

Além dos fundadores e das demandas teóricas e políticas, outros importantes determinantes históricos também foram fundamentais para a emergência e desenvolvimento do EC. A partir das proposições de Costa, Silveira e Sommer (2003), destacamos dois elementos: o primeiro compreende a reorganização de todo o campo das relações culturais devido ao impacto do capitalismo no que se refere ao surgimento de novas formas culturais, como a TV, a publicidade, a música *rock*, os jornais e as revistas de grande tiragem e circulação, em que a massificação da cultura contribuiu para promover a dissolução do poder cultural das elites. Enquanto que o segundo elemento compreende o colapso do império britânico, cujo mapa territorial do poder diminui significativamente após a guerra contra o Egito em 1956.

Assim, retomando a centralidade do conceito de cultura para os EC, é pertinente apresentarmos algumas considerações de Escosteguy (2009), principalmente, quando a autora aponta que da política à economia, todos estão envolvidos com questões culturais. Por isso, não podemos relegar à cultura papel secundário.

Da política à economia, incluindo o espaço dos negócios e dos empreendimentos comerciais, todos estão envolvidos com questões culturais. Na esfera da política, a análise de Hall tratava de associar o projeto de Thatcher a um programa de reformas que dizia respeito a atitudes e valores do cidadão, mas também a “mudanças culturais” nas instituições. Já, no mundo empresarial, fala-se insistentemente em “mudança de cultura” como parte de programas administrativos para alcançar mais eficiência e competitividade. Levando em conta tais situações, não seria possível atribuir à cultura um papel secundário (ESCOSTEGUY, 2009, p. 8).

Assim, chegamos aos EC na América Latina, que segundo Costa, Silveira e Sommer (2003), tem como os nomes mais recorrentes Nestor García Canclini, Jesús Martín-Barbero e

Matriz Sarlo, mas, segundo os autores, isso não implica que esses intelectuais se reconheçam como aliados ou filiados aos EC de maneira incontestada. Ao se referirem aos EC na América Latina, os autores afirmam que “Cabe registrar, ainda, [...] a freqüente utilização das expressões ‘Teoria cultural’ e ‘análises culturais’, numa superposição que torna difícil falar de fronteiras e limites rígidos em relação ao que se vem entendendo por EC” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 45).

Além disso, os autores apontam que o conceito de hibridação é uma das temáticas que compõem os EC na América Latina. Nesse sentido, o conceito de hibridação composto por Canclini (1990) para a análise das culturas latino-americanas, as identidades e suas multiplicidades, as redes de dependências, as relações entre tradição e modernidade, as transformações das culturas populares, os consumos culturais são alguns dos núcleos temáticos que deram e dão fôlego ao pensamento latino-americano nomeado como EC ou próximo a esse campo do conhecimento.

Os EC na América Latina tem as suas peculiaridades, entretanto em cada lugar que esse campo do conhecimento foi desenvolvido, o idioma teve maior ou menor importância, como destacam os autores.

Em contrapartida, há que se sublinhar que, a diferença dos EC britânicos, estadunidenses e australianos, em que a circulação de textos dos diversos autores não sofreu qualquer constrangimento advindo da língua utilizada na escrita, no panorama latino-americano a questão dos idiomas que os intelectuais dominem ou não, não é uma questão menor no panorama da legitimação e disseminação do que seriam os “genuínos” EC (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 46).

No contexto brasileiro, cabe apresentarmos Renato Ortiz, que dentre os teóricos brasileiros que trabalham com os EC, é apresentado pelos autores, como o que se destaca no panorama latino-americano quando estudamos esse campo de conhecimento. Por fim, depois de apresentarmos a trajetória dos EC, desde a sua formação britânica, a importância dos fundadores, a sua pertinência tanto teórica quanto política, a influência de outras disciplinas na formação dos EC e como hoje esse campo de conhecimento também influencia outras disciplinas, podemos explicar, resumidamente, as transformações porque passam os EC, através da citação a seguir.

Desde o final da década de 1950, tem existido, dentro da vida cultural e intelectual de língua inglesa, um projeto que causou impacto significativo no trabalho acadêmico no campo das Artes, das Humanidades e das Ciências Sociais. Nos anos 50, tal projeto não tinha um nome. Não tinha nem sequer uma única fonte. Surgiu dentro de um contexto histórico e social específico, a partir do trabalho de três indivíduos. Raymond Williams, Richard Hoggart e E. P. Thompson estavam

preocupados, de forma diferente, com a questão da cultura na sociedade estratificada em classes da Inglaterra. Os autores estavam tentando, cada um a seu modo, entender o papel e o efeito da cultura em um momento crítico da própria história da Inglaterra: um momento marcado pelo fim da Segunda Guerra Mundial, a herança, em um ambiente já mudado e em constante mudança, de uma política de classe de limitada resistência, e, finalmente, a importação ou invasão, através dos meios de comunicação de massa, da cultura americana, o que tornou público e ressaltou a todos o dominador caráter de classe da vida cultural inglesa (ESCOSTEGUY, 2010, p. 29-30 *apud* BLUNDELL et al., 1993, p. 1).

Assim, passemos às contribuições teórico-metodológicas dos EC para o trabalho que pretendemos desenvolver. Nesse sentido, o trabalho desenvolvido por Raymond Williams (2011) ao elaborar o conceito de “estrutura de sentimento” é de fundamental importância para a análise do corpus documental do trabalho. Dessa forma, iniciamos a pesquisa pela compreensão de quem foi Raymond Williams, ao analisarmos a partir de Araújo (2004) sua trajetória de vida. Cabe ressaltar que conhecer a história de vida desse autor é relevante para entendermos que contribuições suas vivências trazem para a construção teórica desenvolvida por ele.

Araújo (2004), apresenta Raymond Williams como escritor galês que viveu de 1921 a 1988, conhecido por ser um crítico marxista, que inicia a sua produção acadêmica na década de 1950. Segundo Araújo (2004), Williams empreende seus primeiros estudos sobre o conceito de cultura na tentativa de compreender como esse termo foi se constituindo e conformando determinados significados. Essas considerações da autora identificamos no livro “Cultura e Sociedade”, editado em 1958, em que Williams identificou que o termo ganha autonomia no século XX, mas que suas bases são fixadas no século XIX.

Segundo a autora, com o estudo de Williams sobre a formação do termo cultura, se institui práticas antes não realizadas e possíveis. Primeiro o termo adquiriu uma materialidade e assim, estipulou modificações nas relações entre homens e entre grupos de homens, gerando identidades, conflitos, relações de subordinação, alternativas de trabalho intelectual, ou seja, uma infinidade de interações. Assim, julgamos pertinente algumas vivências de Williams que influenciam na sua formação e que, por conseguinte, estão presentes na formulação de suas teorias, como podemos observar na citação a seguir.

Williams operou suas reflexões tomando como referência a classe trabalhadora concreta, cooptada pelo consumo fácil de mercadorias para as ‘massas’. (...) Ele tenta refazer o caminho da teoria marxista, colocando no centro do debate uma crítica da cultura. (...) Williams incomodava-se com o socialismo *já-feito* dos marxistas e não admitia as prescrições tão detalhadas e deterministas da esquerda anticapitalista, que ignorava a força e as minúcias do capitalismo em se manter de pé. (ARAÚJO, 2004, p. 1-2).

Dessa maneira, as vivências de Williams lhe permitiram, assim como outros autores do século XX, utilizar o termo cultura como “prática social” e “produção cultural”, ambos entendidos como “sistema de significações”, o que ampliou as interpretações do termo, pois cultura passou a incluir toda e qualquer “prática significativa”, contemplando três dimensões antes desagregadas: cultura como “modo de vida global”, como “sistema de significações” e como “atividades artísticas e intelectuais”. Ou seja, com Williams e outros autores do século XX, cultura passou a designar mais do que arte e literatura.

Segundo Araújo (2004), nos textos de Raymond Williams encontramos o entendimento de que cultura se produz na realidade. Esse entendimento de cultura está diretamente relacionado às vivências de Williams. Pois, “inspirado em sua própria vida – a qual para muitos intelectuais seria considerada sem cultura – Williams dizia que ter crescido naquela família era ver o amalgamento de mentes, a aprendizagem de habilidades novas, a troca de relações, o aparecimento de diferentes linguagens e idéias” (ARAÚJO, 2004, p. 8).

Em Cevasco (2001), o autor Raymond Williams descreve a cultura como desigual entre as classes. Pois, segundo ele, a cultura estruturada na educação ou nas artes reproduz a desigualdade social. Assim, observamos que as vivências de Williams interferem no seu entendimento sobre o conceito de cultura, pois, como podemos observar na citação anterior, muitos intelectuais o considerariam sem cultura, devido à sua origem familiar, origem operária e, portanto, popular.

A autora coloca que a abordagem de Williams explora outros domínios da teoria fundante de Marx, isso por entender que é através da cultura que se modifica a organização social. Segundo Cevasco (2001), o que ocorre é a ampliação do materialismo para atender a domínios pouco explorados na teoria fundante de Marx. Dessa maneira, o que autora pretende é demonstrar que Williams não é um marxista que realiza crítica cultural em vez de política, mas um autor que busca uma resposta teórica às modificações na organização social que possibilitem e exigem novas formulações. Nesse sentido, a autora, a partir da elaboração teórica de Williams, define como deve ser realizado um trabalho marxista de crítica à cultura.

Ao contrário, temos que aprender e ensinar uns aos outros as conexões que existem entre uma formação política e uma econômica, e, talvez o mais difícil, uma formação educacional e uma de sentimentos e de relações que são nossos recursos mais imediatos em qualquer forma de luta. O marxismo contemporâneo, estendendo seu escopo para abarcar esta área mais ampla, reaprendendo o sentido real de totalidade é então, um movimento de que participo com grande satisfação (CEVASCO, 2001, p. 137).

A autora afirma que o que se constata na análise das práticas culturais é que vivemos em um mundo em que se tornou impossível separar as questões ditas culturais das questões políticas e econômicas. Dessa maneira, passemos ao entendimento do conceito de estruturas de sentimento. Primeiramente é preciso ter claro que, na formulação desse conceito, o cultural e o social são indissociáveis, pois, “a vida social se processa, na perspectiva de Williams, segundo um sistema organizado, onde não é possível separar, desmembrar, isolar o produto cultural” (ARAÚJO, 2004, p. 6).

Segundo Cevasco (2001), “na tentativa, de descrever a relação dinâmica entre experiência, consciência e linguagem, como formalizada e formante na arte, nas instituições e tradições, Williams cunhou um novo termo, estrutura de sentimento”. Esse conceito está refletido nas alterações contidas na produção cultural, de modo a modificar a sua tradição e a própria organização social. De acordo com Araújo (2004), a estrutura de sentimento, enquanto conceito, é formulado no intuito de entender que toda mudança ocorrida na produção cultural é sempre social e decorre das respostas às mudanças objetivas. Assim, retomamos Cevasco (2001) que, a partir das considerações de Fredric Jameson, propõe uma definição que acredita ser a que mais se aproxima do significado correto para o termo “estrutura de sentimento”.

Fredric Jameson entende que sua tarefa crítica em *Postmodernism or the Cultural Logic of Later Capitalism* é determinar se o pós-modernismo é uma nova estrutura de sentimento: ‘A tarefa ideológica fundamental do novo conceito (o de pós-modernismo) continua ser a de coordenar novas formas de práticas e de hábitos sociais e mentais (acredito que isso é o que Williams queria designar com o termo estrutura de sentimento) com as novas formas de produção e organizações econômicas postas em prática pela modificação do capitalismo – a nova divisão social do trabalho – nos últimos anos. (CEVASCO, 2001, p. 151)

Ainda, segundo a autora, ao nos referirmos ao termo estrutura de sentimento, temos de ter em mente que as análises, por exemplo, de uma obra de arte, embora dadas nas obras, não são geradas internamente, mas, segundo Cevasco (2001), são o contrário, tratam-se de estruturações do que é vivido na experiência histórica, ou seja, a obra de arte pretende transmitir alguma(s) informação(ões). Mas são as experiências do cotidiano que nos levam a compreender a mensagem, pois, quando retiradas do contexto histórico em que são elaboradas, perdem o seu real significado. Para Cevasco (2001), o termo estruturas de sentimento, não é um ou outro, mas a formação da consciência entre o articulado e o vivido. Segundo a autora, embasada no entendimento de Raymond Williams, o que o pintor quis transmitir com uma obra de arte, mais o vivido (experiência histórica), nos permite uma leitura subjetiva e individual da mesma.

No início desse subitem apontamos que iríamos apresentar as contribuições teórico-metodológicas dos EC para o desenvolvimento desse trabalho. Nesse sentido, Escosteguy (2010) afirma que em relação às estratégias metodológicas adotadas pelos EC, elas costumam ser reduzidas à aplicação da etnografia e da observação participante, embora possam parecer mais diversificadas, como, (auto)biografias, depoimentos, histórias de vida. Apesar da crítica à metodologia aplicada pelos EC, Escosteguy em outro trabalho, publicado em 2007, se utiliza da proposta teórico-metodológica dos EC, como podemos observar na citação a seguir.

Nesse sentido, sustento que a proposta teórico-metodológica dos estudos culturais para a comunicação sinaliza a necessidade de situar-se no plano da pesquisa que integra o estudo das instituições e sua organização, suas produções e condições de produção, os públicos e suas práticas, nas respectivas relações que se estabelecem entre todos eles. Trata-se de uma tentativa de produzir novas formas de conhecimento, desvinculado dos limites de áreas especializadas e dominantes no campo da comunicação. Tal (re)definição do objeto de estudo é uma das marcas dessa tradição, residindo aí um aspecto de sua práxis interdisciplinar”. (ESCOSTEGUY, 2007, p. 133)

Assim, chegamos aos conceitos elaborados por Williams de *dominante*, *residual* e *emergente*, que estão articulados à noção de estrutura de sentimento do mesmo autor, sendo que eles serão, posteriormente, aplicados na análise da pesquisa empírica. Nesse sentido, esses conceitos, visam identificar como as características *dominantes*¹¹ em um determinado processo ou sistema cultural presente se articulam a elementos que foram formados no passado, mas ainda estão ativos no processo cultural, isto é, as características *residuais*¹², tensionadas ainda pelas características *emergentes*¹³.

Apesar do entendimento desses conceitos serem fundamentais para a realização do trabalho, pois eles serão aplicados na análise do corpus documental, não o desenvolveremos com mais afinco nesse primeiro capítulo, uma vez que o faremos no segundo capítulo em uma subseção dedicada ao seu entendimento. Entretanto, julgamos relevante apresentarmos essas

¹¹ Segundo FERREIRA; COIRO (2011, p. 4): “A noção de *dominante* permite reconhecer os elementos hegemônicos em uma dada cultura, a partir das relações que se estabelecem em seu interior, e de como essas relações predominam umas sobre as outras. A análise da cultura contemporânea é a análise daquilo que se configurou historicamente como dominante, juntamente com suas instituições e formações, e seus processos de imposição sobre outras forças desenvolvidas em paralelo (SILVA, 2010)”.

¹² Segundo FERREIRA; COIRO (2011, p. 4): “A concepção de *residual* leva em conta que ao longo do processo histórico, novas práticas sociais emergem, valores, costumes, normas evidências são substituídos ou mesclados por novas experiências, mas permanecem resquícios e vestígios de características do passado. Essas nuances são residuais, elementos que ainda operam no presente, porque de alguma forma, ao longo da sua trajetória na história, resistiram à cultura dominante”.

¹³ Segundo FERREIRA; COIRO (2011, p. 5): “A concepção *emergente* é resultado da tensão dos aspectos dominantes e residuais, que gradativamente perdem força diante de novas práticas sociais que emergem. O que se dá, todavia, é uma fusão entre o novo e o velho, já que há aspectos dominantes e residuais que sobrevivem ao emergente”.

noções por entendermos que são esses conceitos que de fato iremos utilizar do campo de conhecimento dos Estudos Culturais no trabalho que desenvolvemos. Assim, por mais que não fossem explorados no primeiro capítulo, julgamos que essas noções de estrutura de sentimento deviam ser minimamente apresentadas aos leitores, por ser um dos elementos que irão permear a escrita do segundo e terceiro capítulos, quando tratarmos do percurso metodológico e da análise do corpus documental, respectivamente.

Chegando ao fim da terceira subseção, do primeiro capítulo, reiteramos a importância de referenciar esses teóricos no esforço de aliar as suas perspectivas ao nosso objeto de estudo. E, com isso, passemos ao segundo capítulo em que encontramos uma análise sobre as identidades católica, a partir de uma abordagem que procurou contemplar memória e esquecimento, e em que também apresentamos o nosso *corpus* documental e o percurso metodológico empregado para a sua análise, sendo que a análise está no terceiro capítulo desse Trabalho de Conclusão de Curso.

2 IDENTIDADES, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO NA REVISTA CATÓLICA “RAINHA DOS APÓSTOLOS”

Neste capítulo analisamos os conceitos de identidades, memória e esquecimento, pois, a partir deles, pretendemos averiguar através da publicação católica “Rainha dos Apóstolos” de que maneira a Igreja, enquanto instituição representada através de quem (no caso padres, bispos) escreve as publicações católicas do período, procurou respaldar os interesses, como o nacionalismo, propagado pelo governo de Getúlio Vargas durante o Estado Novo(1937-1945). Na segunda subseção, tratamos sobre os aspectos históricos da fonte de pesquisa deste trabalho, a revista “Rainha dos Apóstolos”. Ainda nessa subseção tratamos sobre o discurso da “Boa Imprensa Católica”. Por fim, na terceira subseção, apresentamos o percurso metodológico que pretendemos utilizar na análise documental, bem como o conceito de estruturas de sentimento, elaborado por Williams, que será empregado na análise do *corpus* de pesquisa, no terceiro capítulo.

2.1 Identidades, memória e esquecimento: a relação entre o governo e a Igreja Católica durante o Estado Novo

Como já afirmado, o trabalho que pretendemos desenvolver é resultado da necessidade que sentimos de potencializar a dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Para isso, mantivemos o recorte temporal, no caso o período estudado, que compreende aos anos entre 1937 e 1945, esse recorte temporal encontra-se embasado no regime político do período, o Estado Novo.

Após apresentarmos nosso recorte temporal cabe identificarmos que relação ele possui com o nosso corpus documental, assim pretendemos explicar a relação de um regime político autoritário com uma revista católica editada no interior do estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente no município de Santa Maria. Esse contexto é resultado das escolhas políticas do período, pois nele a Igreja Católica e o governo aproximaram-se a fim de se legitimarem. Nesse período, a Igreja estava respaldada pelo governo, assim como o governo se articulava aos dogmas religiosos para se legitimar, ou seja, era preciso unir forças entre a Igreja e o

governo para sustentar um regime autoritário. Assim, nosso interesse é buscar nas páginas da revista católica “Rainha dos Apóstolos” como ocorreu a pedagogização da propaganda política nesse período, uma vez que entendemos que essas instituições procuravam se legitimar mutuamente, sendo que a Igreja Católica no Rio Grande do Sul também estava empenhada em desenvolver uma “identidade católica da nação”, como veremos adiante.

Antes, consideramos relevante trazer algumas considerações no que se refere às definições de pedagogização. Primeiro, a partir de Libâneo (2001), quando falamos em pedagogização estamos tratando de uma direção pedagógica que é intencional, consciente e organizada, nesse sentido, pedagogizar é juntar os elementos lógico-científicos da disciplina com os político-ideológicos, éticos, psicopedagógicos e os propriamente didáticos, e isso significa submeter os conteúdos científicos a objetivos explícitos de cunho ético, filosófico, político, que darão uma determinada direção (intencionalidade) ao trabalho. No que se refere a nossa sociedade, atual, mas também no período do Estado Novo, Libâneo (2001) demonstra que é possível identificarmos uma intensa pedagogização da sociedade, principalmente, devido ao impacto das inovações tecnológicas, dos meios de comunicação, da difusão cultural e científica e da propaganda, ou seja, muitos dos elementos que segundo o autor promovem a pedagogização da sociedade encontramos na realização deste trabalho.

Para respondermos como é pensada a identidade no momento em que o nacionalismo, nos moldes implementados pelo Estado Novo, é proposto à população brasileira, é preciso retrocedermos ao final do século XIX, e para isso pretendemos utilizar algumas concepções de Armani (2010). Assim, ele demonstra que nação e identidade são discussões indissociáveis¹⁴, depois apresenta o pensamento religioso desenvolvido por Eduardo Prado que se encontrava articulado à sua ideia de nação, mas essa concepção não era novidade no entendimento sobre a formação do nacional. A Inglaterra, enquanto nação constituiu-se em relação ao seu temor a Deus e ao tratar da nação nas Américas, o tema religião também foi investigado¹⁵.

¹⁴ Como podemos observar no trecho: “Ao longo da trajetória intelectual do Brasil no fim de século, nenhum autor deixou de tentar fixar a identidade da nação. Até o presente momento, mantivemos a tentativa de sua definição, a partir do discurso centrado em Eduardo Prado e outros escritores, partindo do que poderia ser denominado um exterior da própria nação em sua Identidade” (ARMANI, 2010, p. 122).

¹⁵ No trecho a seguir Armani (2010) apresenta a importância atribuída à identidade religiosa para a manutenção e revitalização da nação. “Ainda em tempos de preocupação com a ameaça anglo-americana, Eduardo Prado apostava na recuperação do cristianismo para os povos latinos, o que garantiria ‘a existência de nossas pátrias’ (p. 173). Apesar de que a religião católica sempre tenha sido atrelada à ideia de Monarquia do autor, parecia que havia, efetivamente, um deslocamento gravitacional para a religião, que passava a ser uma das principais, senão a principal mantenedora e revitalizadora da nação” (ARMANI, 2010, p. 131).

Além disso, ao se tornar uma república, o Brasil corria o risco de incorporar o ateísmo como ocorria em outras repúblicas em que tinha respaldo político, como podemos observar na citação a seguir, extraída de um documento de fins do século XIX que procura construir um discurso oficial sobre a identidade católica brasileira. “A ausência dos religiosos, [...] implicava um retorno dos índios à selvageria, o que poderia ter efeitos negativos na construção da nacionalidade miscigenada do Brasil que tantos autores salvaguardavam” (ARMANI, 2010, p. 113).

A partir da passagem é possível analisar a relevância da identidade católica na formação da nação em fins do século XIX, momento em que coube aos intelectuais brasileiros construir um discurso sobre a nação, bem como formarem um discurso oficial sobre a identidade católica brasileira. Assim, chegamos ao século XX, em que observamos a retomada no discurso de nação e do nacionalismo, pois nesse período despontam na Igreja Católica intelectuais que não restringem suas discussões a assuntos religiosos, mas procuram responder a questões que afetam a sociedade como um todo.

Para o Brasil temos a proposição, pelos intelectuais em fins do século XIX, de uma identidade católica brasileira, que persiste no século XX e que não era, apenas, nacional, mas também regional. Pois, como propõe Borin (2010), a Igreja Católica no Rio Grande do Sul também estava empenhada em promover uma identidade católica da nação, que segundo a autora ocorreu com o reconhecimento de Nossa Senhora Medianeira como Padroeira do Estado do Rio Grande do Sul, como veremos com mais detalhes a seguir. Nesse sentido, o que estamos defendendo é que a proposição de uma identidade católica brasileira não ocorreu apenas no discurso dos intelectuais que estavam pensando a nação em fins do século XIX, mas que essa proposição persistiu no século XX e que foi fortalecida pelos estados, como ocorreu com no Rio Grande do Sul.

Tanto no livro de Chiaramonte (2009), quanto no de Armani (2010), encontramos a defesa de que a construção das nações e do nacionalismo e, principalmente, da identidade encontra-se relacionada a importância do apoio da Igreja Católica, ao entenderem essa instituição como um elemento capaz de conferir unidade a população. No Brasil, a situação não era diferente, pois durante o Estado Novo, coube ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) promover o sentimento nacionalista, através de eventos públicos e do sistema escolar, ou seja, havia um interesse do governo em promover o nacionalismo e a Igreja Católica corroborou com essa perspectiva.

Assim, segundo Isaia (1998, p. 150), “no Brasil, a aproximação entre Igreja e o Estado pós-30, que institucionaliza suas reivindicações básicas, trará para a hierarquia católica a

oportunidade de realizar seu projeto de ‘nacionalismo católico’, no qual o espaço político conquistado era o ponto de partida para efetivar o combate a seus inimigos”. A partir da citação, o autor demonstra que a proposta nacionalista do governo estava de acordo com o projeto de “nacionalismo católico”, ou seja, não que a Igreja apoiasse sem restrições o nacionalismo defendido pelo governo, na verdade ela aproveitou da aproximação com o Estado e das boas relações políticas incitadas com essa ação para realizar o seu projeto.

Dessa maneira, coube ao Estado brasileiro se conciliar com as raízes cristãs da nacionalidade. Nesse sentido, a formação da nacionalidade brasileira no pós-30, pode ser explicada a partir da metáfora da família utilizada por D. João Becker, segundo ele na família convivem pessoas de diferentes temperamentos que se reúnem por pertencer a um tronco comum¹⁶. Com isso, a Igreja Católica buscava mediar a integração de diferentes povos aos valores da nacionalidade brasileira, ao entender que essa integração/unidade nacional era possível a partir da adesão da população aos preceitos da Igreja Católica.

Para D. João Becker, a ideia de nação, que pressupunha uma união espiritual em torno de valores e crenças comuns, formava-se no Brasil através da integração de diferentes etnias à bagagem histórico-espiritual que o caracterizava. Para essa integração, o caráter supranacional – “católico” – da Igreja atuava como força justamente de afirmação da identidade nacional brasileira, integrando diferentes etnias a uma herança cultural específica. Se a Igreja se caracterizava por pairar acima das nacionalidades, o Brasil plasmava a sua identidade na aceitação de seu magistério; se, por outro lado, a nacionalidade brasileira formava-se da coexistência de diferentes etnias, o influxo do catolicismo sobre estas colaborava para a formação de um conjunto de valores e crenças próprios da ideia de nação. Assim, a supranacionalidade da Igreja tornava-se uma instituição funcionalíssima para mediar a integração de povos diversos aos valores da nacionalidade brasileira. (ISAIA, 1998, p. 165)

A partir dessas considerações é interessante analisarmos de que maneira o projeto de “nacionalismo católico” encontrou no nacionalismo proposto pelo governo a possibilidade de se consolidar e, principalmente, de formar no Brasil uma unidade, que segundo a Igreja, só era possível através do entendimento desse período histórico, isso no que se refere à identidade nacional.

Quando tratamos de identidades, porém, mais especificamente de identidade nacional, podemos nos remeter a Stuart Hall (2002), principalmente, quando ele afirma que a nação é uma comunidade simbólica legitimada a partir do seu poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade. Além disso, a identidade nacional, assim como a nação e o nacionalismo, é forjada. Pois, segundo Hall (2002) não importa quão diferentes sejam seus

¹⁶ Podemos encontrar essa explicação em Isaia, 1998, p. 165.

membros a cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para identificá-los como elementos formadores de uma grande família nacional. Dessa maneira, as culturas nacionais buscam produzir sentidos sobre a nação, e através da identificação com esses sentidos que são construídas as identidades¹⁷.

Nesse sentido o que observamos na revista “Rainha dos Apóstolos” é a promoção de uma identidade católica aliada a uma proposição de identidade nacional, ou seja, a revista, enquanto uma publicação ligada à Igreja Católica se utiliza de termos como “gloriosa pátria”, “povo brasileiro” para requerer benefícios em causa própria. Podemos citar o exemplo de um artigo assinado pelo padre Eurico Maria pedindo aos fiéis doações para custear as missões no estado do Pará. Essa abordagem torna-se mais clara com a citação:

Só nos resta estender humildemente a mão, implorando a generosidade dos que desejam a grandeza de sua Pátria e o serviço incondicional a seu Deus. No Xingu na hora presente, pastores protestantes lançam os fundamentos de uma crença que não é a nossa crença, de uma civilização que não é a de Anchieta, Nóbrega e outros denodados apóstolos a quem o Brasil deve a sua unidade e auspiciosas esperanças de progresso. [...] O povo brasileiro virá em auxílio dos que pretendem engrandecer esta gloriosa Pátria, conservando-lhe a harmonia da religião na unidade da fé? Esta fé que iluminou o despertar do Brasil, e foi princípio fecundo de progresso, porque seus preceitos de amor levaram milhares de missionários a sacrificar-se em prol da humanidade. Ao encetar a obra de caridade e civilização que exigem as tristes condições de nossa Prelazia, este humilde missionário espera encontrar numerosos e dedicados colaboradores, em todos que lerem estas linhas e sentirem nos seus corações a chama do patriotismo, e o amor de seus irmãos. Por Deus e pelo Brasil, é o nosso grito. Por eles daremos a vida. Só pedimos uma prece e o óbulo generoso de vossa caridade cristã. Meus irmão, salvemos o Xingu!”. (Pe. EURICO MARIA, 1943, p. 213)

Na citação anterior observamos que para conseguir doações para as missões no Pará a revista, enquanto um dos meios de fala da Igreja Católica no Brasil, se utiliza de expressões nacionalistas e, assim, associa-se ao que o governo propõe para o Estado Novo. Isso ao requerer, a partir de elementos nacionais uma identidade concebida como católica.

Entretanto, para tratarmos de uma identidade católica, é preciso nos remetemos ao “nacionalismo católico”. Segundo Isaia (1998), no que se refere ao “nacionalismo católico”, a tarefa da Igreja consistia em preservar a moralidade social, pois o Brasil constituía-se num país composto por uma população com diferentes valores, costumes e crenças, e a integração

¹⁷ No que se refere a identidades o autor afirma que: “Mas eles tem recebido um enorme e original impulso desse enredado e inconcluso argumento, que demonstra sem qualquer sombra de dúvida, que a questão e a teorização da identidade é um tema de considerável importância política, que só poderá avançar quando tanto a necessidade quanto a ‘impossibilidade’ da identidade, bem como a suturação do psíquico e do discursivo em sua constituição, forem plena e inequivocamente reconhecidos”. (HALL, 2000, p. 131)

da nacionalidade brasileira, segundo D. João Becker, só era possível a partir da religião católica.

Entretanto, antes de nos atermos aos conceitos, indissociáveis, de memória e esquecimento, assim cabe mencionarmos a aproximação do nacional com o regional nesse período. Dessa maneira, temos que, primeiramente, justificarmos o entendimento de que a identidade sul-riograndense não estava desvinculada de uma identificação com o nacional. Sendo que essa perspectiva pode ser observada em Oliven (2010, p. 14):

O que ocorre no Rio Grande do Sul parece estar indicando que atualmente só se chega ao nacional através do regional, ou seja, para seus habitantes só é possível ser brasileiro sendo gaúcho antes. A identidade gaúcha é hoje resposta enquanto expressão de uma distinção cultural em um país que se encontra integrado do ponto de vista econômico, cultural e de redes de transporte e de comunicação.

Dessa maneira, ao requerer a identidade de sul-riograndenses, as revistas católicas não estavam se opondo à centralização imposta pelo governo federal, mas sim, procurando chegar ao nacional através do regional, pois como propõe Borin (2010), a Igreja no Rio Grande do Sul estava empenhada em desenvolver a identidade católica da nação¹⁸. Nesse sentido, cabe retomarmos um dos nossos questionamentos presentes desde o início da realização deste trabalho, isso quando questionamos como é apresentada a cultura e a identidade sul-riograndense, ou gaúcha, na revista católica “Rainha dos Apóstolos”.

Primeiro, temos de considerar as diferentes tentativas da construção de uma identidade nacional, a primeira delas após a Independência do Brasil (1822) em que se procurou romper com qualquer característica que fosse semelhante à metrópole, Portugal. Depois, com a Proclamação da República (1889) a identidade nacional se reveste de suas belezas naturais e encontra na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) o seu principal canal de fomento. Entretanto, durante a Era Vargas (1930-1945), mas, principalmente, com o Estado Novo (1937-1945) a identidade nacional irá ganhar outra perspectiva, na tentativa de estabelecer uma unidade que compusesse a cultura e a identidade brasileira, ou seja, o futebol, o carnaval e o samba¹⁹.

Porém, não foi possível enquadrar todos os brasileiros nessa perspectiva, e nessa brecha a Igreja Católica se empenhou em desenvolver uma identidade católica da nação, pois

¹⁸ Podemos verificar esse posicionamento da autora na citação que ela afirma que: “Analisando o fragmento acima, percebemos que a festa de Nossa Senhora Medianeira deveria ter importância igual ou maior que a festa da padroeira do Brasil, pois a Igreja do Rio Grande do Sul estava no rol dos Estados brasileiros empenhados com a identidade católica da nação” (BORIN, 2010, p. 288).

¹⁹ DA MATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

num país com as dimensões continentais do Brasil, a Igreja percebeu que o esforço de promover uma unidade cultural na tentativa de fomentar uma única identidade nacional seria inútil. Nessa perspectiva, a revista “Rainha dos Apóstolos” está alinhada a proposição da Igreja Católica para o Brasil, pois nela observamos que os elementos peculiares da cultura e da identidade sul-riograndense são preservados e que a única unidade cultural que é promovida compreende a identidade católica de nação. Ou seja, o governo, Estado Novo (1937-1945), propõe a unidade de uma cultura e identidade brasileira que a Igreja Católica não questiona, entretanto em suas publicações do período observamos que a Igreja respeita os regionalismos, sejam eles culturais ou identitários, ao mesmo tempo em que promove a unidade nacional através da defesa de uma única religião, representada pela Igreja Católica.

Com isso, podemos considerar a partir da observação da revista católica “Rainha dos Apóstolos”, entendida neste trabalho como representante dos interesses da Igreja Católica no Rio Grande do Sul, que ela estava respaldando o nacionalismo propagado pelo governo através do empenho em desenvolver uma “identidade católica da nação”. Além disso, observamos o empenho em elaborar um discurso nacionalista, ao sabor da ideologia estadonovista. Assim, cabe reafirmarmos que a abordagem regional não deslegitima o caráter nacionalista do governo, pois foi levada em consideração a maneira mais conveniente de tratar de elementos religiosos, e também políticos, em um regime político autoritário, como o Estado Novo.

Os termos memória e esquecimento podem ser apresentados como binômios, uma vez que são noções, as quais só atingem a seu real significado quando compreendemos que eles se complementam. Assim, iniciemos essa aproximação a partir do entendimento de Rousso (1996, p.88), ao afirmar que “a ‘narrativa histórica’ começa com o estabelecimento de um *corpus* coerente, inteligível sob o ponto de vista de uma investigação precisa, e não sob o ponto de vista de um passado que se pretenderia simplesmente restituir em sua verdade recôndita”.

Assim, podemos considerar que a investigação histórica realizada a partir do vestígio tem, além da dificuldade em lidar com o termo verdade, a problemática de reconhecer o que é perdido com a passagem do tempo, pois como pontua Gagnebin (2006, p. 11) “nem a presença viva nem a fixação pela escritura conseguem assegurar a imortalidade; ambas, aliás, nem mesmo garantem a certeza da duração”. A autora, ainda, remete-se a Walter Benjamin, ao corroborar com sua perspectiva de que ao articularmos o passado, isso não significa conhecê-lo como ele propriamente foi, mas corresponde a uma “lembrança tal como ela cintila num instante de perigo”, ou seja, o que lembramos ao acaso, sem intenção de

rememorar²⁰. Mas, a memória não se constitui, apenas, de lembranças afetivas que são retomadas ao acaso. Começamos com Gagnebin (2006, p. 44), que ao tratar sobre o conceito de memória pondera que “a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência”, ou seja, voltamos ao ponto já tratado, de que memória é lembrança, mas também esquecimento.

Segundo Pierre Nora (1993), a percepção histórica ampliou-se com o auxílio da mídia, isso permitiu-nos ver a História acontecer diante de nossos olhos. Sendo assim, mesmo que a pedagogização da propaganda política durante o Estado Novo tenha ocorrido no início do século XX, esse processo contou com a contribuição de meios de comunicação impressos, principalmente, com a revista católica, “Rainha dos Apóstolos”.

Assim, incorporamos ao texto o discurso presente na revista “Rainha dos Apóstolos”, em que, primeiramente, a Companhia de Jesus é apresentada como um dos elementos-chave para a História do Brasil. “O catolicismo no Brasil, foi por muito tempo a Companhia de Jesus, e não só o catolicismo, mas o descobrimento, a exploração e a posse do território. É de todo duvidoso, que se tivesse mantido a unidade nacional, sem a unidade da Companhia” (CAMARA, 1944, p. 205). Ainda, nesse artigo, a revista aponta que graças ao bom exemplo e ao heroísmo que formavam a personalidade dos missionários da Companhia de Jesus é que foram constituídos os melhores atributos que nos fazem brasileiros.

No que se refere à relação entre memória e esquecimento cabe apresentarmos a autora Jacy Alves Seixas, que afirma a indissociabilidade entre memória e esquecimento²¹. Nesse sentido, a autora aponta que lembrar/esquecer está incorporado às características psíquicas e sociais dos grupos humanos. Assim, Seixas (2003) pontua que podemos interrogar a memória através de sua ausência (esquecimento).

Sobre o esquecimento, Seixas (2003, p. 170) afirma que “trata-se de um esquecimento em grande medida ‘administrado’, gerido politicamente, e que se vale de mecanismos conscientes e inconscientes para se repor e perpetuar”. Assim, a autora coloca que a memória supõe usos e práticas, sendo que o mesmo ocorre com o esquecimento, ou seja, o esquecimento, assim como a memória, também precisa ser exercitado, pois ele ocorre quando

²⁰ Essa definição que a autora apresenta de Walter Benjamin assemelhasse a definição de *memória involuntária* presente no texto da Jacy Alves de Seixas, sendo que a autora define, sinteticamente, como “a memória é portanto algo que ‘atravessa’, que ‘vence obstáculos’, que ‘emerge’, que irrompe: os sentimentos associados a esse percurso são ambíguos, mas estão sempre presentes” (SEIXAS, 2006, p. 47).

²¹ Porém, mais do que tratar da indissociabilidade entre memória e esquecimento, a autora utiliza-se das definições de memória voluntária e involuntária. Resumidamente, podemos afirmar que a memória involuntária é afetiva, emocional, dessa maneira a autora considera que essa memória só é acessada de maneira casual, a qual pode aparecer através de um gesto, olhar e/ou fala. Enquanto que a memória voluntária é “promovida”, “elaborada” pelo responsável por (re)construir a(s) narrativa(s), sendo assim a encontramos na “elaboração” (fala, escrita, narração) dos indivíduos e do coletivo, ou seja, a memória voluntária pode ser acessada através dos documentos, dos testemunhos.

uma memória é eleita e reafirmada. E, por isso, segundo ela, cabe aos vestígios impedirem o esquecimento definitivo, ao entender que esses “rastros” permitem, apenas, o esquecimento reversível.

Assim, o que observamos é que a memória não é “natural”²², mas sim um processo histórico, permeado por uma trajetória de esquecimentos. Nesse sentido, o que a autora pretende demonstrar é o quanto a memória sobre o passado é formulada, “construída”, a partir das necessidades e vivências do momento, ou seja, o passado é rememorado para que se possa legitimar o presente.

Por fim, podemos considerar, a partir da observação da revista católica, entendida como representante dos interesses da Igreja Católica no Rio Grande do Sul, que a Igreja estava respaldando o nacionalismo propagado pelo governo através do empenho em desenvolver uma “identidade católica da nação”. E, por isso, era pertinente que fosse fomentada a pedagogização da propaganda política, até mesmo em publicações católicas, durante o governo de Getúlio Vargas (1937-1945), a fim de fortalecer elementos que eram defendidos pelo governo, como o autoritarismo, a centralização política e o nacionalismo, apesar do domínio do regionalismo.

2.2 A mídia impressa católica²³

A Igreja Católica esteve presente na formação dos meios de comunicação, hoje entendidos como mídia, desde a prensa de tipos móveis que se desenvolveu dentro dos antigos mosteiros. Realizando um grande salto temporal, podemos nos remeter a presença da Igreja Católica, assim como de outras religiões nos meios de comunicação. Hoje, identificamos a presença significativa de evangélicos e católicos nos meios de comunicação, os quais controlam editoras, emissoras e programas de rádio, programas e emissoras de televisão (Rede Record, Rede Vida de Televisão, Canção Nova, TV Aparecida), e mais recentemente, esses grupos religiosos adquiriram uma parcela significativa da grade de programação de canais da TV aberta. Nesse caso corresponde, especificamente, aos grupos

²² Essa perspectiva corrobora com a proposta apresentada por Jacy Alves de Seixas em: SEIXAS, Jacy Alves de. Tênuas fronteiras de memórias e esquecimentos: a imagem do brasileiro jecamacunaímico. In: GUTIÉRREZ, Horacio; NAXARA, Márcia Regina Capelari; LOPES, Maria Aparecida de S. (orgs.). **Fronteiras**: paisagens, personagens, identidades. São Paulo: Olho D’Água, 2003.

²³ Algumas ideias apresentadas nessa subseção já foram apresentadas no II Congresso Internacional de História Regional, no campus na Universidade Passo Fundo, que ocorreu entre 24 a 27 de setembro de 2013.

evangélicos, que segundo os últimos dados do IBGE divulgados em junho de 2012, cresceram mais de 60% nos últimos 10 anos, tendo como datas entre 2000 e 2010, ainda foi divulgado que a Igreja Católica, desde a década de 70, apresenta um decréscimo no número de seus fiéis.

De qualquer maneira, os dados apontam a presença massiva e crescente das mais diferentes religiões nos meios de comunicação. Nesse sentido, a Constituição Brasileira de 1988, não proíbe que grupos religiosos entrem em licitações para a concessão de emissoras de televisão e rádio, entretanto proíbe a presidência ou posse de parlamentares de emissoras de rádio ou TV, porém num levantamento realizado em 2007, pelo menos 80 parlamentares foram apontados como donos de concessão pública de televisão e rádio. A partir dessas considerações sobre o desenvolvimento da mídia impressa católica, passemos a narrativa sobre o meio de comunicação impresso que utilizamos no trabalho, ou seja, a revista católica “Rainha dos Apóstolos”.

Antes de tratarmos especificamente da revista, cabe apresentarmos algumas editoras católicas que compõe a mídia impressa católica no Brasil, pois além da concessão de emissoras de TV esses grupos religiosos também ocupam, até hoje, muitos espaços nos meios de comunicação. Dentre as editoras podemos citar: a Editora Pallotti, Editora Vozes, Edições Loyola, Editora Paulus, Editora Salesiana, Paulinas, entre outras.

Sobre a revista católica, “Rainha dos Apóstolos”, cabe mencionarmos que tem sua primeira edição em abril de 1923. Ela possui uma ação múltipla, formula um programa, organiza e gerencia de acordo com os seus interesses. Na revista, desde a sua primeira edição, encontramos a sua posição editorial ou seu *ethos*²⁴, segundo ela suas publicações serão dedicadas a propagar e defender as missões católicas, tanto no Brasil quanto no mundo.

De acordo com as proposições presentes na dissertação de Aline R. Dalmolin (2007), a organização da revista está relacionada à consolidação dos religiosos palotinos no Brasil. Além disso, ela pontua que a criação da revista não é uma estratégia exclusiva dos palotinos²⁵, pois não foram só eles que instalaram tipografias em colégios, seminários, conventos, essa estratégia também é utilizada por outras congregações. Entretanto, ao que nos parece os

²⁴ De acordo com Maingueneau, “o discurso é inseparável daquilo que poderíamos designar muito grosseiramente de uma voz” (1989, p.45). Sendo que, essa voz pode ser apresentada como o *ethos* da revista, com isso, podemos entender o *ethos* como o que é revelado pelo próprio modo de se expressarem, que muitas vezes encontramos nos editoriais dos meios de comunicação impressos.

²⁵ Os palotinos ou padres palotinos são uma congregação religiosa da Igreja Católica Apostólica Romana, criada em 1835, pelo padre Vicente Pallotti. A missão da congregação é se colocar a serviço do Evangelho como apóstolos de Jesus Cristo. Os palotinos chegam em 1886 ao Brasil, depois de serem requisitados pelos imigrantes italianos na região central do Estado do Rio Grande do Sul. Hoje, os palotinos estão espalhados por todos os Estados brasileiros, sendo que alguns são enviados para trabalhos apostólicos na África do Sul, Moçambique, entre outros países.

palotinos, da região central do Rio Grande do Sul, assumem esse discurso no intuito de conferirem notoriedade à congregação no Estado, através da publicação de uma revista católica que levaria a outras dioceses suas ações e trabalhos realizados.

Dalmolin (2007) demonstra que essa estratégia de mobilização através da imprensa é uma tentativa de firmar presença, agregar fiéis, além de pretender aumentar o quadro de religiosos no país. Em relação a esse último interesse são recorrentes na revista as chamadas para vocação religiosa dos jovens. Ainda, a autora relaciona o aparecimento da revista com o momento de intensificação das atividades de imprensa vivenciado pela Igreja católica a partir do final do século XIX, não só no Brasil como ao redor do mundo²⁶.

E é nesse contexto de fomento da imprensa católica, que é publicada em 1923 a revista “Regina Apostolorum”, pelo padre Rafael Iop, reitor do seminário palotino de Vale Vêneto²⁷. Suas primeiras publicações são realizadas no próprio seminário, e no ano de 1934 a tipografia é transferida para a cidade de Santa Maria.

O primeiro exemplar da revista se assemelha mais a um folheto do que, propriamente, a uma revista, entretanto temos de considerar as limitações técnicas, tecnológicas e de recursos humanos da época. A revista “Rainha dos Apóstolos” se apresenta como a primeira revista católica do Brasil, mas se sabe que, em 1907, os franciscanos criaram a revista “Vozes” e com isso, cabe a eles a primazia das publicações católicas no Brasil.

Desde 1923 até 1947 coube ao padre Rafael Iop dirigir e editar a revista. Segundo Dalmolin (2007), em 1947, quando o padre Iop deixa a direção, a sua tiragem é de 1500 exemplares. E em 1948, essa tiragem aumentou para cinco mil exemplares, e em 1973, sua tiragem compreendia 130 mil exemplares. Ou seja, a partir da segunda metade do século XX, principalmente, quando o padre Lauro Trevisan passa a dirigir a revista percebemos a sua popularização.

2.2.1 A defesa da Boa Imprensa Católica na revista “Rainha dos Apóstolos”

A partir da primeira metade do século XX, os meios de comunicação impressos se tornam um importante veículo de divulgação dos discursos católicos. Assim, os impressos católicos correspondem a um recurso muito importante para a divulgação e reafirmação do

²⁶ DALMOLIN, Aline Roes, 2007, p. 22.

²⁷ Vale Vêneto é uma pequena localidade situada próxima a Santa Maria, no passado tentou se emancipar, mas hoje pertence ao município de São João do Polêsine.

catolicismo no Brasil. Segundo Ribas (2011, p. 96), foi esta preocupação com as práticas de leitura dos fiéis católicos que inspirou a criação de uma imprensa católica chamada “Boa Imprensa”, em meados do século XIX no Brasil.

As publicações católicas pautadas pela política da “Boa Imprensa” apresentavam discursos normatizantes, pois demonstravam a seus leitores os perigos de lerem publicações laicas. Assim, de acordo com Silveira (2011), os idealizadores das publicações católicas e, possivelmente, seus leitores, identificam a necessidade de edificar um mundo recristianizado pelos católicos, pela Igreja e pela “Boa Imprensa”. Neste texto optamos por tratar dessa defesa pela revista católica, procurando analisar o conteúdo propagado por elas, e que tipo de publicações os católicos deveriam ler, para evitar que essas “más” leituras os tornassem subversivos. Ainda, é pertinente mencionarmos que durante e, até mesmo antes, do período estudado (1937-1945) se temia a propagação do comunismo, tanto que a implantação do Estado Novo se justifica como uma medida para barrar o avanço do comunismo, nesse cenário, a Igreja Católica também não via com bons olhos esse “avanço”.

Na revista católica, durante o período estudado, encontramos um número significativo de publicações sobre esse assunto. Na revista “Rainha dos Apóstolos” identificamos nove publicações, entre artigos e notas, sobre o tema. Dessa maneira, cabe apresentarmos como esse tema é abordado nas publicações católicas analisadas.

Assim, passemos à análise de alguns trechos da revista, como o artigo presente nela que foi publicado em maio de 1940. Ele trata de maneira clara a aproximação entre o Estado e a Igreja Católica, e no próprio título, “A Igreja e o Estado”²⁸, já identificamos essa proximidade. Através da leitura do artigo percebermos a tentativa de legitimar a proximidade dessas instituições. Após essas primeiras considerações, iniciemos as análises sobre a defesa da Boa Imprensa na revistas católica. Na revista “Rainha dos Apóstolos”, encontramos um artigo denominado “A arma católica nas missões”, de autoria de Mario Filoso.

Não será inútil expor algumas ideias sobre a imprensa. Foi a imprensa a intenção Missionária do Apostolado da Oração no mês de agosto. A meu ver, deve-se lembrar a intenção. Porque a imprensa Missionária é uma das mais poderosas armas de que dispõem os Padres e Colaboradores em terras paganizadas. Vamos, pois, em breve relances haurir alguns conceitos da imprensa. Poucos são os jornais e revistas que após breves momentos de vida sucumbem para sempre a míngua de recursos. É com o peito esfacelado pela dor que assistimos a derrocada apocalíptica da boa imprensa. Enquanto periódicos ensopados no espírito satânico se elevam as alturas intransitáveis da glória e de ressurgimento, a nossa revista, a revista católica se desfaz nas cinzas indistinguíveis da catástrofe. Jornais anticristão se espalham com facilidade pelas massas do povo. Por que os bons diários não conseguem medrar nos

²⁸ A IGREJA e o Estado. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XVIII, n. 5, p. 113-114, mai. 1940.

lares de Deus?. [...] A imprensa penetra os lares, exalta ou abate as mentes, revoluciona as consciências. Nos colégios é a imprensa portadora de sensacionais notícias. [...] A imprensa, nas universidades, norteia o pensamento humano, atirando-lhes aos vagalhões de falsos conceitos. A alavanca mundial que ergue e rebaixa a humanidade é a imprensa (FILOSO, 1940, p. 195-196).

A partir da citação observamos a defesa de que a imprensa católica é um recurso poderoso que deve ser utilizado por expoentes do clero sul-rio-grandense e colaboradores, caso contrário jornais anticristãos se espalharam entre a população. Além disso, Filoso afirma que é preciso defender a “Boa Imprensa”, pois ela está em vias de ser derrotada.

Ainda, observamos que não são poucos os esforços da Igreja Católica para que a “Boa Imprensa” obtenha sucesso, pois, recomenda que os sacerdotes falem aos fiéis sobre Boa Imprensa nas missas, e organizem eventos para arrecadar fundos para essa causa, bem como incentivem a comunidade a consumir (comprar e ler) as publicações católicas. A partir da citação apresentada anteriormente, podemos aferir que a revista “Rainha dos Apóstolos” procurou persuadir seus leitores sobre a importância de defender a Boa Imprensa.

Nessa perspectiva, também temos outro artigo da revista “Rainha dos Apóstolos”. Nele encontramos a afirmativa de que “defender os direitos de Deus e da Igreja pela arma poderosa da imprensa é o nosso dever sagrado”.²⁹

Ainda, consideramos relevante a apresentação de um artigo, “Más leituras”, da revista “Rainha dos Apóstolos”. Nele é relatado aos leitores o que acontece as pessoas que tem acesso à leituras não indicadas pela Igreja. “Vivia na França um estudante tão piedoso que todos o consideravam um São Luiz, mas tendo lido um livro de Voltaire, voltou para casa incrédulo e depravado. Estando doente rejeitou o sacerdote e morreu sem confissão”. (SOLDERA, 1945, p. 70) Dessa maneira, observamos a partir da citação o quanto a Igreja Católica estava atenta às leituras realizadas por seus fiéis, uma vez que havia livros que eram condenados pela Igreja, não sendo permitido aos católicos lê-los.

Ao tratarmos sobre a “Boa Imprensa Católica” pretendíamos demonstrar como esse discurso é construído pela Igreja em suas publicações, independente da congregação a que pertença. Essas considerações buscaram demonstrar o empenho da instituição em promover a mídia impressa católica, que hoje ocupa outros campos (rádio e televisão, principalmente) e se encontra consolidada, como já tratamos no início desta subseção.

²⁹ ZELADORES da nossa revista. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XXI, n. 6, p. 143, jun. 1943.

2.3 Estruturas de Sentimento: perspectiva metodológica para a análise da pedagogização da propaganda política na revista “Rainha dos Apóstolos”

Para a realização desse trabalho foi preciso definir o percurso metodológico que adotaríamos a fim de contemplar o vasto *corpus* documental de que dispúnhamos para a análise da pedagogização da propaganda política na revista católica “Rainha dos Apóstolos”. E, por isso, elaboramos essa subseção para explicarmos as escolhas e o caminho percorrido na metodologia, além de apresentarmos o conceito de estruturas de sentimento, elaborado por Williams (2011), bem como tratarmos de sua aplicação no trabalho que estamos desenvolvendo.

Primeiro, iniciamos o percurso metodológico com uma observação sistemática bruta do *corpus* documental que nos propúnhamos a analisar. Nesse sentido, pesquisamos na revista as suas publicações desde novembro de 1937 até outubro de 1945, nessa primeira observação contabilizamos 96 exemplares e, através de uma primeira leitura da revista, chegamos a 156 documentos entre notas, artigos e crônicas, assim selecionamos todos os documentos que colaborassem para o entendimento da pedagogização da propaganda política do período.

Após essa primeira observação percebemos a necessidade de reduzirmos ainda mais o nosso *corpus* documental. Nesse sentido, a metodologia que se pretende utilizar na investigação compreende a análise de conteúdo, “técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, permitindo de forma prática e objetiva produzir inferências do conteúdo da comunicação de um texto replicáveis ao seu contexto social” (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 682).

Segundo Bardin (2004), o método se estrutura em cinco etapas: a primeira delimita o corpus; a segunda define a unidade de registro, que pode ser por palavra, frase, parágrafo, no caso do trabalho a unidade de registro será separada por tema, por exemplo, anticomunismo, relação entre Estado Novo e Igreja Católica, defesa do nacionalismo, formação da Romaria do Caaró, entre outras divisões temáticas possíveis; a terceira etapa consiste na categorização, ou seja, estabelece as categorias para separar os dados, nesse item iremos propor categorias próprias que serão atribuídas de acordo com as considerações do objeto/problema. Essas categorias ainda não foram nomeadas, mas, provavelmente, sejam pensadas a partir das temáticas mais pertinentes ao trabalho; a quarta etapa corresponde às inferências: essa etapa corresponde ao momento em que os dados já estão tematizados e categorizados, nesse passo o trabalho deixa de ser quantitativo e passa a ser qualitativo.

A partir das proposições que constituem a análise de conteúdo, reorganizamos os 156 documentos e reduzimos nosso *corpus* para 58 documentos entre notas, artigos e crônicas, para chegarmos a esse número organizamos a documentação de que dispúnhamos em palavras-chave. As escolhas não foram realizadas de maneira aleatória, mas levaram em consideração elementos que colaborassem no entendimento do estudo, assim foram elencados fatores que possibilitassem o reconhecimento do contexto do período histórico analisado (Nacionalismo/Patriotismo, Comunismo), além de elementos que colaborassem com o entendimento da pedagogização da propaganda política (Relação governo/Igreja, Boa Imprensa Católica, Educação Católica).

Com essa organização por categorias chegamos aos seguintes números: a categoria Nacionalismo/Patriotismo conta com treze documentos; Comunismo conta com sete documentos; Relação governo/Igreja Católica conta com quinze documentos; Boa Imprensa Católica conta com nove documentos e; Educação Católica conta com treze documentos. Após a categorização dos documentos dividimos a análise em dois momentos, a análise contextual e a análise teórica.

Na análise contextual procuramos contemplar o vasto material coletado em todas as categorias. Por isso buscamos fazer uma análise da documentação como um todo, sem a preocupação de realizar uma análise minuciosa do material coletado. Enquanto que na análise teórica procuramos empregar as estruturas de sentimento e com isso verificar como elas estão presentes no processo de pedagogização da propaganda política na revista *Rainha dos Apóstolos*, durante o Estado Novo (1937-1945). Entretanto, diferentemente da análise contextual, em que era possível fazer uma análise que contemplasse toda a documentação de cada categoria, o mesmo não era possível na análise teórica devido ao emprego das estruturas de sentimento. Por isso, foi preciso escolher dois documentos de cada uma das categorias que analisamos. As escolhas foram realizadas levando em consideração os documentos que fossem mais representativos de cada uma das categorias, após a análise preliminar.

De acordo com Teixeira (2013), as estruturas de sentimento compreendem um sentimento social, vivido e sentido numa determinada época que colabora na compreensão do presente. Antes de nos atermos ao conceito é pertinente resgatarmos alguns elementos da vida de Williams que podem ajudar a esclarecer a formulação do conceito, que ainda não foram trazidos. Ele nasceu em 1921, na fronteira entre o país de Gales e a Inglaterra, filho de um ferroviário e neto de agricultores que trabalharam em grandes fazendas. É em sua família socialista, sua vivência de um período de guerra e pós-guerra que Williams observa a fragilidade das estruturas sociais, políticas e econômicas da Europa. São esses elementos que

vão levar esse intelectual a buscar na literatura e na arte a retratação de um sentimento social que marcou um determinado período histórico. É a partir do sentimento social presente na arte e na literatura que ele irá formular o conceito de estruturas de sentimento que, segundo Filmer (2009), Williams elabora no decorrer de vários trechos importantes de sua obra.

As experiências pessoais de Williams vão levá-lo a procurar articular as experiências intelectuais e a sua prática concreta, essa perspectiva de aproximar teoria e prática, assim como propõe Marx e Engels para a Teoria Materialista, faz com que esse intelectual proponha que, por detrás dos acontecimentos sociais, há sempre uma estrutura de sentimento. Nesse sentido, somos capazes de deduzir que a presença de um governo autoritário, como é o caso de Estado Novo (1937-1945), exigem meios que legitimem a sua permanência, sendo recorrente os governos autoritários utilizarem-se dos meios de comunicação.

De acordo com Teixeira (2013), Williams, ao propor as estruturas de sentimento permite que as próximas gerações compreendam que um sentimento sociocultural não é fixado em um saudosismo, mas a um sentimento que vive em constante transformação. Por isso, as estruturas de sentimento podem ser identificadas no campo sócio-cultural, político, religioso, econômico, etc. Diferentemente, de Teixeira (2013), as estruturas de sentimento na visão de Cevalco (2001), estão associadas às práticas e hábitos sugestivamente sociais e mentais. Além deles, outro teórico que procurava defini-las é Paul Filmer (2009, p. 373):

Há duas características constantes do conceito: em primeiro lugar, sua especificidade empírica histórica. A estrutura é sempre a do sentimento real, ligado à particularidade da experiência coletiva histórica e de seus efeitos reais nos indivíduos e nos grupos. (...) Em segundo lugar, este conceito está mais acessível na arte e na literatura de um período, embora ele possa ser encontrado também em livros de história social ou de cultura do pensamento, daqueles que nem dominam e nem cujos interesses são satisfeitos primariamente pela ordem social e institucional estabelecida.

Nessa perspectiva, as estruturas de sentimento são construídas a partir da interação imaginativa e das práticas culturais e sociais de produção e resposta, sendo que elas fazem parte das práticas sociais de comunicação que estão na raiz da estabilidade e das mudanças na sociedade humana. Assim, elementos políticos como os presentes nesse trabalho são muito relevantes para a análise das estruturas de sentimento, pois tratam da construção de uma interação imaginativa sobre o governo e seu governante e de como isso se relaciona com as práticas culturais e sociais do período. Essas práticas são descritas quando tratamos do contexto e dos elementos que corroboram para a pedagogização da propaganda política do período.

Entretanto, para o trabalho que nos propomos a realizar mais do que compreender as estruturas de sentimento é fundamental que tenhamos domínio dos conceitos de *dominante*, *residual* e *emergente*, uma vez que esses conceitos serão aplicados na análise do *corpus* documental. Nesse sentido, esses conceitos, segundo Teixeira (2013), permitem o entendimento de que a prática humana não se esgota na cultura. Segundo ele, de acordo com as proposições que ele identificou em Williams, nas culturas *dominantes*, encontramos a distinção entre formas *residuais*, que compreendem experiências, significados e valores que não podem ser verificados e que, por isso, são entendidos como resíduos de formações sociais anteriores, e formas *emergentes*, que podem ser definidas como novos valores e experiências que estão sendo criados.

Essa perspectiva complementa as definições que encontramos em Ferreira e Coiro (2011) pois, segundo as autoras, a noção de *dominante* permite reconhecer os elementos hegemônicos de uma cultura e como essas relações predominam uma sobre as outras. Nesse sentido, a noção de *dominante* na revista “Rainha dos Apóstolos” seria a cultura proposta pela Igreja com o respaldo do Estado, uma vez que o governo se utilizava dos meios de comunicação, como a revista católica, para promover a pedagogização da propaganda política. No que se refere à concepção de *residual*, Ferreira e Coiro (2011) demonstram que ao longo do processo surgem novas práticas sociais, novas experiências, mas que permanecem resquícios e vestígios de características do passado, que ao longo da sua trajetória, resistiram à cultura dominante. Por fim, temos o conceito *emergente* que é resultado da tensão entre os aspectos dominantes e residuais, que perdem força à medida que novas práticas sociais emergem, ou seja, emergente são as novas práticas e sentidos que podem vir a fazer, inclusive, oposição aos demais aspectos.

Após essas considerações sobre o percurso metodológico estabelecido para a análise do *corpus* documental deste trabalho, e da apresentação e definição do conceito de estruturas de sentimento, chegamos ao fim do segundo capítulo. No terceiro capítulo que segue, tratamos, especificamente, da análise documental dividida em análise contextual e análise teórica. Nele recuperamos os conceitos apresentados no decorrer deste trabalho e a partir deles concretizamos nossa análise do *corpus* de pesquisa.

3 A PEDAGOGIZAÇÃO DA PROPAGANDA POLÍTICA

No decorrer do terceiro capítulo tratamos da análise do material coletado na revista “Rainha dos Apóstolos”, que contou com várias etapas metodológicas como já descrevemos na última subseção do capítulo anterior. A análise contextual procurou contemplar cada uma das categorias analisadas, no intuito de aproveitar ao máximo o vasto material coletado. Enquanto que, na análise teórica, procuramos empregar as estruturas de sentimento presentes nas formulações teóricas de Williams, a fim de verificar como elas estão presentes no processo de pedagogização da propaganda política na revista, durante o Estado Novo (1937-1945). Para este capítulo, recuperamos os pressupostos dos autores que já foram apresentados, a metodologia empregada, bem como procuramos apresentar as nossas compreensões a partir da leitura, da análise e da reflexão no que se refere ao nosso *corpus* de pesquisa.

3.1 Análise contextual

Primeiramente, a análise contextual procurou contemplar as cinco categorias já estabelecidas, sejam elas: Nacionalismo/Patriotismo; Comunismo; Relação governo/Igreja Católica; Boa Imprensa Católica; Educação Católica. Elas foram divididas em dois grupos, um deles que permitisse o reconhecimento do contexto histórico do período analisado, enquanto o outro buscou colaborar para o entendimento da pedagogização da propaganda política durante o governo do Estado Novo (1937-1945).

Os métodos empregados na análise contextual procuraram apresentar ao leitor o vasto material coletado, que compõe o nosso *corpus* de pesquisa, pois como já citamos num total de 156 documentos, entre notas, artigos e crônicas, que foram pesquisados entre novembro de 1937 e outubro de 1945, conseguimos selecionar e reduzir esse número para 58 documentos. Apesar da significativa redução, ainda não era possível uma análise que contemplasse as estruturas de sentimento com 58 documentos, por isso se fez necessário selecionar dois documentos de cada uma das categorias, sendo que a escolha foi realizada levando em consideração os documentos que fossem mais representativos de cada uma das categorias estabelecidas. Na análise contextual tratamos com mais cuidado desses dois documentos, mas

não deixamos de analisar o restante do *corpus* documental que compõe cada uma das categorias, e no que se refere aos dois documentos, eles são analisados levando em consideração as estruturas de sentimento, apenas, na análise teórica. Seguimos à análise de cada uma das categorias.

3.1.1 Nacionalismo/Patriotismo

Essa categoria mais contextual foi resumida as seguintes palavras-chave: “Nacionalismo, Patriotismo”; isso na tentativa de contemplar um dos elementos que foram mais requeridos durante o Estado Novo (1937-1945) para promover o governo e seu governante.

Além dos usos políticos do nacionalismo e do patriotismo, no período estudado estava acontecendo a Segunda Guerra Mundial, portanto era preciso recorrer a esses elementos a fim de arregimentar homens para o combate. Apesar da inserção tardia do Brasil na Segunda Guerra Mundial e do pequeno contingente de brasileiros enviados à Europa para a disputa bélica, esse discurso nunca deixou de ser empregado durante o período do conflito.

Ainda, é pertinente mencionarmos que na revista, a defesa da religião católica é apresentada como um ato ora nacionalista, ora patriótico, uma vez que não há distinção entre essas duas palavras, mesmo elas tendo significados distintos³⁰. Essa abordagem de nacionalismo/patriotismo presente na revista encontra-se respaldada pela defesa do “nacionalismo católico”, pois como já mencionamos no segundo capítulo, a Igreja entendia que só a partir da religião católica é que era possível estabelecer uma unidade num país com uma população com tão variados costumes e crenças.

A partir dessas primeiras considerações chegamos ao material analisado nessa categoria em que encontramos treze documentos, sendo eles seis artigos, três crônicas e quatro notas. Com isso, em oito documentos encontramos a tentativa de estabelecer a relação do patriotismo com a Igreja Católica, outros três trataram do nacionalismo/patriotismo sem recorrer a elementos religiosos e dois documentos trataram da relação entre a guerra, no caso a Segunda Guerra Mundial e o patriotismo/nacionalismo. Assim, observamos que nessa

³⁰ O patriotismo se distingue do nacionalismo porque o patriotismo é o sentimento de amor a Pátria, enquanto que o nacionalismo é um fenômeno psicossocial de exaltação da própria nação.

categoria dois elementos são fundamentais a relação do patriotismo com a Igreja Católica e a relação do patriotismo/nacionalismo com a Segunda Guerra Mundial.

TABELA 1 – Nacionalismo/Patriotismo

	1937	1938	1939	1940	1941	1942	1943	1944	1945
Rainha dos Apóstolos	1	0	1	0	3	3	1	4	0

Na tabela observamos as publicações com essa temática ao longo dos anos, sendo que elas se concentram nos anos entre 1941 e 1944, provavelmente, nesse período a Igreja estivesse mais empenhada em promover o “nacionalismo católico”, bem como é quando a Segunda Guerra Mundial encontra-se em seu período mais violento. Logo era preciso fortalecer as mensagens de patriotismo/nacionalismo caso fosse preciso mobilizar mais homens para a guerra.

Um dos documentos pesquisados nessa categoria compreende uma crônica publicada em fevereiro de 1941, sob o título “Aquele Velho”. O texto narra a história de um homem que lutou na Guerra do Paraguai e que, na velhice, não teve reconhecimento pelo seu patriotismo. Por fim, o texto afirma que é dever dos brasileiros respeitar e demonstrar gratidão “aos que nos deram uma pátria grande e livre” (VÁRZEA, 1941, p. 34). Dessa maneira, o texto procura ilustrar que além de realizarmos atos patrióticos é preciso o reconhecimento, a gratidão e o respeito a eles e aos envolvidos.

Dois documentos, ambos de 1942, tratam da relação entre o patriotismo e a Segunda Guerra Mundial. Ambos procuram demonstrar como através da fé e da Igreja Católica é possível superar as dificuldades impostas pela guerra, pois nas duas narrativas identificamos que coube a crença no catolicismo guiar essas pessoas. Na crônica de fevereiro de 1942 que tem como título “A suprema dor”, temos a narrativa de um jovem ferido durante os combates na Segunda Guerra Mundial, a ele é atribuído o nome de Gomercindo, mas não é mencionado seu país de origem, possivelmente, na tentativa de contemplar os muitos jovens mutilados na guerra. A história inicia quando o jovem patriota é levado a combate, depois alvejado, e é levado ao hospital onde descobre não possuir mais os braços. A sua primeira reação é a revolta pela sua situação, depois resignado aceita sua nova condição. “Contente e satisfeito, depois de longos anos de abandono a Deus, reconcilia-se com o Pai Celeste, por meio de uma sincera confissão feita entre lágrimas de arrependimento” (VÁRZEA, 1942, p. 43).

No outro documento, que também trata da relação entre o patriotismo e a Segunda Guerra Mundial, temos um texto que mescla histórias da guerra com a fé na religião católica. Nele nos é apresentada a história do padre Felipe Dachowski que pressente o perigo e sai da Polônia na véspera da invasão alemã. Segundo o artigo, esse jovem patriota sempre contou com a proteção da Virgem Santíssima.

Dessa maneira, é pertinente apresentarmos os documentos que tratam da relação entre o patriotismo e a Igreja Católica, por serem eles os que possuem mais publicações nessa categoria. No geral, os textos que tratam dessa relação demonstram a importância da Igreja para a Pátria.

Observamos essa abordagem com mais clareza em duas notas, uma delas de setembro de 1942, “Manual do Soldado Católico”, e a outra de outubro de 1943, “A Pátria e o Rosário”. A primeira trata-se da divulgação do livro “Manual do Soldado Católico”, em que a publicação é apresentada como um serviço ao exército e à Pátria. Enquanto que, na segunda nota trata dos que desconhecem a religião católica no Brasil e, com isso, procura demonstrar a importância da Igreja para a Pátria, uma vez que entende que a unidade nacional só é possível através do nacionalismo católico. Através dessas duas notas podemos observar o interesse da Igreja em demonstrar que por meio da religião prestava um importante serviço à população e à Pátria, e assim promoviam o patriotismo/nacionalismo.

Como já tratamos anteriormente, essa categoria possui dois elementos fundamentais, por motivos também já citados, que são a relação do patriotismo/nacionalismo com a Segunda Guerra Mundial e a relação do patriotismo com a Igreja Católica. Entretanto, escolhemos dois documentos da relação do patriotismo com a Igreja Católica, por eles possuírem uma maior representatividade nas publicações dessa categoria, bem como por terem mais relevância com o trabalho que pretendemos desenvolver.

O primeiro texto compreende um artigo de abril de 1941 que tem como título “Soldado da Pátria – Soldado de Deus”, nele o autor apresenta um senhor que nasceu no interior no Rio Grande do Sul, ao final do século XIX, serve ao exército desde os seus 14 anos, ou seja, é uma pessoa patriótica. Mas, a mudança em sua vida acontece quando dos seus 50 anos, um amigo o conquista para a Igreja Católica, sua caminhada é tão bem construída que logo, em dois anos, se torna um apóstolo e conquista grandes feitos para a religião católica em sua localidade.

O arrabalde onde morava o nosso herói, estava quase todo entregue a uma nefanda seita protestante, não estando livre da praga nacional o espiritismo, que tentava explorar a ignorância do povo para lucros sórdidos de suas cabeças. Começa a luta.

O sacerdote já se sente mais encorajado com o braço tão destemido e começa a mobilizar as poucas forças católicas existentes no lugar. O piedoso velho se entusiasma sempre mais. Já não sente os azares que o obrigara a pedir a aposentadoria. Torna-se o braço direito do padre. Iniciam-se as reuniões diurnas para as senhoras e noturnas para os homens, duas, três cada semana, na residência do nosso herói, que nos franqueara as portas da casa e depois o pátio por não caber na casa a numerosa assistência. (SILVA, 1941, p. 84)

Através da citação observamos que mesmo tendo sido um soldado da Pátria desde os seus 14 anos, Elesbão só consegue seu reconhecimento quando se torna um Soldado de Deus, isso no momento em que apóia a Igreja Católica na empreitada de minimizar a influência de protestantes e espíritas na região. Ou seja, uma ação patriótica compreende servir a Pátria/Estado, mas também servir a Igreja Católica. Enquanto que o outro texto, apesar de também propor que a defesa da Igreja Católica é um ato patriótico, apresenta essa proposição por outro caminho, isso ao tratar da importância de ajudar as missões e os missionários.

Brevemente o nosso aguerrido exército da diocese de Santa Maria formará na grande parada das MISSÕES. Como todos os bons soldados, antes do combate devemos fazer exercícios e manobras para, no momento oportuno, agirmos com prudência, bravura, disciplina e valor. A vitória será nossa, será da nossa civilização, da nossa geração, da nossa pátria. Devemos integrar na civilização cristã e brasileira os 800.000 índios, que dormem o sono do selvagismo nos sertões do nosso Brasil. (BUSATO, 1944, p. 183)

Nessa perspectiva são chamados para contribuir com as missões comerciantes, estudantes, operários, mães e pais de família, meninos e meninas, senhores e senhoras, enfermos, enfim, não deixam de fora nenhum membro da sociedade desde os mais aptos até os mais debilitados. Com isso, a intenção do artigo pode ser resumida em sua última frase “Por Deus, pela Pátria, pelas Missões, pelo Brasil, nossa terra querida” (BUSATO, 1944, p. 186). Assim, observamos que os elementos religiosos e patrióticos são requeridos para promover e respaldar as Missões Católicas.

A partir da análise do *corpus* documental dessa categoria somos capazes de demonstrar que o nacionalismo/patriotismo presente na revista católica “Rainha dos Apóstolos” é promovido através de duas vertentes, uma delas que relaciona esses elementos a Igreja Católica e a outra vertente que trata da defesa do nacionalismo/patriotismo associando-o a Segunda Guerra Mundial.

Como já mencionamos, esta categoria pretende permitir o reconhecimento do contexto histórico analisado, para tanto foi preciso verificar as discussões da sociedade durante o Estado Novo (1937-1945). Nesse período, a Segunda Guerra Mundial compreendia uma ameaça para a sociedade, bem como a Igreja buscava promover o “nacionalismo católico”, ou

seja, através da defesa da unidade nacional e do enaltecimento de elementos nacionalistas e patrióticos pela Igreja Católica.

3.1.2 Comunismo

Esse subitem, assim como o anterior, compreende uma categoria mais contextual que foi resumida na palavra-chave “Comunismo”. Essa abordagem se deve à necessidade de apresentar o principal elemento que passou a assombrar as sociedades capitalistas a partir da primeira metade do século XX, e que foi utilizado para justificar a implantação de regimes ditatoriais e totalitários no período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial.

No cenário mundial, a ameaça comunista colocou a sociedade em estado de vigilância e terror. Em Estados totalitários, como a Alemanha (nazista) e a Itália (fascista), a repressão aos comunistas e socialistas constituía uma das principais metas do governo. Esse temor ao avanço do comunismo é resultado da bem sucedida Revolução Russa em 1917, pois a Rússia das décadas de 1920 e 1930 foi contemplada com a expansão de seu parque industrial, diferentemente dos países capitalistas que viviam um período de recessão, essa diferença econômica se deve ao fato de que a URSS não era uma parceira comercial dos países capitalistas. No Brasil, a situação não foi diferente do que a do cenário mundial, uma vez que também era combatida e vigiada a ameaça comunista³¹. E é nesse cenário de vigilância e medo que se encontra a pesquisa que estamos desenvolvendo, por isso, a apresentação desse breve contexto histórico e por entendemos que com essas considerações é mais fácil o entendimento dos documentos que iremos apresentar nesta subseção.

TABELA 2 – Comunismo

	1937	1938	1939	1940	1941	1942	1943	1944	1945
Rainha dos Apóstolos	0	2	2	0	0	0	0	1	2

³¹ Ver em: NOGUEIRA, F.H.G.; CAPELLARI, M. A. **Ser protagonista**. São Paulo: Edições SM, 2010.

A partir da tabela somos capazes de aferir que o temor ao comunismo é uma discussão mais presente nos primeiros anos do Estado Novo, pois num total de sete documentos encontrados com esse tema, quatro deles são encontrados nos anos de 1938 e 1939, possivelmente essa concentração de documentos nos primeiros anos do Estado Novo se deve à necessidade de legitimar a presença de um governo ditatorial. Durante os anos em que a Segunda Guerra Mundial está devastando a Europa, entre 1940 a 1943, nada se fala sobre o comunismo, pois os inimigos são outros. Entretanto, a partir de 1944 quando o conflito já parece estar solucionado, principalmente depois do ingresso dos Estados Unidos na guerra, o comunismo volta a ser tema dos artigos da revista “Rainha dos Apóstolos”. A partir dessas primeiras considerações chegamos ao material analisado nessa categoria em que encontramos oito documentos, sendo eles quatro artigos, duas crônicas e duas notas.

No primeiro artigo escrito sobre essa categoria no período estudado, com o título “O comunismo”, sendo publicado em fevereiro de 1938 e de autoria do Pe. Gabriel Bolzan P.S.M., observamos que a principal preocupação com o avanço do socialismo se deve aos temores pela propriedade privada. Nesse sentido, os interesses da Igreja, representados pelos textos da revista, eram avessos a proposição comunista, pois, segundo as concepções da Igreja Católica descritas no artigo, a propriedade privada é a base da sociedade.

Deus, há mais de três mil anos, preceituou ao seu povo o grande mandamento que garante a propriedade particular, quando promulgou o 7º mandamento: Não furtarás. E a Igreja, mestra infalível da verdade, o tem repetido através dos séculos, mantendo-lhe a autoridade a todo transe (BOLZAN, 1938, p. 33).

A partir da citação observamos que o terror comunista ainda rondava a sociedade brasileira, isso alguns meses após o Plano Cohen e o golpe que instaurou o Estado Novo, o que demonstra que o comunismo não se esgotou com o golpe de Estado, muito pelo contrário. Durante o Estado Novo, os comunistas são os principais inimigos³² da nação brasileira. Numa nota de junho de 1939 denominada de “O bolchevismo”, é reiterado os perigos do comunismo para as sociedades cristãs. Nela está a afirmação de que encontramos em toda a Ásia a ativa propaganda da Rússia soviética. Segundo a revista, a primeira vitória da propaganda soviética na Ásia podia ser observada pelo esvaziamento das Missões Católicas na China, que até então era um país que contava com um número significativo de missionários católicos.

³² Essa proposição de apresentar os comunistas como inimigos, encontramos na dissertação de Carla Xavier dos Santos (2008). Segundo ela, o governo ao definir os comunistas como uma ameaça possibilitou que a Igreja também definisse a sua posição, ela percebeu nesse embate a oportunidade para uma reaproximação com o Estado, “que desde o fim do século XIX, com a encíclica de Leão XIII, travava férrea luta contra o liberalismo, o socialismo e o comunismo” (SANTOS, 2008, p. 42).

Outro documento sobre essa categoria compreende uma crônica denominada “Aspirações comunistas” que foi publicada em novembro de 1945, ou seja, poucos dias após a renúncia de Vargas³³. Na crônica, encontramos a afirmação de que os comunistas desejam fartura, diversão, dinheiro, bem-estar, o que só seria possível com um golpe de Estado. De acordo com a revista os que acreditam no advento do comunismo eram simplórios e ignorantes, por acreditarem em promessas que não seriam cumpridas.

Como observamos na tabela sobre a categoria comunismo, as publicações sobre esse tema na revista ocorrem em dois momentos. Nos primeiros anos do Estado Novo e nos dois últimos anos desse regime político. Por isso, escolhemos dois documentos para serem analisados nessa categoria.

O artigo publicado na revista “Rainha dos Apóstolos”, nos primeiros anos do Estado Novo, trata dos perigos do comunismo. Foi publicado em janeiro de 1939 com o título “O alarme do escândalo” e é de autoria do padre Artur Soldera. Nele, o autor narra os esforços dos comunistas para difamar os membros da Igreja Católica. Segundo o artigo, um comunista se veste como um sacerdote, no dia em que a comunidade espera um novo membro eclesiástico, ele vai ao bar beber e jogar, promovendo um escândalo. Apenas duas irmãs, de acordo com o artigo, Antônia e Julieta, foram capazes de descobrir a verdade.

As duas irmãs seguem mais ligeiras, escondem-se por entre as árvores. Mas o eclesiástico desaparecera. Só um homem, na estrada deserta, que, enrolando um embrulho o sobraça, olhando a direita e a esquerda, se talvez, fora descoberto. Ninguém! A rua deserta! As duas irmãs não foram percebidas. No dia seguinte, lia-se no rosto dos jornais comunistas, “O escândalo da tarde”. Nos jornais católicos, porém, lia-se “O alarme do escândalo”. O título vinha firmado por Antônia e Julieta que relatavam a peripécia do mal sucedido comunista N.N. que, em traje de missionário queria difamar o clero. A reputação das duas irmãs salvou a honra do clero perseguido pelos comunistas (SOLDERA, 1939, p. 9).

Na passagem, observamos os esforços da revista de demonstrar os “perigos” das atitudes e das publicações comunistas, isso ao apresentar as diferentes leituras de cada um dos jornais. Em todas as publicações identificamos o interesse da revista de reforçar os perigos oriundos do comunismo. Assim como observamos num outro artigo da revista, de agosto de 1945, ele não apresenta o nome do seu autor, e tem como objetivo alertar aos brasileiros dos perigos caso o comunismo chegue ao país.

³³ Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, o então presidente Getúlio Vargas convocou eleições legislativas e permitiu a organização livre de partidos políticos. Entretanto, os militares temiam que Vargas, devido a sua popularidade, tramasse um novo golpe e permanecesse no poder, por isso o Alto Comando do Exército depôs Vargas, ele assinou sua renúncia em 29 de outubro de 1945.

No artigo, “Será possível o comunismo no Brasil?”, são apresentadas algumas paixões que deformam o caráter e corrompem o coração, sendo que essas paixões, segundo o artigo, são o que leva as pessoas a aderirem ao comunismo. Dentre os motivos citados no texto para a ascensão do comunismo destacam-se: a sensualidade excitada nos cinemas, nos teatros, nas praias; a sede de vingança pelas injustiças cometidas e o orgulho humano humilhado pelo despotismo dos poderosos. Além de apontar os caminhos que podem levar a tomada de poder do comunismo no Brasil, o artigo apresenta o que é preciso fazer para evitar que o comunismo no país. Primeiro é preciso manter a suavidade do caráter do povo brasileiro; depois é necessário manter os sentimentos bondosos dos corações, mas, acima de tudo, é fundamental alimentar o sentimento cristão dos brasileiros, pois, segundo o texto, é somente através do amor a Deus e da caridade ao próximo que o Brasil será capaz de evitar que se cometam as mesmas atrocidades que se abateram sobre a Rússia, o México e a Espanha.

Essa breve explanação demonstra a preocupação de membros da Igreja Católica, tanto em âmbito nacional quanto mundial, com o crescimento do ideário comunista que começa a ganhar proporções globais. Além disso, temos no Brasil, especificamente, um agravante, pois durante a Primeira República (1889-1930) temos o afastamento do Estado e da Igreja Católica, mas essa situação se modifica e temos, durante a Era Vargas (1930-1945), uma reaproximação entre essas duas instituições.

Essa periodicidade, nos primeiros e nos últimos anos do governo, demonstra que a Igreja Católica, representada através de uma publicação dessa instituição, estava empenhada em corroborar com a manutenção do Estado Novo, pois nos dois períodos em que os “perigos” do comunismo são apresentados na revista, compreende num primeiro momento a legitimação do governo e, posteriormente, a sua manutenção/permanência.

3.1.3 Relação governo/Igreja Católica

Essa categoria, diferentemente das duas categorias analisadas nos subitens anteriores, trata efetivamente do nosso objeto de pesquisa, ou seja, antes estávamos analisando o contexto político-social (comunismo, nacionalismo/patriotismo) em que ocorreu a pedagogização da propaganda política. Entretanto, a partir deste subitem iremos analisar de que maneira a pedagogização política apresenta o governo, Estado Novo, e seu governante, Getúlio Vargas. Primeiro, demonstrando a relação entre o governo e a Igreja Católica, depois

tratando efetivamente da pedagogização da população católica brasileira, que ocorreu através da “Boa Imprensa Católica”, no momento em que a Igreja aponta o que seus fiéis devem e o que eles não podem ler; e no debate no que se refere à Educação Católica, em que se discutiu a obrigatoriedade da disciplina de educação religiosa, entenda-se educação religiosa católica, em escolas públicas.

Dentre as considerações que podemos realizar sobre a proximidade entre o governo e a Igreja no Brasil, cabe pontuarmos que de alguma maneira, as instituições religiosas encontravam-se relacionadas ao Estado, pois mesmo com o advento da república em 1889, momento em que o Estado se tornou laico, não ocorreu uma separação efetiva entre o Estado e a Igreja Católica.

No que se refere a essa relação de proximidade, um dos teóricos que não podemos deixar de mencionar é Alcir Lenharo (1986). Ele apresenta o Estado Novo como um regime político em que a religião embasava-se na política, assim como a política também se utilizou da religião para legitimar as suas ações. Entretanto, essa aproximação não ocorreu de maneira instantânea, antes precisamos apresentar alguns elementos para entendermos como ocorre esse processo.

Primeiro, é pertinente mencionarmos que a aproximação do catolicismo com o capitalismo moderno trata-se de um fenômeno mundial. Depois, temos a Constituição de 1934 que confere inúmeros benefícios à Igreja Católica, como a criminalização de outras práticas religiosas e a obrigatoriedade de o Ensino Religioso ser ministrado em escolas públicas. Apesar da Constituição de 1937 revogar essas decisões, elas não aconteceram na prática, principalmente devido à boa relação do Estado com a Igreja Católica. Ou seja, em diferentes momentos, especialmente durante o Estado Novo, a relação entre essas instituições foi fortalecida.

Após essas primeiras considerações sobre a relação do governo com a Igreja Católica no Brasil, acreditamos que é relevante tratarmos dessa aproximação no Estado do Rio Grande do Sul. Dessa maneira, iniciemos nossas considerações a partir das proposições de Isaíá (1998). Segundo ele, a peculiaridade da formação histórica do Rio Grande do Sul, que tem como marcas a atmosfera da cristandade oriunda da vinda dos imigrantes europeus reforça a necessidade de estudarmos como ocorre a inserção da presença católica na vida social, institucional e também cultural.

A partir dessas considerações sobre o cenário em que ocorreu a aproximação entre o governo e a Igreja Católica, somos capazes de dimensionar os esforços do governo, que

contou com o apoio da Igreja para promover a pedagogização da população católica articulada à propaganda política que procurava construir uma imagem do governo e de Getúlio Vargas.

TABELA 3 – Relação governo/Igreja Católica

	1937	1938	1939	1940	1941	1942	1943	1944	1945
Rainha dos Apóstolos	0	0	3	1	3	1	3	1	2

Ao analisarmos a Tabela 3, somos capazes de aferir as considerações que seguem. Primeiro, encontramos publicações na revista sobre esse tema durante todo o governo do Estado Novo, com exceção do primeiro ano do governo (novembro de 1937 e 1938), não que a relação de proximidade não estivesse estabelecida, é provável que nesse momento não fosse interessante publicações com esse tema. Outro elemento da tabela que merece ser destacado se refere ao grande número de publicações, pois enquanto as demais categorias possuem entre 7 e 13 documentos, a categoria que compreende a “Relação governo/Igreja Católica” possui 14 documentos. Com isso, no que se refere ao material analisado, encontramos nessa categoria catorze documentos, sendo eles dez artigos, duas notas e duas crônicas.

Esses números são mais significativos quando mencionamos que a revista se apresenta como um meio de promoção das missões católicas, o que encontramos na categoria “Nacionalismo/Patriotismo”, e não como uma revista de vertente política aliada ao governo, pois até mesmo em temas que parecem ser o principal interesse de uma revista católica, como a defesa da Boa Imprensa Católica e a Educação Católica, ela apresenta um número menor de documentos, respectivamente 9 e 13 documentos.

Na pesquisa encontramos dois documentos, um artigo e uma nota, sobre o Primeiro Concílio Plenário Brasileiro, publicados em agosto de 1939. O artigo trata do jantar oferecido pelo governante, Getúlio Vargas, ao episcopado brasileiro, em que encontramos elogios mútuos do governo para a Igreja Católica e da Igreja para o governo. Ainda, no que se refere à realização do Primeiro Concílio Plenário Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro em 1939, observamos mais uma oportunidade de manifestações de estima e entendimento entre os dirigentes católicos e o presidente Getúlio Vargas.

A homenagem que este instituto prestou ao Episcopado Brasileiro, celebrada com a máxima solenidade, teve eloqüente significado. Abriu a seção o sr. Embaixador Macedo Soares, ao qual seguiram outros oradores do Instituto, saudando ao Cardeal

Legado e aos Exmos. Srs. Arcebispos e Bispos e apreciando a missão histórica da Igreja, salientando a definição admirável da posição do Catolicismo perante os problemas do mundo hodierno e diante da Pátria, ressaltando a missão sobrenatural da Igreja, que através de dois milênios, vem sobrevivendo as civilizações, aos impérios e aos seus perseguidores. Aos aprimorados discursos dos oradores respondeu D. José Gaspar de Afonseca, com palavra de hábil orador, agradecendo a homenagem que o Instituto acabava de prestar ao Episcopado e afirmando a posição do mesmo Instituto Histórico diante dos grandes destinos da Pátria. Em companhia dos Srs. Arcebispos e Bispos, D. Sebastião Leme esteve no Catete agradecer ao sr. Presidente Getúlio Vargas o banquete oferecido no Itamarati, como homenagem do Governo ao Episcopado. O Chefe do Governo palestrou longamente com o Príncipe da Igreja no Brasil, agradecendo a colaboração que os sacerdotes tem prestado ao seu governo. O Cardeal Leme acentuou que o Sr. Presidente era um grande amigo da Igreja e que os 104 bispos ali presentes, representantes do Brasil católico, homenageavam o Chefe do Governo, não por simples protocolo, mas conscientemente³⁴.

Na passagem, encontramos dois momentos que podem ser destacados para análise. No primeiro, o presidente agradece a colaboração que os sacerdotes têm prestado ao seu governo, enquanto o cardeal Leme apresenta o Presidente Getúlio Vargas como um grande amigo da Igreja Católica. Ou seja, em diferentes momentos, principalmente durante o Estado Novo, a relação entre o governo e a Igreja é fortalecida.

Em outros documentos analisados nessa categoria não encontramos essa relação tão explícita, mas é possível identificá-la de forma sutil. Nessa perspectiva, podemos tratar de dois artigos de junho de 1941. O primeiro artigo denominado “Uma onda de sangue” visa persuadir a população de que não devem controlar a taxa de natalidade, chegando até mesmo a afirmar que mais do que a guerra, no caso a Segunda Guerra Mundial, o grande flagelo seria a “diminuição criminosa da natalidade”. No texto ainda temos a afirmação de que a pobreza não é razão para não se ter filhos, pois as famílias mais pobres podem contar com o auxílio do governo para sustentá-los.

Na mesma publicação temos outro artigo com temática semelhante, o título do texto é “Um decreto-lei que se impunha”, de autoria de Alfeu dos Santos. Nele é apresentado aos leitores o decreto de 19 de abril de 1941, que trata sobre o auxílio aos chefes de família com poucos recursos e mais de oito filhos. Ou seja, esses dois textos se complementam: um demonstra que não é preciso controlar a taxa de natalidade e o outro texto aponta como o governo pode ajudar as famílias mais pobres. O decreto tinha interesses políticos, mas também agradava aos membros e aos anseios dogmáticos da Igreja Católica.

Nessa categoria, ainda encontramos dois outros artigos que demonstram as características cristãs do Brasil. O primeiro de agosto de 1941, intitulado “Cristo e o Brasil”, de autoria de Hipólito Várzea. Nele encontramos vários elementos da disciplina de História

³⁴ NO INSTITUTO Histórico. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XVII, n. 8, p. 179, ago. 1939.

do Brasil que são utilizados para afirmar que o país pertence a Cristo, como a nossa “primorosa natureza” e até mesmo um dos primeiros nomes do país, como “Terra de Santa Cruz”. Enquanto que no outro artigo de autoria de Alfeu dos Santos, que foi publicado em junho de 1945, com o título “O Brasil deve ser de Cristo”, novamente encontramos a defesa de que o Brasil é um país católico. Com isso, a Igreja Católica, representada pela revista, procurou nos elementos nacionalistas e na sua boa relação com o governo durante o Estado Novo manter a unidade de si e de seus fiéis.

Após essas considerações cabe tratarmos, especificamente, da relação da Igreja Católica, através da revista “Rainha dos Apóstolos”, com o Estado Novo, e seu governante. No artigo “É assim que se trabalha”, publicado em setembro de 1944, encontramos a narrativa do Frei José Maria Carneiro de Lima, que foi missionário no Acre. Segundo o Frei, o presidente Getúlio Vargas foi o governante que, pela primeira vez, organizou o governo que dedicou atenção ao interior do Brasil e não apenas para as metrópoles. Essa perspectiva de enaltecimento ao governante também encontramos na nota “Presidente Getúlio Vargas”, publicada em maio de 1943.

No dia 19 de abril é a data natalícia do presidente da república. Todo o país o comemora com entusiasmo e alegria, porque vê no seu dirigente o homem providencial da hora presente. Getúlio Vargas não só é a garantia da grandeza da pátria, mas também o esteio da Igreja, dirigindo as suas atividades no sentido de ver a Religião e o Brasil cada vez mais unidos. Clara e diáfana é a sua face espiritual. Ao tomar parte oficial na esplêndida consagração do Brasil a Nossa Senhora Aparecida, osculou ele, perante a multidão, a imagem da padroeira da nação. (...) Ao realizar-se o Concílio Plenário Brasileiro, o presidente presta demonstrações de amizade, em suntuoso banquete, ao episcopado nacional. Ao desaparecer o cardinal brasileiro, Getúlio Vargas expressa publicamente seu pesar, dizendo: ‘A Igreja perdeu um grande prelado, o povo um amigo e o Brasil um grande patriota. Quem não se recorda do movimento espiritual e orações e sacrifícios que se fez em toda pátria pelo restabelecimento da saúde do Sr. Presidente? E as missas e tedeuns em ação de graça, depois de obtida a mercê? É a satisfação da pátria e seu entusiasmo pelo dirigente supremo dos destinos nacionais. A todas essas manifestações nos também nos associamos, com o pensamento em Deus, e saudamos o preclaro governante³⁵.

A partir da citação é possível identificarmos a aproximação de Getúlio Vargas com a Igreja Católica em diferentes momentos. Essa observação reforça o objetivo do trabalho que consiste em analisar a pedagogização da propaganda política presente na revista “Rainha dos Apóstolos” e, assim, verificar como o governo e seu governante são apresentados nela. Na passagem não somos capazes de aferir considerações sobre o governo, entretanto no que se

³⁵PRESIDENTE Getúlio Vargas. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XXI, n. 5, p. 112-113, mai. 1943.

refere ao governante, Getúlio Vargas, ele é apresentado como um aliado da Igreja Católica no Brasil.

Além disso, os textos que tecem elogios ao governante Getúlio Vargas, como os últimos dois citados, não costumam ser assinados. Essa característica é pouco comum na revista, principalmente, quando tratamos de artigos que raramente não são assinados, isso pode ser explicado de duas formas. Ou pela necessidade de preservar os padres que escreviam esses textos, por se tratar de uma abordagem mais política, ou ainda, existe a possibilidade desses documentos, que enaltecem o presidente Getúlio Vargas, corresponderem aos textos editados pelo DIP, principalmente a nota de maio de 1943, pois dentre as características do texto que levaram a suscitar essa dúvida estão: uso de linguagem simples, persuasiva e doutrinária e a presença de uma imagem do presidente Vargas, a única imagem de Vargas que encontramos depois de verificar a revista durante todo o período do Estado Novo (1937-1945).

Entretanto, numa perspectiva que enaltece mais o governo do que seu governante, temos o artigo “A Igreja e o Estado” que foi publicado na revista em maio de 1940. O artigo afirma a importância de uma boa relação entre a Igreja Católica e o Estado. Nele identificamos os esforços de legitimar a presença dessas duas instituições, isso ao encontrarmos a afirmativa de que os dois poderes vêm de Deus. A partir da citação da revista, enquanto representante da Igreja, encontramos a defesa de que os dois poderes estabelecessem um “acordo comum”.

O Estado, por seu lado, é no seu domínio *independente da Igreja*; um e outro tem o campo nitidamente delimitado, dentro do qual cada um é livre de proceder a seu modo (Leão XIII). – Contudo, matérias há em que os dois poderes se tocam e nas quais é necessário um *acordo comum*, porque se cada poder decidisse em sentido contrário do outro, haveria conflitos e os súditos não saberiam a qual obedecer (Leão XIII). Quando a Igreja e o Estado estão em luta, não somente as cousas pequenas sofrem, mas até os grandes interesses se arruinam (id.). Os dois poderes devem estar unidos como corpo e alma (id.)³⁶.

Na passagem encontramos a defesa de que o governo/Estado precisa estar bem relacionado com a Igreja Católica para que essas duas instituições possam progredir. De acordo com o artigo, os dois poderes são dádivas de Deus, mas um domínio é independente do outro, ou seja, essa boa relação pode ser estabelecida desde que se respeite o campo de ação de cada um.

³⁶ A IGREJA e o Estado. **Rainha dos Apóstolos**, Santa Maria, ano XVIII, n. 5, p. 114, mai. 1940.

A partir da análise documental que trata da categoria “Relação Governo/Igreja Católica” somos capazes de demonstrar que essa proposição, presente na revista, é promovida através de duas vertentes, sendo que uma delas compreende a defesa do governo e seu governante e a outra trata da importância de uma boa relação entre o Estado e a Igreja Católica. Por meio da análise dos textos encontramos Getúlio Vargas sendo apresentado como um aliado da Igreja Católica no Brasil. No que se refere ao governo, a revista não remete-se ao Estado Novo propriamente, mas organiza algumas considerações para todos os Estados, ou seja, na revista encontramos a defesa de que os dois poderes deveriam estabelecer um “acordo comum”. Dessa maneira somos capazes de afirmar que a revista “Rainha dos Apóstolos”, ao apresentar Estado Novo e seu governante, como já tratamos anteriormente, utiliza-se de propaganda política de caráter pedagogizante amplamente presente e utilizada, como demonstramos, nesse meio de comunicação.

3.1.4 Boa Imprensa Católica

Dentre as considerações que podemos realizar sobre a Boa Imprensa Católica cabe mencionarmos que consistiu uma preocupação da Igreja Católica na época, bem como atualmente, com as práticas de leitura de seus fiéis. Isso inspirou a criação de uma imprensa católica chamada “Boa Imprensa”, que foi implantada no Brasil a partir de meados do século XIX.

Segundo Lenharo (1986), que analisou a relação entre a Igreja Católica e o Estado Novo, pretendia-se com a “sacralização da política” legitimar as ações do Estado a partir de pressupostos mais nobres que os oriundos da ordem política. Assim, o espaço religioso foi amplamente utilizado para transmitir os interesses do governo. Nesse sentido, temos a política da “Boa Imprensa Católica”, ou seja, a Igreja Católica organizou uma campanha a fim de promover entre os seus fiéis a leitura de suas publicações, fossem eles livros, revistas, jornais ou semanários.

No que se refere à inserção deste trabalho na perspectiva da presença da Igreja Católica nos meios de comunicação encontramos respaldo nas palavras de Aline Coutrot (1996, p. 330), quando ela afirma que “as forças religiosas são levadas em consideração como fator de explicação política em numerosos domínios. Elas fazem parte do tecido do político ao relativizar a intransigência das explicações baseadas nos fatores sócio-econômicos”. Dessa

maneira, a abordagem da religião não ocorrerá a partir da perspectiva da Igreja Católica, ou seja, a abordagem dos bispos, do papa ou das inúmeras ordens religiosas presentes na Igreja, mas através da relação entre o religioso e o político, uma vez que entendemos o governo do Estado Novo como um momento de “sacralização da política”, em que os discursos se fundem, sendo que a aproximação dessas duas instituições são disseminadas através dos meios de comunicação, principalmente através da imprensa católica.

TABELA 4 – Boa Imprensa Católica

	1937	1938	1939	1940	1941	1942	1943	1944	1945
Rainha dos Apóstolos	0	0	0	2	1	0	1	4	1

Ao analisarmos a Tabela4 é possível apontarmos que, nos primeiros anos do Estado Novo (1937-1938-1939), a revista não se preocupou em defender a Boa Imprensa Católica. Entretanto, entre os anos de 1940 a 1945, as publicações se tornam efetivas com exceção do ano de 1942. O ano de 1944 é o que possui o maior número de publicações sobre essa categoria, pois num total de nove textos, quatro deles são publicados nesse ano. Sobre as razões que levaram a concentração de publicações em 1944 não encontramos nenhuma justificativa na revista, entretanto inferimos que essa deve ter sido uma ordem da Igreja Católica para seus representantes midiáticos. A partir disso, cabe tratarmos do material analisado nessa categoria em que encontramos nove documentos, sendo eles três notas, três artigos, duas crônicas e um editorial.

Durante a realização da pesquisa analisamos o editorial do ano de 1944, nele encontramos a afirmação sobre a importância de defender a Boa Imprensa Católica, o editorial talvez justifique a abordagem e o significativo número de publicações sobre esse tema no ano de 1944. No que se refere às publicações dessa categoria na revista, encontramos duas vertentes, uma delas compreende a defesa da Boa Imprensa Católica e a outra aponta os riscos envolvidos pelas leituras condenadas pela Igreja.

Em setembro de 1940, temos na revista uma nota denominada “Pelo bom cinema”. Ela primeiro realiza a defesa da Boa Imprensa Católica e depois demonstra que o cinema poderia ser um meio de atrair multidões para as ações católicas. O tema Boa Imprensa Católica já foi alvo de análise no segundo capítulo desse trabalho e, para evitar que as análises sejam

repetidas, não sistematizamos de todas as publicações como ocorreu nas outras subseções. Fizemos a análise de dois documentos selecionados para a categoria.

Encontramos no artigo “Zeladores da nossa revista”, que não possui autoria e foi publicado na revista em junho de 1943. Nele temos o agradecimento aos que colaboraram com as renovações e as novas assinaturas da revista, e também agradecem aos católicos que promovem a defesa da Boa Imprensa Católica, ao final do artigo apresentam os zeladores e suas localidades.

Os inimigos de Deus e da Igreja lançam uma onda de livros, revistas e outras publicações que pregam a indiferença, a corrupção e ateísmo, produzindo males imensos. E nós, os soldados de Cristo, ficaremos de braços cruzados? As nossas publicações definham ou morrem por falta de recursos, ou aliás, por falta de cooperação generosa, por falta de compreensão e boa vontade. Defender os direitos de Deus e da Igreja pela poderosa arma da imprensa é nosso dever sagrado³⁷.

Após essas considerações sobre a defesa da Boa Imprensa Católica, cabe analisarmos a outra vertente dessa categoria que compreende o perigo das leituras condenadas pela Igreja Católica. No que se refere a essa perspectiva encontramos na revista três artigos que tratam do mesmo assunto, nas publicações de novembro de 1944, dezembro de 1944 e fevereiro de 1945. Em todas as narrativas, os personagens apresentam desvio de caráter após terem contato com leituras condenadas pela Igreja e que são apresentadas como “Más leituras”.

Com essa abordagem temos o artigo de fevereiro de 1945, denominado “Más leituras”, o texto demonstra o quanto a Igreja Católica estava atenta às leituras realizadas por seus fiéis, uma vez que havia livros que eram condenados pela Igreja, não sendo permitido aos católicos lê-los. Um dos autores condenados pela Igreja trata-se de Rousseau, e nesse artigo Soldera (1945) afirma que o próprio Rousseau reconhecia os riscos da leitura de algumas de suas obras, tanto que no prefácio de um de seus romances afirmou: "Toda moça que ler esse livro se perderá", nada mais emblemático do que o próprio autor reconhecer os riscos da leitura de sua obra. Enquanto que o artigo publicado em dezembro de 1944 e de autoria do padre Gabriel da Rosa, “Escandalizando os negros!”, trata de um caso que aconteceu na África, em que um africano, recém batizado, tem acesso a uma das revistas que a Igreja Católica condena, o apogeu da narrativa ocorreu quando o homem se dirige ao padre para perguntar se aquela era a postura dos brancos.

Entretanto, nesta subseção o objeto de análise será outro artigo publicado em novembro de 1944, que narra uma história semelhante às apresentadas, ou seja, se refere aos

³⁷ ZELADORES da nossa revista. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XXI, n. 6, p. 143, jun. 1943.

católicos que, ao terem acesso a essas leituras, passaram a apresentar uma inversão de valores e desvio de caráter cristão. O artigo foi escrito por Agostinho Serrano e foi denominado “Vítima da má leitura”. Nele, o autor conta a história de Gervásio Bondio, que antes de ser morto, na guilhotina, em 1853, afirma que as leituras imorais e incrédulas foram o que o levaram a se tornar um criminoso.

E Gervásio, lívido e aterrorizado, que dirige estas terríveis e assanhadas palavras ao povo apinhado: - ‘Posso garantir-vos que sem as leituras perversas e corruptoras não me teria tornado o criminoso que sou’. Suspende a voz, grossas lágrimas rolam pela face... E logo, com a voz ainda mais sufocada, continua dirigindo-se a juventude: - ‘Jovens, aprendei deste infeliz. Fugam das leituras imorais e incrédulas! Ouçam os ensinamentos da religião católica... Pois só ela pode guiar o homem e levá-lo a felicidade eterna!’ Foram as últimas palavras de um encharcado de romances imorais e incrédulos, abandonou a religião católica, tornando-se torpe criminoso (SERRANO, 1944, p. 255).

Na citação observamos o esforço da revista católica para convencer aos seus leitores dos perigos de realizarem a leitura de obras condenadas pela Igreja. Para corroborarem com essa perspectiva exemplificam com o caso de Gervásio Bondio que, segundo a revista, reconhece que as “más leituras” e o afastamento da religião católica foram o que o levou a se tornar um criminoso. Essa abordagem demonstra que a revista católica não se preocupava nos recursos que se utilizaria, como o uso de exemplos dramáticos, desde que persuadissem a população católica, seu público-alvo, dos perigos da “má leitura”.

Dessa maneira, a categoria Boa Imprensa Católica apresenta duas vertentes, uma delas compreende a defesa da Boa Imprensa Católica e a outra aponta os riscos suscitados pelas leituras condenadas pela Igreja, a fim de promover a pedagogização da propaganda política na revista católica. Assim, não era suficiente atribuir características nobres a Getúlio Vargas, nem mesmo demonstrar que era fundamental para o sucesso do país e da população a boa relação entre Estado, entenda-se governo e a Igreja Católica.

Nesse sentido, primeiro foi escolhido o meio para promover a pedagogização da propaganda política na população católica, a revista e, em seguida, foi preciso convencer a população sobre o que eles deveriam ler, e nada mais pedagógico do que demonstrar aos leitores católicos que o melhor para eles era ter acesso, exclusivamente, às publicações católicas.

3.1.5 Educação Católica

A última subseção da análise contextual compreende um dos elementos que promoveram a pedagogização da propaganda política durante o Estado Novo, pois o período analisado caracteriza-se pelo controle das atividades artístico-culturais do Brasil. Nesse sentido, a imprensa (jornais, revistas, periódicos e semanários), o cinema, o teatro, o rádio e as artes em geral só chegavam ao público depois de passar por censura prévia. O objetivo do governo era censurar todas as informações que não estivessem adequadas às proposições do regime. Era preciso construir uma imagem positiva do governo, mas, principalmente, do líder político, ou seja, havia a necessidade de promover entre a população a pedagogização da propaganda política no que se refere ao governo e seu governante.

Entretanto, a censura não se restringiu aos meios de comunicação e às manifestações artístico-culturais. O par censura/propaganda oficial do governo também chegou às salas de aula. Nesse ambiente, o Estado Novo procurou estimular o “civismo” e o patriotismo, principalmente, através do culto ao líder político que se tornou uma figura quase onipresente, uma vez que durante o Estado Novo era possível encontrar fotografias de Getúlio Vargas em repartições públicas, aeroportos e salas de aula, bem como no âmbito privado, nas casas e residências de muitos.

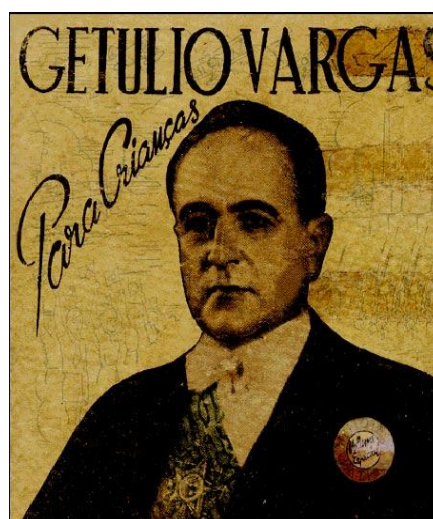
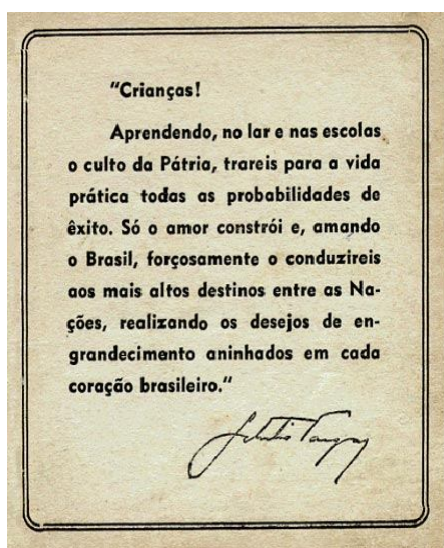


ILUSTRAÇÃO 2 - Cartilha “Getúlio Vargas para as crianças”. RJ (CPDOC, Rev.30)

Nesse cenário, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) coordenou, a partir do ano de 1938, a produção de cartilhas e manuais escolares que disseminavam imagens positivas do Estado Novo, bem como promoviam o culto ao presidente. As cartilhas criavam uma visão particular na História do Brasil em que o governo de Getúlio Vargas era apresentado como um marco definitivo positivo.

O interesse na educação, não era objeto apenas do governo, também foi um elemento requerido pela Igreja Católica. A de se considerar que, em 1934, com a promulgação de uma nova constituição brasileira, o ensino religioso torna-se obrigatório nas escolas públicas, constituindo a matriz curricular das escolas primária e secundária. Porém, a constituição de 1937 suspende a obrigatoriedade e torna o ensino religioso nas escolas públicas facultativo, assim o que observamos nesta categoria é o quanto a Igreja Católica luta para não perder o espaço que conquistou durante o governo de Getúlio Vargas.

TABELA 5 – Educação Católica

	1937	1938	1939	1940	1941	1942	1943	1944	1945
Rainha dos Apóstolos	0	4	1	1	2	2	1	0	2

A partir da análise da Tabela5 somos capazes de apontar que no primeiro ano do Estado Novo (1938) houve um espaço da revista a fim de não perder suas conquistas, ou seja, com a mudança na Constituição em 1937, que suspendia a obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas públicas, era preciso persuadir a população católica sobre a necessidade de defender a manutenção do ensino religioso nas escolas. Ainda, observando a tabela, identificamos um segundo momento, em que temos a manutenção das publicações sobre essa temática, pois com exceção de 1944, entre 1938 e 1945 mantiveram-se as publicações sobre esse tema na revista. Ou seja, era um assunto que não podia ser esquecido pela população católica, a quem cabia defender o ensino religioso nas escolas públicas. A partir dessas considerações, chegamos ao material analisado nessa categoria em que encontramos treze documentos, sendo eles onze artigos e duas notas.

Na pesquisa encontramos duas perspectivas no que se refere à Educação Católica. Primeiro identificamos uma preocupação sobre quem instrui as crianças e os jovens, no caso catequistas e professores. Dessa abordagem encontramos cinco documentos do total de treze textos que compõe essa categoria. A nota de 1938, denominada “Aos corpos docentes”, é um

texto elaborado com o intuito de instruir professores e catequistas sobre como devem conduzir seus alunos a participarem das obras da santa infância. Nessa mesma perspectiva se insere um artigo de autoria do professor Rudá F. Neves, que foi publicado em agosto de 1943, “Como atrair as crianças ao catecismo”, no texto encontramos uma descrição de como o catequista deve se portar para atrair as crianças para a educação católica.

Ainda, nessa perspectiva sobre quem instrui as crianças e os jovens, selecionamos para a análise contextual, e depois para a análise teórica, o artigo publicado em maio de 1941 pelo padre Gabriel Bolzan com o título “O catecismo nas escolas”. Nele encontramos orientações para os catequistas de como eles devem proceder nas aulas de educação religiosa nas escolas públicas.

Graças aos ingentes esforços dos católicos e a boa vontade do nosso governo sempre pronto para colaborar com a Igreja para o progresso do país, conseguimos penetrar nos colégios e escolas públicas para administrar a infância, a par das letras, o ensino indispensável do catecismo. Os resultados desta vitória sem precedentes, já aparecem por toda a parte. Uma fé mais profunda, uma moral mais sólida, uma ordem mais promissora e uma obediência mais pronta da parte dos alunos, constataram as professoras. (...) Mas para que a vitória alcançada não venha mais tarde fracassar, é urgente a formação de catequistas e sobretudo de professoras catequistas sacrificadas e zelosas. A catequista deverá trazer sempre a sua lição bem prepara e expô-la com clareza e convicção. Deverá torná-la interessante e atraente, para não aborrecer os alunos. Faltando uma dessas qualidades essenciais, aula de religião correrá o perigo de perder os frutos que dela se esperariam. (BOLZAN, 1941, p. 105)

Com isso, chegamos à segunda perspectiva presente nesta categoria que compreende quem deve instruir. No artigo, “O papel da religião na educação”, também publicado pelo padre Gabriel Bolzan em setembro de 1945, observamos o interesse da revista em apresentar aos seus leitores a relevância da educação católica para as crianças e os adolescentes. Essa abordagem também encontramos no artigo de autoria do padre Amadeu Silva, publicado em junho de 1942, com o título “Um verniz na religião”, em que identificamos a defesa da educação católica, pois a partir dela as famílias podem instruir os jovens no catolicismo.

Nessa mesma perspectiva se insere um artigo de autoria do padre Gabriel Bolzan, publicado de agosto de 1945, “A quem compete educar?”, que selecionamos para a análise. Nele encontramos a afirmação de que a educação das crianças e jovens cabe a Deus, à Igreja (Católica) e aos pais, e assim, defende a manutenção da educação católica nas escolas, além de menosprezar a relevância dos professores na formação de seus alunos. “Embora aqui se bifurquem as opiniões, nós com a Igreja estabelecemos que por direito a educação pertence a

Deus, a Igreja e aos pais e, por delegação aos mestres ou a quem os pais confiarem seus filhos” (BOLZAN, 1945, p.173)

A partir dessas considerações podemos concluir que a categoria Educação Católica apresenta duas vertentes. Uma delas trata dos responsáveis por instruir o ensino religioso nas escolas. A esse grupo é dedicado alguns artigos e notas explicando como eles devem proceder para atraí-los para a educação católica. Enquanto que a outra vertente compreende a quem deve instruir as crianças e jovens na educação católica, ou seja, os textos produzidos sobre esse tema pretendiam legitimar o espaço da Igreja na Educação Católica, isso ao minimizar a relevância dos professores na formação religiosa dos alunos, numa tentativa de retomar o espaço perdido para o ensino religioso nas escolas. Com isso, observamos que a pedagogização da propaganda política não ocorreu, somente, através dos meios de comunicação; a educação também foi um recurso empregado pelo governo e pela Igreja para promover a pedagogização da população católica.

3.2 Análise Teórica

Na análise contextual nos detivemos na análise dos dados coletados em nossa pesquisa documental apresentando as descobertas e também suscitando novas perguntas. Desse modo, a análise teórica reincorpora a análise dos dados e as descobertas realizadas a partir do olhar dos autores já apresentados e que nesse momento tomamos de empréstimo. Além disso, nessa subseção analisamos cada uma das categorias apresentadas anteriormente, a partir das estruturas de sentimento e das concepções de *dominante*, *residual* e *emergente*.

Antes de tratarmos efetivamente das estruturas de sentimento iremos trazer algumas considerações de Williams (2011) sobre a publicidade e a propaganda política. O autor demonstra que a partir da década de 1690, com o crescimento significativo do número de jornais e a periodicidade dessas publicações, também observamos um aumento considerável do número de anúncios. Segundo Williams (2011), a publicidade evoluiu tanto entre o século XIX e o XX, passando de simples anúncios de lojistas para uma parte significativa da organização dos negócios capitalistas, tornando-se, um dos mais importantes mecanismos para o perfeito funcionamento do capitalismo moderno. Ao tratar da publicidade além do contexto comercial, afirma:

Ela é cada vez mais a fonte de financiamento para toda uma gama de comunicações, a tal ponto que, em 1960, a maioria dos serviços televisivos e quase todos os nossos jornais e periódicos não poderiam existir sem ela. Além disso, nos últimos quarenta anos e agora em maior velocidade, a publicidade ultrapassou a fronteira de bens e serviços e tem se envolvido com o ensino de valores sociais e pessoais; ela está também adentrando rapidamente o mundo da política (WILLIAMS, 2011, p. 251).

Na citação, observamos a preocupação do autor com o espaço ocupado pela publicidade. Ele menciona que até mesmo a política tem sido afetada por ela. Williams (2011) aponta que desde a década de 1950 a publicidade política já funcionava com grande amplitude. Apesar de o autor mencionar pouco a década de 1930 e 1940, que compreende ao período analisado em nosso trabalho, gostaríamos de tecer algumas considerações sobre os usos dos meios de comunicação pelo Estado Novo no período.

Primeiramente, mesmo com a significativa expansão do rádio, durante o período da Segunda Guerra Mundial (1949-1945), o Estado Novo continuou investindo na mídia impressa. Outro fator compreende o que Williams (2011) menciona que, no auge da publicidade política e na década de 1950, possivelmente estivesse tratando da publicidade comercial e persuasiva. Pois, ignorar os anos de 1930 e 1940, consiste em desconhecer a propaganda política desenvolvida nos regimes nazistas, com Hitler, e fascista, com Mussolini, bem como outros regimes autoritários do período. Como já mencionamos, Getúlio Vargas também se utilizou da propaganda política para pedagogizar a população, no caso deste trabalho, a população católica, sobre a imagem que deveriam ter do governo Estado Novo.

Essa breve definição sobre as compreensões de Raymond Williams no que se refere à publicidade e a propaganda política foram de grande relevância, pois permitem o entendimento de como o teórico trata de assuntos relacionados à publicidade. Entretanto, a principal contribuição do autor para este trabalho corresponde a suas elaborações sobre as estruturas de sentimento. Segundo Williams (2011, p. 35):

O que me parece especialmente importante nessas estruturas de sentimento em transformação é que elas costumam preceder as transformações mais reconhecíveis do pensamento e da crença formais que compõem a história habitual de consciência e que, embora correspondam muito de perto a uma verdadeira história social de homens vivendo em relações sociais reais e em transformação, precedem, mais uma vez, as alterações mais reconhecíveis nas instituições formais e nas relações sociais que constituem a história mais acessível e, de fato, mais habitual.

Com isso, passemos a análise das categorias estabelecidas para este trabalho, Nacionalismo/Patriotismo, Comunismo, Relação governo/Igreja Católica, Boa Imprensa

Católica e Educação Católica, de acordo com os conceitos de dominante, residual e emergente.

Primeiramente, cabe analisarmos as categorias que tratam do reconhecimento do contexto do período histórico analisado, ou seja, as categorias Nacionalismo/Patriotismo e Comunismo. Para a análise da categoria Comunismo, nos embasamos no artigo “O alarme do escândalo”, publicado em janeiro de 1939 e em outro, publicado em agosto de 1945 denominado, “Será possível o comunismo no Brasil”. No que se refere à categoria comunismo cabe comentarmos que identificamos como dominante o fato de que os comunistas são apresentados como inimigos da Igreja Católica, sendo que essa informação se repete em todas as publicações dessa categoria. Ainda, nessa categoria, observamos que elementos do passado que permanecem, ou seja, o residual, compreende ao fato que desde os primeiros momentos a Igreja Católica teve muita influência no Brasil, entretanto essa situação modifica-se na Primeira República, quando ocorre a separação do Estado e da Igreja, além disso, o medo de perder a propriedade privada, que é uma ameaça do comunismo, bem como a unidade socioeconômica, que é “sagrada” para a família e sustenta toda a Igreja. A partir desse pilares é que se sustenta o discurso dominante nos escritos da revista.

Ainda, nessa perspectiva das categorias que corroboram com o entendimento do contexto do período histórico analisado, temos a categoria Nacionalismo/Patriotismo, presente nos artigos “Soldado da Pátria- Soldado de Deus”, de abril de 1941, e “Pela fé, pela civilização e pela Pátria”, de setembro de 1944. Nela o elemento dominante compreende ao fato de que a unidade nacional só é possível através da Igreja Católica, como já tratamos no capítulo dois quando apresentamos o “nacionalismo católico”. No que se refere ao que temos de vestígios do passado, o residual, podemos afirmar que se trata dessa aproximação entre elementos patrióticos e a Igreja Católica, pois a Igreja desde os períodos monárquicos, em escala nacional e até mesmo mundial, sempre procurou tecer boas relações com os governos e governantes. Com isso, no que se refere ao emergente, ou seja, aos novos valores e experiências que estão sendo criados podemos aferir que nessa categoria corresponde a defesa das missões católicas que será apresentada nos textos como um ato de patriotismo.

Essas duas primeiras categorias demonstram o que a Igreja, através da revista, pretendia, ou seja, o que é dominante em seu discurso. Primeiro, temos o esforço em demonstrar que o único meio de promover uma unidade nacional era através no “nacionalismo católico”, pois num país com as dimensões continentais do Brasil “construir” elementos culturais que fossem compartilhados pela nação compreendia um esforço inútil. Além disso, a escolha de um inimigo como o comunismo, também foi um meio empregado

para reforçar o discurso dominante empregado na revista. Ainda no que se refere ao residual desse discurso, podemos considerar que a Igreja Católica sempre elegeu e combateu um inimigo público, na Idade Média foram os judeus, muitos deles se converteram ao cristianismo, posteriormente, temos a Inquisição, a caça as bruxas, aos hereges, enfim a tudo que fosse contra aos preceitos e dogmas da Igreja. Isso resultou na necessidade de combater um inimigo e, assim, fortalecer o seu discurso e enaltecer a sua importância social, uma vez que a Igreja Católica protege os valores sociais. No século XX, a Igreja tem alguns inimigos, principalmente, o protestantismo, o espiritismo, mas nenhum deles supera o temor do avanço do comunismo, naquele momento.

Dessa maneira, passemos a análise das categorias que colaboram com o entendimento da pedagogização da propaganda política. Nessa perspectiva, a primeira categoria a ser analisada compreende a Relação Governo/Igreja Católica, em que observamos os artigos “A Igreja e o Estado” (maio de 1940) e “Presidente Getúlio Vargas” (maio de 1943). Neles o elemento dominante corresponde ao enaltecimento da figura do governante, Getúlio Vargas, e de seu governo, o Estado Novo, ou seja, fatores fundamentais para a pedagogização por meio da propaganda política. No que se refere ao residual, compreende a defesa da Igreja a partir do apelo a elementos nacionais, pois ela começa a perceber que está perdendo espaço para outras religiões como o protestantismo e o espiritismo.

Na categoria Boa Imprensa Católica analisamos os artigos “Zeladores da nossa revista” (junho de 1943) e “Vítima da má leitura” (novembro de 1944), neles encontramos na noção de dominante a seguinte compreensão de que era preciso combater os inimigos (comunismo, protestantismo, espiritismo) da Igreja Católica através imprensa. Além disso, encontramos nessa categoria a proposição de que os católicos só devem ler as publicações aconselhadas pela Igreja, caso contrário, correm o risco de se afastarem da religião devido às “más leituras”. No que se refere à concepção de residual podemos aferir que desde os primórdios dos meios de comunicação impressos a Igreja Católica esteve a frente, pois a prensa de tipos móveis criada no século XV foi bem recebida e desenvolvida nos mosteiros católicos.

Enquanto que, na categoria Educação Católica observamos os artigos “O catecismo nas escolas” (maio de 1941) e “Como atrair crianças ao catecismo” (agosto de 1943). Nessa categoria a noção dominante trata da necessidade de promover a educação religiosa, entenda-se educação religiosa católica, nas escolas, pois a pedagogização da propaganda política, não aconteceu, somente, através dos meios de comunicação, a promoção da educação católica também corroborou com essa perspectiva. Quando tratamos da concepção de residual para

essa categoria podemos considerar que o que se pretendia era não perder a presença do ensino religioso, entenda-se ensino religioso católico, nas escolas públicas, principalmente depois de 1937, quando o ensino religioso deixa de ser obrigatório e torna-se facultativo, nesse sentido, cabe apontarmos que até hoje encontramos em escolas públicas o ensino religioso sendo ministrado como disciplina obrigatória, mesmo tendo se tornado facultativo desde a Constituição Brasileira de 1937.

Durante a análise das Estruturas de Sentimento tivemos dificuldade em encontrar o contra-hegemônico, o outro, a novidade, a libertação, enfim o emergente, entretanto o discurso dominante e residual foram encontrados na revista. Com isso, no que se refere às categorias que tratam do entendimento sobre a pedagogização da propaganda política podemos apontar que a partir delas somos capazes de aferir que a Igreja pretendia promover a ideia de que sem a Igreja Católica era impossível a manutenção da ordem social, pois sem ela quem iria mediar com o Estado em favor da população. Além disso, sem a Igreja para dizer a população o que podia e o que não podia ser lido corria-se o risco da população ter seus valores distorcidos pelas “más leituras”, ainda, era preciso que a população ajudasse a manter uma conquista dos católicos, ou seja, o ensino religioso nas escolas públicas. Entretanto, no que se refere ao residual desse discurso podemos considerar que os esforços empreendidos na Era Vargas (1930-1945) são sentidos na sociedade brasileira do presente, pois como já observamos, o ensino religioso até hoje é ministrado como disciplina obrigatória em algumas escolas públicas, a Boa Imprensa Católica também conquistou um espaço nos meios de comunicação para os católicos que hoje possuem emissoras de rádio, de televisão, editoras, bem como publicações impressas. Além desses elementos, outro que podemos destacar se refere boa relação entre o governo e a Igreja Católica, trabalhos na área de comunicação, ciências sociais e políticas aproximam os presidentes Getúlio Vargas e Luiz Inácio Lula da Silva (Lula), a semelhança entre eles não se restringe aos seus governos voltados a causas populares e a aceitação e popularidade de seus mandatos, um dos elementos que poucos se referem é a preocupação de Lula com o apoio da Igreja Católica, tanto que no documentário Entreatos, que acompanha a campanha eleitoral em 2002 do então candidato a presidência da república, temos um trecho em que ele fala das suas esperanças em vencer a campanha eleitoral naquele ano devido aos apoios conquistados, entre eles enumera as bases da Igreja Católica, enfim esses são alguns resquícios do período analisado na revista “Rainha dos Apóstolos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como previsto na Constituição de 1934, haveria eleições em 1938, das quais Getúlio Vargas não poderia participar, por isso, desde 1936 já se observava articulações políticas e campanhas para evitar as eleições. Entre os anos de 1936 e 1937, Getúlio Vargas, discursou muitas vezes insinuando que o “perigo comunista” poderia se aproveitar das campanhas eleitorais para dar um golpe. Em setembro de 1937, um plano fictício, Plano Cohen, que simulava a tomada de poder pelos comunistas chegou a imprensa, que o tratou como verdadeiro. Alegando os riscos que o Brasil corria em novembro de 1937, Getúlio Vargas dá um novo golpe de Estado. A partir de então era preciso persuadir a população, através da pedagogização da propaganda política, criando uma imagem positiva do governo e, principalmente, de seu líder político. Nesse cenário, é que são construídos os elementos que compõe esse trabalho.

Ao final do trabalho, percebemos que as descobertas foram mostrando-se ao longo do percurso. Por isso, reservamos a conclusão, para relevar o que ainda não foi apresentado, relembrar algumas observações realizadas nas páginas anteriores, e, enfim, responder as questões e as inquietações que nos motivaram a iniciar este estudo.

O primeiro e o segundo capítulo pretendiam cercar o nosso objeto de estudo, pois antes de chegarmos ao nosso *corpus* de pesquisa era preciso explicar o que foi o Estado Novo (1937-1945), demonstrar como o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) se articulou nesse período, apresentar os conceitos fundamentais para a realização deste trabalho, ou seja, cultura, identidades, memória e esquecimento. Ainda, era preciso tratar do aporte teórico dos Estudos Culturais, bem como apresentar o percurso metodológico que desenvolvemos para a realização deste trabalho, até chegarmos às estruturas de sentimento.

Nesse sentido, o trabalho atendeu algumas demandas, principalmente, quando observamos que a Igreja Católica e o Estado promovem as mesmas ações, isso ao enaltecerem o amor ao chefe, respectivamente, Deus e Getúlio Vargas. Além de combaterem o mesmo inimigo, o comunismo e de censurarem os conteúdos que lhes são pertinentes, como os “maus” livros e as mensagens ou opiniões contra Getúlio Vargas. Com isso, observamos que os brasileiros eram cercados por todos os lados, ou seja, eram influenciados pela Igreja Católica, pelo Estado, pela escola (dirigida pela Igreja ou pelo Estado). Assim, a revista católica “Rainha dos Apóstolos” e a política de comunicação utilizada por Getúlio Vargas,

foram um meio de censurar, mas, principalmente, de mascarar alguns discursos, isso quando observamos falas como “amor ao Brasil” e “amor a Deus”.

Pretendemos responder como o contexto político social – comunismo, nacionalismo, patriotismo – colabora na pedagogização da propaganda política do período. A revista “Rainha dos Apóstolos”, assim como o governo procura estabelecer elementos de pedagogização da política, ao propor elementos de unidade, ou seja, através da defesa do nacionalismo/patriotismo, afirmando a população que só é “brasileiro” quem age dessa maneira. Além disso, tanto na revista quanto no governo temos um inimigo compartilhado, o comunismo, e ambos convocam a população para combatê-lo, sempre alertando a população para os perigos de sua implantação no Brasil.

Outra pergunta que surgiu durante a análise, corresponde ao questionamento: Por que a partir de 1939 temos publicações na categoria “Relação Governo/Igreja Católica”? Antes, apontamos que no primeiro ano do governo (novembro de 1937 e 1938) não encontramos publicações com esse tema, nossa análise indicava que provavelmente naquele período não fosse interessante publicações sobre o tema, mas a partir do Primeiro Concílio Plenário Brasileiro³⁸, em 1939, essa situação se modifica. A partir desse evento se torna impossível negar a proximidade entre Governo e Igreja Católica. Mesmo Getúlio Vargas insistindo até o final de sua vida pública que era agnóstico, não nos espanta que tenha sido uma figura política que soube lidar muito bem com os mais diversos grupos.

Por fim, um dos questionamentos suscitados no decorrer da análise compreende: O que implica esse significativo número de publicações na categoria “Relação Governo/Igreja Católica”? A partir da análise supomos que isso demonstre o caráter político da revista católica, mesmo que mascarado. Ainda, esse número de documentos sobre o tema indica o esforço em promover a pedagogização da população católica brasileira, pois como já observamos nos documentos apresentados anteriormente, é a partir dos textos presentes nessa categoria que será construído na revista católica uma imagem sobre o governo e seu governante, que serão reforçadas em elementos presentes na categoria que trata da Boa Imprensa Católica e da Educação Católica, uma vez que não há nada mais enfático do que delimitar a leitura (Boa Imprensa Católica) e promover uma educação doutrinária (Educação Católica).

Além desses novos questionamentos, um elemento que não podemos deixar de mencionar refere-se à análise dos documentos a partir das estruturas de sentimento, no que se

³⁸ O Primeiro Concílio Plenário Brasileira foi celebrado em 1939 na cidade do Rio de Janeiro e contou com a presença e apoio do então presidente do Brasil Getúlio Vargas.

refere às concepções de *dominante*, *residual* e *emergente*. Desse modo, diante dos estudos realizados para elaboração deste trabalho, é relevante destacarmos, nesta conclusão, a importância da estrutura de sentimento elaborada por Raymond Williams aos Estudos Culturais, pois na própria manifestação cultural, no caso a pedagogização da propaganda política na revista “Rainha dos Apóstolos”, identificamos principalmente aspectos de uma estrutura de sentimento dominante e residual e que expressa uma experiência vivida em uma época específica de nossa história, mas que se reflete até hoje. Entretanto, a presença incipiente da concepção emergente nas análises realizadas na revista católica “Rainha dos Apóstolos” é resultante dessa aproximação entre a Igreja e o Estado Novo que não permitiu a inserção do novo, pois para que coisas diferentes surjam, para que outras religiões, dogmas, pensamentos políticos, culturais, enfim era preciso que essas instituições estivessem abertas a novidades, entretanto, isso não aconteceu e isso justifica a ausência da concepção emergente na análise.

REFERÊNCIAS

A IGREJA e o Estado. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XVIII, n. 5, p. 113-114, mai. 1940.

A PÁTRIA e o rosário. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XXI, n. 10, p. 247-248, out. 1943.

AOS corpos docentes. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XVI, n. 10, p. 213-214, out. 1938.

ARAÚJO, S. M. S. **Cultura e educação**: uma reflexão com base em Raymond Williams. Apresentado na 27ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), GT: Movimentos Sociais e Educação, nov. 2004. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt03/t0315.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2013.

ARMANI, C. H. **Discursos da nação**: historicidade e identidade nacional no Brasil em fins do século XIX (Recurso eletrônico). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edição 70, 2004.

BOLZAN, G. A quem compete educar? **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XXIII, n. 8, p. 173-174, ago. 1945.

_____. O catecismo nas escolas. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XIX, n. 5, p. 105-106, mai. 1941.

_____. O Comunismo. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XVI, n. 2, p. 33-34, fev. 1938.

_____. O papel da religião na educação. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XXIII, n. 9, p. 197, set. 1945.

BORIN, M. R. **Por um Brasil católico**: tensão e conflito no campo religioso da república. 2010. 369f. Tese (Doutorado em Estudos Históricos e Latino-Americanos), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

BURKE, P. Problemas da história cultural. In: **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 32-45.

BUSATO, J. Pela fé, pela civilização e pela Pátria. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XXII, n. 9, p. 183-186, set. 1944.

CAMARA, R. A propósito do Dia Missionário. **Rainha dos Apóstolos**, Santa Maria, ano XXII, n. 9, p. 205, set. 1944.

CAMPOS, N. Ação católica: o papel da imprensa no processo de organização do projeto formativo da Igreja católica no Paraná (1926-1939). **Educar**, Curitiba, n. 37, p. 259-278, mai./ago. 2010.

CAPELATO, M. H. R. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: Dulce Pandolfi. (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV, 1999, p. 167-178.

_____. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge; Delgado, Lucilia de Almeida Neves (Org.). **O Brasil Republicano**. O tempo do nacional estadismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CAREGNATO, C.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, 2006, out-dez; 15 (4), p. 679-84.

CEVASCO, M. E. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CHARTIER, R. História intelectual e história das mentalidades: uma dupla reavaliação. In: **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002, p. 29-67.

CHIARAMONTE, J. C. **Fundamentos Intelectuais e Políticos da Independência**. Notas para uma nova história intelectual da Íbero-América. Buenos Aires: Teseo, 2010.

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. Maio/Jun/Jul/Ago, nº23, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03.pdf>. Acesso em 19 de março de 2013.

COUTROT, A. Religião e política. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996. p. 331-364.

DALMOLIN, A. R.A **Rainha de Lauro Trevisan: modernização e religiosidade**. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil, 2007.

DA MATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DA ROSA, G. Escandalizando os negros!!! **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XXII, n. 12, p. 274-275, dez. 1944.

É ASSIM que se trabalha. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XXII, n. 9, p. 194-195, set. 1944.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: EdUNESP, 2005.

ESCOSTEGUY A. C. D. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, v. 4, n. 11, p. 115-135, nov. 2007.

_____. Estudos Culturais: uma perspectiva histórica. In: **Cartografias dos estudos culturais** – Uma versão latinoamericana. Ed. on-line – Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. Quando a recepção já não alcança: os sentidos circulam entre a produção e a recepção. **E-compós**, Brasília, v. 12, n. 1, jan./abr. 2009.

FALCON, F. J. C. História cultural ou história da cultura. In: **História cultural: uma visão sobre a sociedade e cultura**. Rio de Janeiro: Campus, 2002, p. 57-78.

FERREIRA, J.; COIRO. A. L. M. Visibilidade negra na coluna social do jornal Apalavra: estruturas de sentimento dominantes, residuais e emergentes. In: **Anais do IV SIPECOM: Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação. Estratégias e Identidades Midiáticas**, Santa Maria – UFSM, 12 a 14 de setembro de 2011.

FISCHER, E. M. A persuasão na perspectiva da publicidade: algumas aproximações iniciais. **Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Santos, p. 1-15, 2007.

FILMER, P. A Estrutura do Sentimento e das formações sócio-culturais: o sentido de literatura e de experiência para a sociologia da cultura de Raymond Williams. **Estudos de Sociologia**. Araraquara, v.14, n.27, p.371-396, 2009.

FILOSO, M. A arma católica nas missões. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XVIII, n. 9, p. 195-196, set. 1940.

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

HALL, S. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte/Brasília: Editora da UFMG/UNESCO, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

HOMENAGEM do governo ao episcopado. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XVII, n. 8, p. 178-179, ago. 1939.

ISAIA, A. C. **Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

JACKS, N. Audiência nativa: cultura regional em tempos de globalização. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 2, p. 1-15, julho/dezembro 1997.

JEFFMAN, T. M. W. **Comunicação e imaginário**: Getúlio Vargas nas redes sociais. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)– Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

JOHNSON, R. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 9-38.

KAWANO, D. R.; TRINDADE, E. A publicidade contemporânea e as teorias de comunicação de massa. **Revista Anagrama**, São Paulo, Ano 1, 1. ed., p. 1-15, set./nov. 2007.

LENHARO, A. **Sacralização da política**. Campinas, SP: Papirus, 1986.

LEVINE, R. **O Brasil e a Era Vargas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LIBÂNEO, J.C. Pedagogia e Pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001.

LIMA, V. A. **Mídia**: Teoria política. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes/EDUSC, 1989.

MANUAL do Soldado católico. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XX, n. 9, p. 216, set. 1942.

MARTINS, E. C. R. **Cultura e poder**. São Paulo: Saraiva, 2007.

NEVES, R. F. Como atrair as crianças ao catecismo. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XXI, n. 8, p. 172-175, ago. 1943.

NOGUEIRA, F.H.G.; CAPELLARI, M. A. **Ser protagonista**. São Paulo: Edições SM, 2010.

NO INSTITUTO Histórico. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XVII, n. 8, p. 179, ago. 1939.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, PUC, n.10, p.7-29, dez. 1993.

O BOLCHEVISMO. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XVII, n. 6, p. 115, jun. 1939.

OLIVEN, R. G. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 2006.

Pe. Eurico Maria. Dolorosa Interrogação. **Rainha dos Apóstolos**, Santa Maria, ano XXI, n. 9, p. 213, set. 1943.

PELO bom cinema. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XVIII, n. 9, p. 205, set. 1940.

PIEDRAS, E. R.; JACKS, N. A contribuição dos estudos culturais para a abordagem da publicidade: processos de comunicação persuasiva e as noções de “articulação” e “fluxo”. **ECompós**, Brasília, v.6, p. 1-16, 2006.

PRESIDENTE Getúlio Vargas. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XXI, n. 5, p. 112-113, mai. 1943.

RIBAS, A. C. A boa imprensa, a política e a família: os discursos normatizantes no jornal *O Apóstolo* (1929-1959). **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon-PR, n. 24, p. 96-106, jan./jul. 2011.

SANTOS, A. Aspirações comunistas. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XXIII, n. 11, p. 246-247, nov. 1945.

_____. O Brasil deve ser de Cristo. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XXIII, n. 6, p. 127-128, jun. 1945.

_____. Um decreto-lei que se impunha. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XIX, n. 6, p. 132-133, jun. 1941.

SANTOS, C. X. “**Nossa Senhora de Medianeira Rogai por Nós**”. A relação do Estado Novo com a Igreja Católica através dos círculos operários no Rio Grande do Sul (1937-1945). 2008. Dissertação (Mestrado em História)– Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SEIXAS, J. A. Tênuas fronteiras de memórias e esquecimentos: a imagem do brasileiro jecamacunaímico. In: GUTIÉRREZ, H.; NAXARA, M. R. C.; LOPES, M. A. de S. (orgs.). **Fronteiras: paisagens, personagens, identidades**. São Paulo: Olho D’Água, 2003.

SERÁ possível o comunismo no Brasil. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XXIII, n. 8, p. 183-184, ago. 1945.

SERRANO, A. Vítima da má leitura. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XXII, n. 11, p. 255, nov. 1944.

SILVEIRA, D. O. Boa e da Má Imprensa: militância católica e cultura política tradicionalista nas páginas d’O Arquidiocesano. **História Agora**, v. 2, n. 11, p. 137-153, jul. 2011.

SILVA, A. Soldado da Pátria – Soldado de Deus. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XIX, n. 4, p. 82-85, abr. 1941.

_____. Uma onda de sangue. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XIX, n. 6, p. 127-131, jun. 1941.

_____. Um verniz da religião. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XX, n. 6, p. 128-130, jun. 1942.

SOLDERA, A. Más leituras. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XXI, n. 2 e 3, p. 70, jun. 1945.

_____. O alarme do escândalo. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XVII, n. 1, p. 7-9, jan. 1939.

STRASSBURGER, D.; COIRO MORAES, A. L. A circulação cultural da RBS TV: análise das relações entre produtores, produtos e consumidores. **Anais** do 9º Encontro Nacional de História da Mídia – UFOP, Ouro Preto, Minas Gerais. 30 de maio a 1º de junho de 2013.

TEIXEIRA, E. R. S. Estrutura de Sentimento de Raymond Williams: uma abordagem devocional do festejo do glorioso São José de Ribamar. **Revista Diálogos**. São Paulo, v. 1, n. 10, p. 95-118, nov. 2013.

VÁRZEA, H. Aquele velho. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XIX, n. 2, p. 33-34, fev. 1941.

_____. A suprema dor. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XX, n. 2, p. 41-43, fev. 1942.

_____. Cristo e o Brasil. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XIX, n. 8, p. 171-172, ago. 1941.

WILLIAMS, R. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **La larga revolución**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

_____. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

_____. **Marxismo e literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **Palavras-chave:** um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007 [1983]. P. 117-124.

ZELADORES da nossa revista. **Rainha dos Apóstolos.** Santa Maria, ano XXI, n. 6, p. 143, jun. 1943.

APÊNDICE A – Planilha *Corpus* de Pesquisa

TÍTULO: Rainha dos Apóstolos

NÚMERO DE REVISTAS SELECIONADAS: 96 exemplares

ARQUIVO: Arquivo Provincial Pallottino, Santa Maria, RS

CORPUS DE PESQUISA: 156 documentos

Data	Páginas	Título	Espécie	Temática/Assunto	Autor
fev./ mar. 1937	p. 42-43	A Hora que passa	artigo	Nacionalismo/Patriotismo, defesa por Deus e pela Pátria	Pe. José Busato P.S.M.
ago. 1937	p. 164- 166	IV Centenário do Paraguai e o seu I Congresso Eucarístico Nacional	artigo	IV Centenário do Paraguai e I Congresso Eucarístico Nacional	Pe. José Busato P.S.M.
nov. 1937	p. 233- 236	Pequeno Catecismo Missionário	artigo	Síntese para formar o povo no espírito da catequese	Pe. Asterio Paschoal
dez. 1937	p. 260- 264	Notas de viagem	artigo	Descrição sobre uma viagem a Alemanha e a situação religiosa no país	Pe. Rafael Iop P.S.M.
dez. 1937	p. 272- 274	Reunião de Professoras	artigo	Ensino religioso nas escolas	Professora F.C.P;
fev. 1938	p. 33-34	O Comunismo	artigo	Propriedade privada	Pe. Gabriel Bolzan P.S.M.
abr.19 38	p. 82-84	A boiada e o Bolchevismo	crônica	Comunismo/Bolchevismo	não
jun. 1938	p. 137- 138	Vamos endireitar o mundo	crônica	Mudar as ideais vigentes na sociedade	Hipólito Várzea
ago. 1938	p. 178- 180	Congregação da doutrina cristã	artigo	Ensino religioso nas escolas	Pe. José Busato P.S.M.
set. 1938	p. 195- 197	Com os que querem e não querem	artigo	Ensino religioso nas escolas	Pe. José Busato P.S.M.
set. 1938	p. 207- 208	Espanha	artigo	Espanha sob o governo do general Franco se torna católica	não
out. 1938	p. 204	O dever dos educadores	nota	Elementos que devem ser seguidos para a educação católica	não
out. 1938	p. 213- 214	Aos corpos docentes	nota	Obras da Santa Infância e como os professores devem conduzir seus alunos para participarem	não

jan. 1939	p. 7-9	O alarme do escândalo	artigo	Os perigos do comunismo	Artur Soldera P.S.M.
jun. 1939	p. 115	O bolchevismo	nota	Os perigos do comunismo	não
jun. 1939	p. 117- 119	O ensino religioso nas escolas públicas	artigo	Ensino religioso nas escolas	não
jun. 1939	p. 129- 130	Espiritismo e loucura	artigo	Espiritismo, as loucuras promovidas pelo espiritismo	Alfeu dos Santos
ago. 1939	p. 166- 172	Notas de viagem	artigo	Descrição da viagem ao Rio de Janeiro para participação no Concílio Plenário Brasileiro	Pe. Rafael Iop P.S.M.
ago. 1939	p. 172- 183	O concílio plenário brasileiro	artigo	Concílio Plenário Brasileiro	não
ago. 1939	p. 178- 179	Homenagem do governo ao episcopado	artigo	Jantar oferecido pelo governante Getúlio Vargas ao episcopado	não
ago. 1939	p. 179	No Instituto Histórico	nota	Homenagem que o Instituto Histórico prestou ao Episcopado Brasileiro	não
set. 1939	p. 191- 192	III Congresso Eucarístico Nacional	artigo	Convida os católicos para participarem do III Congresso Eucarístico Nacional, a realizar-se de 3 a 7 de setembro em Recife, Pernambuco.	Filântemo d'Aguilar
set. 1939	p. 192- 193	Hino Oficial do III Congresso Eucarístico Nacional	hino	Hino Oficial do III Congresso Eucarístico Nacional	D. Aquino Corrêa
set. 1939	p. 196- 200	Ruínas que edificam	crônica	Visita as ruínas de São Miguel das Missões que estimulam a vida religiosa	não
set. 1939	p. 203- 204	A Igreja e a estatística brasileira	artigo	Os católicos devem responder as pesquisas feitas pelo IBGE	Pe. José Busato P.S.M.
nov. 1939	p. 262- 263	A lição do Uruguai	artigo	Governo uruguaio reconhece a importância da Igreja Católica	Pe. José Busato P.S.M.
jan. 1940	p. 19-20	Os palotinos na Polônia	artigo	Situação dos padres na Polônia	não
fev. 1940	p. 30-32	O Turco da Esquina	crônica	Conta a história de um francês que não honrava a sua origem	Pe. Pedro Luiz
mar.	p. 66-67	O coração do Beato Padre Roque	artigo	Passagem do coração do Padre Roque por cidades do Rio Grande do	não

1940		Gonzáles		Sul	
abr. 1940	p. 88-89	Feminibilidade	artigo	Masculinização das mulheres	não
mai. 1940	p. 113-114	A Igreja e o Estado	artigo	A importância da boa relação entre a Igreja e o Estado	não
jun. 1940	p. 130-132	O recenseamento no Brasil	artigo	Divulgação do recenseamento no Brasil em 1940	não
jul. 1940	p. 156-158	O recenseamento no Brasil	artigo	Divulgação do recenseamento no Brasil em 1940	não
set. 1940	p. 195-197	A arma católica nas missões	artigo	Defesa da política da Boa Imprensa Católica	Mario Filoso
set. 1940	p. 197-200	Uma heresia nacional	artigo	Espiritismo apresentado aos leitores como uma religião falsa	Alfeu dos Santos
set. 1940	p. 205	Pelo bom cinema	nota	Cinema como meio de atrair as multidões para as ações católicas	não
out. 1940	p. 288	Os missionários e os seus trabalho	artigo	Defende o trabalho dos missionários em locais de difícil acesso	não
out. 1940	p. 231-232	Valiosos testemunhos	artigo	Criação do Museu em São Miguel das Missões	não
out. 1940	p. 235-236	Merecidas homenagens	nota	Conta a história de um padre salesiano entre os indígenas	não
out. 1940	p. 265	Última hora	nota	Convoca os católicos a contribuírem com a Propagação da Fé	D. Antônio Reis
dez. 1940	p. 310-311	Um retiro fechado na região serrana	artigo	Retiro com professoras e catequistas em Cruz Alta	não
jan. 1941	p. 4	Viajando	crônica	Trata das afirmações supersticiosas presentes nas publicações espíritas	Pe. Amadeu Silva
jan. 1941	p. 8	No campo de batalha	artigo	Fala dos perigos das teorias modernas que multiplicam pagãos	Prof. José Hansel
fev. 1941	p. 31-32	Uma do espiritismo	crônica	Narra a história de uma jovem morte pelas práticas de cura do espiritismo	Alfeu dos Santos.
fev. 1941	p. 33	Aquele velho	crônica	Narra a história de um homem que participou da Guerra do Paraguai e que na velhice não foi reconhecido pelo seu heroísmo e patriotismo	Hipólito Várzea
abr.	p. 82-85	Soldado da Pátria – Soldado de	artigo	Conta a história de um homem que já foi soldado da Pátria e que	Pe. Amadeu

1941		Deus		naquele período era soldado de Deus, tanto que diminui o número de outras religiões na região	Silva
abr. 1941	p. 94-95	Província brasileira dos palotinos	artigo	Trata sobre a presença dos Palotinos no Brasil.	Pe. Celestino Trevisan e Rafael Pivetta
mai. 1941	p. 105-106	O catecismo nas escolas	artigo	Orienta as catequistas a como proceder nas aulas de educação religiosa nas escolas públicas	Pe. Gabriel Bolzan P.S.M.
jun. 1941	p. 127-131	Uma onda de sangue	crônica	Trata do controle da natalidade e de que a pobreza não é razão para não ter filhos, pois podem contar com o auxílio do governo.	Pe. Amadeu Silva
jun. 1941	p. 132-133	Um decreto-lei que se impunha	artigo	Trata sobre o auxílio aos chefes de família com poucos recursos e mais de oito filhos, decreto de 19/04/1941.	Alfeu dos Santos
jul. 1941	p. 149-152	Quando e como começar o ensino do catecismo	artigo	Referência a educação religiosa entre as famílias católicas	Pe. Gabriel Bolzan P.S.M.
ago. 1941	p. 171-172	Cristo e o Brasil	artigo	Apresenta vários elementos da História do Brasil, para afirmar que o país pertence a Cristo	Hipólito Várzea
set. 1941	p. 195-197	Males e remédios	artigo	Apresenta os problemas e aponta as possíveis soluções para as dificuldades religiosas do período	Alfeu dos Santos
set. 1941	p. 208	Consolemos o Santo Padre	nota	Pedido do Papa pelas Missões, referência a Guerra e ao caos. Ainda é proposto que os brasileiros devem agradecer pela paz contribuindo com as Missões católicas.	não
out. 1941	p. 217	"Introduzindo..."	nota	Pedido do Papa para que os brasileiros auxiliem as missões	não
out. 1941	p. 220-221	O problema máximo das missões	artigo	Referência a guerra e aos milhões gastos com ela	não
out. 1941	p. 224-225	A situação da mulher entre os infiéis	artigo	Faz referência a como vivem as mulheres nas terras pagãs	Hipólito Várzea
out. 1941	p. 249	O trabalho da mulher nas missões	artigo	Fala da importância das mulheres para o trabalho nas missões	não
nov. 1941	p. 257-259	O irmão sofre?	artigo	Trata dos problemas de saúde pública promovido pelos espíritas	Alfeu dos Santos
jan. 1942	p. 10	O mal moderno e seus remédios	artigo	No texto a Ação Católica é apresentada como um caminho, como a solução dos conflitos mundiais	Alfeu dos Santos

fev. 1942	p. 32-34	Católicos de estufas	crônica	Narra diferentes histórias de católicos que de alguma maneira desconhecem ou ignoram os dogmas da Igreja Católica	Pe. Amadeu Silva
fev. 1942	p. 38-39	Um passeio de demônios	crônica	Segundo o texto, estaria o Brasil nas mãos do demônio.	Mario Filoso
fev. 1942	p. 39-40	Rumo ao Congresso Eucarístico Nacional	artigo	Trata da importância da organização de um Congresso Nacional Eucarístico no Brasil, e de como os católicos podem colaborar com orações e doações	Alfredo Venturini
fev. 1942	p. 41-43	A suprema dor	crônica	Relata a história de um jovem ferido na guerra que num momento de "suprema dor" retoma a fé em Deus	Hipólito Várzea
fev. 1942	p. 53	Proteção da virgem	artigo	O texto mescla histórias da guerra com a fé na religião católica	não
fev. 1942	p. 60	Departamento Nacional de Saúde	nota	Referências aos cuidados e higiene, para evitar a febre tifóide (tifo).	não
mai. 1942	p. 111	Espiritismo	nota	Trata dos perigos do espiritismo	não
jun. 1942	p. 123	Inimigos a vista	artigo	Apresenta os principais inimigos das missões (protestantes, comunistas, feiticeiros)	Pe. Gabriel Bolzan P.S.M.
jun. 1942	p. 128-130	Um verniz da religião	artigo	Aponta que é preciso instruir os jovens no catecismo e que a partir da educação católica é possível instruir os jovens no catolicismo	Pe. Amadeu Silva
jun. 1942	p. 138	A paz do mundo	nota	Apresenta um texto de 1919 que afirma que as nações não devem entrar em conflito novamente	Pe. Carlos Borromeu
jun. 1942	p. 142	Folhas palotinas	nota	Fala da experiência dos palotinos no Uruguai	não
jul. 1942	p. 147-148	A agonia do velho templo	crônica	Trata das destruições promovidas pela guerra (sem embates físicos)	Hipólito Várzea
jul. 1942	p. 152-153	Católicos da última fornada	crônica	Narra diferentes histórias de católicos que de alguma maneira desconhecem ou ignoram os dogmas da Igreja Católica	Pe. Amadeu Silva
jul. 1942	p. 162-163	ArgéneFati	artigo	Propõe que com o desenvolvimento da Ação Católica a população tomou conhecimento que também é possível a santidade aos leigos	Pe. Gabriel Bolzan P.S.M.
ago. 1942	p. 171-176	A guerra dos feiticeiros	artigo	Trata de inúmeros grupos pagãos e de suas práticas supersticiosas	Mario Filoso

ago. 1942	p. 180- 181	A benzedura	artigo	Nele é condenado as práticas de benzedura, afirmando que essa prática é ignorância	Hipólito Várzea
set. 1942	p. 197- 199	A praga moderna	artigo	Afirma que as práticas anti-concepcionais são anti-naturais e encabeçadas pelo pastor metodista Malthus	Pe. Amadeu Silva
set. 1942	p. 199- 200	Como o espiritismo cura	artigo	Narra as "falcatruas" promovidas pelo Espiritismo, que cobra caro por medicamentos que são distribuídos gratuitamente	Alfeu dos Santos
set. 1942	p. 208- 209	A Igreja...Só a Igreja...	nota	Afirma que quem ficar ao lado da Igreja estará protegido da crise.	Venillot
set. 1942	p. 216	Manual do Soldado católico	nota	Publiciza o livro "Manual do Soldado Católico", e através da publicação presta um serviço ao Exército e a Pátria	não
out. 1942	p. 227- 230	O monstro do inferno	artigo	Trata da guerra, fome, miséria, frio e doença que devastavam as missões católicas durante a 2ª Guerra Mundial	Mario Filoso
out. 1942	p. 241	Escutai brasileiros	nota	Fala que os verdadeiros patriotas são os que colaboram com a Ação Católica	não
nov. 1942	p. 247- 249	A necessidade do ensino religioso nas escolas	artigo	Afirma a importância do ensino religioso nas escolas	Pe. Gabriel Bolzan P.S.M.
nov. 1942	p. 252- 253	O mundo marcha	artigo	Comenta as tragédias que assolavam a sociedade naquele período	Alfeu dos Santos
dez. 1942	p. 271	Voltar atrás	nota	Afirma que o Brasil precisa retomar a sua origem e retornar a Igreja Católica	Hipólito Várzea
jan. 1943	p. 1	1943	editorial	A mensagem de início de ano é sempre otimista, nesse ano é uma mensagem com um tom preocupado, devido a guerra e a instabilidade do período.	não
jan. 1943	p. 11-13	Respeito ao belo sexo	artigo	Retrata a situação das mulheres na sociedade, fala da falta de educação entre as mulheres naquele período	Pe. Ascâncio Brandão
fev. 1943	p. 30-32	Rumo ao IV Congresso Eucarístico Nacional	artigo	Apresenta os bons resultados do IV Congresso Eucarístico Nacional	Pe. Gabriel Bolzan P.S.M.
fev. 1943	p. 41	Fale a História	nota	Crítica a Henrique VIII, rei da Inglaterra e fundador da Igreja Anglicana.	não
mar. 1943	p. 51-53	Verdades sobre o protestantismo	artigo	Apresenta os defeitos e vícios do protestantismo	Pe. Amadeu Silva
abr.19	p. 77-79	Um tapa na História	artigo	Fala sobre os protestantes e de como deturpam "a verdadeira" história	Alfeu dos Santos

43				de Martinho Lutero.	
abr. 1943	p. 90	O homem é um animal religioso	nota	Afirma que a religião faz parte do que compõe o homem	Pe. Brandão
mai. 1943	p. 100- 103	Rumo ao IV Congresso Eucarístico Nacional	artigo	Apresenta a trajetória dos padres durante os 33 dias de viagem para o IV Congresso Eucarístico Nacional	Pe. Gabriel Bolzan P.S.M.
mai. 1943	p. 112- 113	Presidente Getúlio Vargas	artigo	No texto, observamos um texto elogioso ao presidente Getúlio Vargas	não
mai. 1943	p. 113- 115	Receitas espíritas	artigo	Trata os usos medicinais utilizados pelos espíritas como um problema de saúde pública.	não
jun. 1943	p. 123- 126	Fátima e o fim desta Guerra	artigo	Trata das histórias de aparição de Fátima, e afirma que só com a devoção a Fátima é possível o fim da guerra	Pe. Pedro Luiz
jun. 1943	p. 126- 128	O sacrifício supremo	artigo	Relata as tristes histórias vivenciadas durante a guerra	Alfeu dos Santos
jun. 1943	p. 138	O feitiço voltou-se contra o feitiçeiro	nota	Faz referência aos homens que ficam constrangidos em obedecerem ao evangelho, mas apresentam uma submissão completa e cega aos tiranos.	F. B. Destefani
jun. 1943	p. 140- 141	Meninas fúteis	crônica	Faz uma crítica as jovens afirmando que elas são meninas fúteis	Assis Garrido
jun. 1943	p. 142- 143	Zeladores da nossa revista	artigo	Agradecimento aos que colaboram com as renovações e novas assinaturas da revista, bem como a defesa da boa imprensa católica	não
jul. 1943	p. 149- 150	O momento atual	artigo	Trata das dificuldades pelas quais as sociedades estavam passando	Alfeu dos Santos
jul. 1943	p. 152- 153	Quinta-colunas da Pátria	artigo	No texto encontramos uma crítica aos casais sem filhos, isso ao afirmar que quem faz isso enfraquece o Brasil, nesse sentido são apresentados como quinta-coluna	Pe. Pedro Luiz
ago. 1943	p. 172- 175	Como atrair as crianças ao catecismo	artigo	Relata como a catequista deve se portar para cativar as crianças	Prof. Rudá F. Neves
ago. 1943	p. 190	Tempos difíceis	nota	Retrata as dificuldades enfrentadas pelos padres na Europa.	não
set. 1943	p. 194- 195	O heroísmo do mundo católico	artigo	Fala da guerra e afirma que nem isso diminuiu a ajuda as missões nos países atingidos	não
set. 1943	p. 200- 202	Juventude Missionária	artigo	Relação patriotismo, Brasil, guerra, crise, campanha missionária.	não

set. 1943	p. 209	Pela Pátria	nota	Apresenta a situação dos brasileiros no interior da floresta que estavam esquecidos, mas que devido os esforços da Igreja eram entregue a Pátria	não
set. 1943	p. 212-213	Dolorosa Interrogação	artigo	Pede auxilio pelas missões no Xingu, relacionando Igreja e Estado	Pe. Eurico Maria
set. 1943	p. 215-217	Um novo mártir riograndense	artigo	Narra a trajetória e morte do Pe. Cristovão de Mendonza, apresentado como o quarto mártir rio-grandense	não
out. 1943	p. 247-248	A Pátria e o rosário	nota	Trata dos que ainda não conhecem a religião católica no Brasil e, com isso demonstra a importância da Igreja para a Pátria	não
jan. 1944	p. 3	1944	editorial	Afirma a importância da defesa da Boa Imprensa Católica	não
jan. 1944	p. 4	De pé	artigo	Os católicos são tratados como soldados de Cristo	Alfeu dos Santos
jan. 1944	p. 21-22	Vila São Paulo-Sobradinho	nota	Relação das missões com o patriotismo	não
fev. 1944	p. 27-30	A ação católica quer	artigo	O texto trata da importância e objetivos da Ação Católica	Pe. Gabriel Bolzan P.S.M.
fev. 1944	p. 43	O que disse Lenine em seu leito de morte	nota	Afirma que Lênin nas vésperas de morrer que a Rússia precisava de santos, como São Francisco de Assis	não
mar. 1944	p. 52-53	A paz do mundo	artigo	Trata da verdadeira paz no mundo e afirma que ela está no amor a Deus e ao próximo	Pe. Palma
mar. 1944	p. 54-56	Aos católicos	artigo	Apresenta o espiritismo como uma falsa doutrina	não
mar. 1944	p. 56-58	Como sempre	artigo	Afirma que os católicos tem resistido aos maiores cataclismas da História	não
mai. 1944	p. 87-88	Maria Medianeira de Todas as Graças	artigo	Apresenta Maria Medianeira de Todas as Graças como a intermediaria entre as pessoas e Deus.	não
mai. 1944	p. 88-90	Revelado o Segredo de Fátima	artigo	Apresenta os dois segredos de Fátima revelados pela Irmã Lúcia	Mario Filoso
jun. 1944	p. 111-112	O homem e a sociedade	artigo	Afirma que cabe ao homem a criação da boa ou da má sociedade	Alfeu dos Santos
jul. 1944	p. 135-136	O crime dos maus	artigo	Afirma que só através da religião católica que o homem se torna bom	Pe. Palma

jul. 1944	p. 152- 153	O esporte da vida	nota	Analogia do que era empregado pelo governo para estabelecer relações com o patriotismo, em que a vida é apresentada como um esporte	Hipólito Correa
jul. 1944	p. 153- 154	Porque repelir o espiritismo	artigo	Apresenta 10 motivos para repelir o espiritismo	José Schiavo
ago. 1944	p. 161	O espiritismo em foco	crônica	Apresenta uma história em que os espíritas afirmaram que um parente havia falecido, sendo essa notícia falsa. Ainda, tratam o espiritismo como ignorância	Pe. Amadeu Silva
ago. 1944	p. 162- 163	Círculo esotérico	artigo	Apresenta os círculos esotéricos e afirma que eles são o espiritismo sobre a máscara do ocultismo	Pe. Alfeu dos Santos
ago. 1944	p. 175	A mulher e o sacrifício	nota	Afirma que é exigido da mulher em várias fases de sua vida o sacrifício	Tia Raquel
ago. 1944	p. 177	Curso livre de jornalismo	nota	Trata de um curso para a formação de jornalistas	não
set. 1944	p. 183- 186	Pela fé, pela civilização e pela Pátria	artigo	Falam da importância de ajudar as missões e os missionários, e apresenta essa atitude como um ato de patriotismo	Pe. José Busato P.S.M.
set. 1944	p. 188- 190	Para onde vai o dinheiro do Vaticano	artigo	Tratam da importância dos brasileiros continuarem colaborando com as obras das Missões	não
set. 1944	p. 194- 195	É assim que se trabalha	artigo	Afirma que o governo de Getúlio Vargas era fundamental para o desenvolvimento do país	não
set. 1944	p. 195- 201	Os missionários católicos são os verdadeiros nacionalizadores dos nossos selvícolas	artigo	Utilizam o discurso de um militar, o qual é legitimado no contexto de guerra, para ressaltarem a importância dos missionários católicos.	não
set. 1944	p. 203- 204	O problema do índio é a má fé	artigo	Afirma que os missionários e não os militares estão entre os indígenas em locais isolados	Capitão S. Sombra
set. 1944	p. 204- 207	A propósito do dia missionário	artigo	Demonstra que os missionários auxiliaram na construção do Brasil	Major Rinaldo Camara
set. 1944	p. 207- 208	Missionários	artigo	Aponta que coube aos missionários colaborarem na construção do Brasil, e apresenta Roque Gonzales como um dos missionários responsáveis	Walter Spalding
out. 1944	p. 221- 222	Catolicismo e protestantismo	artigo	O texto faz uma crítica o protestantismo	Pe. Amadeu Silva
nov. 1944	p. 239	Nossa Senhora e o Comunismo	artigo	Comunismo como o terror do mundo civilizado e cristão, ainda, afirma que Nossa Senhora irá derrotá-los.	R. Soares
nov.1	p. 255	Vítima da má leitura	crônica	Conta a história de Gervásio Bondio que antes de ser morto, na	Agostinho

944				guilhotina, em 1853, afirma que as leituras imorais e incrédulas o levaram a se tornar um criminoso	Serrano
dez. 1944	p. 274-275	Escandalizando os negros!!!	artigo	Trata de um caso que aconteceu na África, em que um negro, recém batizado, tem acesso a uma das revistas que a Igreja condena, a má imprensa	Pe. Gabriel da Rosa
dez. 1944	p. 278	Combatendo o espiritismo	nota	Afirma que não tem cabimento em uma cidade essencialmente católica a Prefeitura ceder espaço para uma conferência espírita	não
jan. 1945	p. 5-7	O farol que ilumina as nações	artigo	Nesse caso, o farol que ilumina as nações corresponde a Igreja Católica, que contribuiu com a difícil situação das sociedades daquele período	D. João Becker
jan. 1945	p. 10	Congresso Católico em José Bonifácio	nota	Trata sobre o Congresso Católico na cidade de José Bonifácio, que aconteceu entre os dias 21 a 28 de janeiro de 1945	não
jan. 1945	p. 20-22	Congresso Eucarístico Interparoquial de Vale Vêneto	artigo	Trata da realização do II Congresso Eucarístico Interparoquial de Vale Vêneto e dos objetivos desse evento	Pe. Alfredo Venturini
fev. 1945	p. 70	Más leituras	nota	Trata que até mesmo Rousseau reconhecia os riscos da leitura de algumas obras, tanto que no prefácio de um de seus romances afirmou: "Toda moça que ler esse livro se perderá"	
mai. 1945	p. 101-102	Dando troco certo	crônica	Trata da discussão entre um católico e um espírita, em que o católico com algumas argumentações deixa o espírita sem resposta	Hipólito Varzea
jun. 1945	p. 127-128	O Brasil deve ser de Cristo	artigo	Demonstra que historicamente o Brasil é um país católico	Alfeu dos Santos
ago. 1945	p. 173-174	A quem compete educar?	artigo	Afirma que a educação cabe a Deus, a Igreja e aos pais, nesse sentido defende a educação católica	Pe. Gabriel Bolzan P.S.M.
ago. 1945	p. 183-184	Será possível o comunismo no Brasil	artigo	Trata dos "perigos" caso o comunismo chegue ao Brasil	não
ago. 1945	p. 188	A Igreja!... Só a Igreja!	artigo	Afirma que nenhum grande império resistiu, apenas a Igreja Católica persistiu ao longo dos séculos.	Veillot
set. 1945	p. 197	O papel da religião na educação	artigo	Trata da importância da educação católica para crianças e adolescentes	Pe. Gabriel Bolzan P.S.M.
set. 1945	p. 206-209	As missões e o pós-guerra	artigo	O Pe. João Considine apresenta as mudanças nas missões após a 2ª Guerra Mundial	não
set. 1945	p. 214-215	O cura de Ars e o protestante	artigo	Trata da conversão de um protestante ao catolicismo	não

nov. 1945	p. 245	???	artigo	Trata dos grandes questionamentos que movimentam a sociedade após o fim da 2ª Guerra Mundial	Pe. Amadeu Silva
nov. 1945	p. 246- 247	Aspirações comunistas	crônica	Afirma que os comunistas desejam fartura, diversão, dinheiro, bem-estar, e ainda acreditam que isso só é possível com o advento do comunismo	Alfeu dos Santos
nov. 1945	p. 250	Colaboração católico-comunista?	artigo	Afirma que apesar de estar sendo defendida a colaboração entre católicos e comunistas, não se pode conceber os católicos-comunistas, pois são termos que se excluem	não
dez. 1945	p. 282- 283	Uma reportagem sobre a China	artigo	Trata de religião católica, da guerra, e do comunismo na China. Ainda, afirma que o comunismo é uma ameaça não só para a religião Católica, mas para toda a China	não

